



ELEIÇÕES 2026

Começa prazo para realização da propaganda intrapartidária

Medida permite a disputa, nos partidos, para a escolha de nomes que concorrerão ao pleito deste ano. **Página 13**

Golpes imobiliários destroem sonho da casa própria de famílias paraibanas

Em apenas dois anos, 12 inquéritos foram abertos no estado, e especialistas orientam como evitar a fraude.

Página 7

Concursos somam mais de 1.200 vagas, com salários que chegam a R\$ 9 mil

Editais trazem oportunidades no IBGE, na Seap-RN e na Prefeitura de Campina Grande, em várias áreas de formação.

Página 16

Duelo entre Brasil e Noruega garante vaga nas quartas de final

Seleções que têm os astros Vini Jr. e Haaland enfrentam-se, hoje, às 17h, em Nova Jersey, em mais uma grande partida da Copa do Mundo.

Ilustrações: Tônio

Página 21

Brasil ganhará a 1ª universidade indígena a partir do próximo ano

Instituição criada por lei federal surge como forma de reparação histórica e oferecerá cursos de interesse dos povos originários.

Página 15

Dossiê resgata a história da cantora e compositora brasileira Nora Ney

Livro organizado por Raphael Fernandes tenta reverter o esquecimento da artista a partir de textos de diversos autores.

Página 9

■ “Que passarinho teria se interessado em inocular numa fresta de parede o germe de castanhola?”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Fiquemos por hoje com as personagens com as quais mantivemos relação de amizade”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “O idoso de hoje não corresponde ao estereótipo de ontem. Ele viaja e, cada vez mais, empreende”.

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17

■ “O defeso eleitoral começa e muitos conteúdos deixam de estar disponíveis ao cidadão”.

Angélica Lúcio

Página 26

Correio das Artes

A maestria de Fernando Teixeira e Zezita Matos

Reportagem destaca o talento, a vida e as obras dos artistas, cujos trabalhos são reconhecidos nos palcos, no cinema e na televisão.



Foto: Gustavo Mikael/Divulgação

Balonismo ganha os céus da PB e valoriza o turismo no interior

Atividade atrai praticantes que gostam de aliar aventura e lazer. Eventos e festivais têm promovido passeios e voos competitivos em cidades como Serra Grande, no Alto Sertão.

Página 8



Foto: Divulgação/SerTão Turístico

Canário-da-terra é admirado pela coloração vibrante e pelo canto poderoso

Pássaro que apelida a Seleção Brasileira é nativo da América do Sul e símbolo de biodiversidade. Entre as características marcantes, está a variedade de ambientes em que a ave habita, um aspecto que a aproxima dos brasileiros.

Página 20



Foto: Nathália Flores/Arquivo pessoal

Editorial

Guerra contra o crime

O Brasil, de certo modo, continua dividido em várias frentes de batalha, na guerra pela construção de um modelo de sociedade que elimine alguns de seus principais inimigos, que atende pelo nome genérico de “desigualdades sociais”, representadas por esquadrões como pobreza, desemprego, escassez de moradia, déficit de saneamento básico e preconceitos de variadas naturezas, entre eles, o racismo e o machismo estrutural.

Houve muitas conquistas, é verdade. Exemplos de vitórias são alguns programas de inclusão social, como o Minha Casa, Minha Vida, o Bolsa Família e o Sistema Único de Saúde (SUS), reconhecidos dentro e fora do país. Mas se o sistema que alimenta as desigualdades sociais persiste, a luta continua, e os cidadãos e cidadãs comprometidos com um país menos desigual e mais solidário não podem dar as costas a esses conflitos.

É preciso continuar investindo maciçamente em áreas-chaves, como saúde, educação, ciência, tecnologia, inovação, emprego e renda, para que os bolsões de pobreza, em todas as suas expressões, sejam substituídos por comunidades prósperas, solidárias, capacitadas e comprometidas, portanto, com o desenvolvimento da nação, por sentirem-se, verdadeiramente, parte essencial de um processo social, positivamente evolutivo.

O Brasil, no entanto, tem outro inimigo muito poderoso, associado também às desigualdades sociais, que atende pelo nome de “organizações do narcotráfico”. Essas facções criminosas alastraram-se, em um primeiro momento, pelas áreas periféricas do país, porém, foram gradativamente escalando a pirâmide social brasileira, até se infiltrarem nas malhas institucionais, ameaçando a própria estrutura do Estado Democrático de Direito.

Raro o dia em que não se tem notícias de uma ação mais ousada de grupos criminosos, como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV), mesmo com vários de seus principais líderes presos em penitenciárias consideradas de segurança máxima. O aliciamento de jovens de famílias de baixa renda, para atuarem como “soldados”, é uma das estratégias militares mais utilizadas pelas facções celeradas.

Felizmente, percebe-se, hoje, uma resposta institucional contra o crime organizado, envolvendo o Governo Federal e, em maior ou menor grau, estados e municípios. Reação essa retratada, inclusive, em operações de “desintoxicação” processadas na própria estrutura basilar do Estado brasileiro, o que faz renascer a esperança de um país futuro, alicerçado na justiça e na liberdade, com menos violência e mais pacificidade.

Artigo

A Tabajara nas Copas do Mundo

A Rádio Tabajara construiu uma sólida tradição esportiva ao longo de seus mais de 85 anos de história. Foi a partir da década de 1950 que a emissora estruturou definitivamente seu departamento de esportes para a transmissão regular de partidas de futebol ao vivo. Naquele período, as coberturas das Copas do Mundo eram realizadas por meio da captação do sinal internacional em ondas curtas, retransmitido para a Paraíba, aproximando os torcedores paraibanos das primeiras edições do Mundial disputadas no pós-guerra.

Com o passar dos anos, o departamento esportivo da emissora, batizado de “Escrete Campeão”, consolidou a Rádio Tabajara como pioneira nas coberturas de grandes eventos esportivos internacionais, especialmente das Copas do Mundo de 1982, 1986 e 1990.

A trajetória da emissora é marcada por coberturas históricas. Seu grande diferencial foi a capacidade de enviar profissionais e correspondentes aos países-sede das Copas do Mundo, permitindo que os ouvintes acompanhassem os acontecimentos com a emoção e a identidade do sotaque paraibano.

O jornalista Marcondes Brito fala sobre sua participação na transmissão dos jogos na Copa do Mundo, na Espanha: “Em 1982, tive a oportunidade de integrar um pool de emissoras formado para cobertura da Copa do Mundo, coordenado pela Rádio Clube de Pernambuco, sob o comando do inesquecível comentarista esportivo Barbosa Sobrinho. Representando a Paraíba, fui enviado pela Rádio Tabajara para fazer parte da equipe de cobertura daquele importante evento esportivo internacional. Como repórter, trabalhei em sistema de rodízio com profissionais de outros estados e acompanhei todos os jogos da Seleção Brasileira. Entre as lembranças mais marcantes está a cobertura da histórica derrota por 3 a 2 para a Itália, resultado que eliminou uma das seleções mais talentosas da história e encerrou precocemente o sonho brasileiro do Mundial de 1982”.

Quatro anos depois, na Copa do Mundo de 1986, no México, a mais antiga emissora de rádio da Paraíba enviou sua própria equipe esportiva, conhecida como “Equipe Dez”. A cobertura contou com Ivan Thomaz na narração, Fernando Hele-

no nos comentários e João de Sousa na reportagem. Novamente sob o comando de Telê Santana, a Seleção Brasileira foi eliminada pela França nas quartas de final, na disputa por pênaltis. O torneio também ficou marcado pela consagração de Diego Maradona, protagonista da campanha que levou a Argentina ao título mundial, conquistado com a vitória por 3 a 2 sobre a Alemanha Ocidental na final.

Em 1990, a Rádio Tabajara voltou a realizar a cobertura *in loco* da Copa do Mundo, disputada na Itália. A equipe manteve Ivan Thomaz na narração, Fernando Heleno nos comentários e João de Sousa na reportagem, contando ainda com a participação do comentarista Ivan Bezerra. Naquela edição, a Alemanha Ocidental conquistou o título ao derrotar a Argentina por 1 a 0 na decisão.

A presença da Rádio Tabajara nas Copas do Mundo representou um marco para o rádiojornalismo esportivo paraibano. Ao levar suas equipes aos principais eventos do futebol mundial, a emissora reafirmou seu pioneirismo, fortaleceu sua credibilidade e consolidou uma trajetória de excelência nas coberturas esportivas internacionais, aproximando gerações de ouvintes dos grandes momentos da história do futebol.

“Ao levar suas equipes aos principais eventos do futebol mundial, a emissora reafirmou seu pioneirismo, fortaleceu sua credibilidade

Opinião

Foto Legenda



Uma dose de energia

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A castanhola encaixada

A vida força a passagem pelo interstício da parede arruinada. É uma castanhola, três folhas largas, espalmadas, rebentando verdes da calça de 1890 ou 1900.

De nenhuma raiz brotaram essas folhas. Não há lugar para raiz em parede a meio metro do solo, ainda mais quando a construção não tem menos de cem anos.

De alguma semente? Que passarinho teria se interessado em inocular numa fresta infecunda de parede o germe de castanhola, árvore mais de pouso que de alimento?

Só ao equilíbrio do beija-flor, parado no ar, seria permitida essa operação. Mas a fuliginosa Maciel Pinheiro, rua de autopeças e oficinas não é lugar para beija-flores.

No mínimo, a castanhola entra na argamassa de cal e barro batidos pela colher de alguém que, em 1890, já era pedreiro. Encontrou semente, embrião dos muitos e muitos que proliferam ao redor da fonte de Gravatá (sítio da antiga Maciel) e ficou esperando a hora de brotar, acondicionada na vermelhidão dos tijolos bem cozidos, privada de ar e de sol pelo reboco forte e ultrarresistente.

Está aqui, o caule não tem nada de superficial, vem de dentro, germinado na própria calça. Foi na massa e aí ficou. Passou o Império, entrou a República, que ficou Velha, foram-se para sempre os apitos do vapor chamando para os desembarques no porto paraibano do Sanhauá; encobriram-se no infinito a sirene da Alfândega, os suspiros de ansiedade ante os balcões de seda importada; o vozerio dos cafés políticos, a euforia dos epítacistas, os tropéis e os gritos da ordem revolucionária de 1930... Tudo isso e mais o ruje-ruje promíscuo do cabaré em que se transformou a primitiva Rua das Convertidas.

Rua do Conde D’Eu, por onde passaram os pregões do açúcar demerara, os pi- leques dos capitães, agentes e consignatários dos navios surtos no rio ou no Cabedelo, as

“Convenço-me agora de que a castanhola que vem rebentando da ruína veio da colher de argamassa do começo do século XX. Rebentou verde de tijolo largo, chato

manchetes pioneiras do jornal de Arthur Achilles.

Depois, tudo se mudou. O porto mudou-se para a barra, os balcões de seda, a Alfândega, os tugúrios conspiratórios, as Ritas Maías, as Osanas e Antoninhas, muitas paredes desboreando, o tempo descascando suas chagas, abrindo feridas em frontais que não passam de ruínas.

Convenço-me agora (e de forma irrecusável) de que a castanhola que vem rebentando, emergindo da ruína veio da colher de argamassa do começo do século XX. Rebentou verde de tijolo largo, chato, que nos anos 1920, apogeu das Trincheiras, não se batiam nem cozinhavam mais. Da ferida de cal escape a folha. Quem sabe se descendente do jardim fundado por Beaurepaire Rohan, que começava nas traseiras do Palácio e vinha terminar nas encostas do mangue, aproveitadora desse sol atemporal de fim de século.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA – PRESIDENTE

William Costa

DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda

DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão

DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga

GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira

GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Beatriz Avelino

Projeto Praia Limpa articula ações educativas e participativas, junto à população, voltadas à conservação do litoral paraibano

PRESERVAÇÃO

Projetos fortalecem o meio ambiente na PB

Ações da Sudema envolvem a população e principalmente os estudantes

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

A Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) tem como uma de suas missões promover a educação ambiental na Paraíba. Para isso, a entidade conta com diversos projetos que envolvem a população, principalmente estudantes, e também os funcionários da instituição.

Um desses projetos, por exemplo, o Recicla + Sudema, incentiva os trabalhadores da superintendência a juntarem o papel utilizado no trabalho para destinar à reciclagem. Além disso, eles reúnem remédios fora da validade e suas embalagens e pilhas usadas para a destinação adequada. Outro material que os funcionários juntam são as tampas plásticas, que posteriormente são encaminhadas para o projeto Tampa Solidária, que transforma as peças em produtos artesanais como broches e chaveiros.

Desde o início do projeto já foram coletados mais de 5 kg de embalagens de medicamentos e mais de 20 kg de tampas plásticas. Já o papel tem quantidades menores porque a Sudema vem adotando cada vez mais processos digitalizados e quase não utiliza mais papel no trabalho diário. “Temos setores em que o consumo de papel é zero”, explicou o técnico ambiental Pedro Aleixo, da Coordenadoria de Educação Ambiental (Ceda) da Sudema.

Segundo ele, o Recicla + Sudema nasceu de uma preocupação da entidade em “dar o exemplo”, já que eles mesmos estão sempre falando da importância da coleta seletiva, da reciclagem e do descarte correto de itens como medicamentos vencidos e pilhas usadas, que podem ser fontes de contaminação dos rios e do solo.

Outro projeto importante, citado por Pedro, chama-se “Plantar árvores, cultivar justiça climática”. Nesse projeto, estudantes são recebidos no Jardim Botânico e participam de debates sobre mudanças climáticas e conscientização ambiental. “Muitas vezes, aquele aluno está inserido numa comunidade,

de, numa escola que está numa realidade mais distante, ele tem essa dificuldade de se deslocar até outros lugares. Então a gente, geralmente, recebe os alunos lá no Jardim Botânico. A maioria deles nunca tiveram acesso ao Jardim Botânico, assim eles conhecem esse instrumento dentro da cidade, conhecem a importância de a gente manter aquele espaço com todos os benefícios ecológicos que traz”, esclareceu Pedro.

O técnico ambiental ressaltou a importância da educação ambiental como um dos pilares da preservação do meio ambiente. “Principalmente nesse tempo de mudanças climáticas que a gente vive, a gente acredita muito que a educação ambiental é a única forma de diminuir os riscos ambientais e, se existe uma coisa que está consolidada hoje é que o risco ambiental afeta todo mundo, mas as comunidades são mais afetadas pela ausência de infraestrutura que, muitas vezes, existe nessas localidades. Então a única forma que a gente tem de promover a autoproteção das pessoas é através da informação, da educação ambiental. Esse projeto busca trazer essa sensibilidade para todos os indivíduos de que todos fazemos parte do ambiente”, explicou.

De acordo com a coordenadora da Ceda, Nathália Flores, em conjunto, os projetos “fortalecem uma educação ambiental crítica, participativa e transformadora, baseada no diálogo, na valorização dos saberes, no pertencimento aos territórios e na construção coletiva de soluções para os desafios socioambientais da Paraíba”.



Foto: Ascom/Sudema

Estudantes participam de eventos promovidos pela Sudema

Saiba Mais

Conheça os principais projetos ativos da Ceda:

- **Curso de Boas Práticas Ambientais (CBPA)** — promove processos formativos com pessoas atuadas por infrações ambientais, articulando aspectos legais, sociais e ecológicos para estimular a reflexão crítica sobre as relações entre sociedade e natureza e fortalecer a responsabilidade socioambiental.
- **Eu Freio para Animais** — desenvolve ações educativas voltadas à proteção da fauna silvestre, promovendo o diálogo sobre os impactos das atividades humanas nos ecossistemas e incentivando atitudes mais responsáveis no trânsito.
- **Passarinhando nas UCs** — utiliza a observação de aves como ferramenta de Educação Ambiental, favorecendo a valorização da vida silvestre em liberdade, sendo contra a cultura do aprisionamento de aves e sensibilizando sobre a biodiversidade das Unidades de Conservação Estaduais da Paraíba.
- **Plantar Árvores, Cultivar Justiça Climática** — promove debates e vivências sobre mudanças climáticas e justiça climática, estimulando a compreensão das desigual-

- dades socioambientais e o engajamento da sociedade na construção de soluções sustentáveis.
- **Praia Limpa** — articula ações educativas e participativas voltadas à conservação do litoral paraibano, incentivando a reflexão crítica sobre a geração de resíduos, o consumo e a responsabilidade coletiva na proteção dos ambientes costeiros.
- **Recicla+ Sudema** — fortalece a gestão sustentável de resíduos dentro da instituição, integrando Educação Ambiental ao cotidiano de trabalho e estimulando mudanças de hábitos e práticas alinhadas à sustentabilidade.
- **Sudema na Escola** — leva a Educação Ambiental para o ambiente escolar por meio de atividades que relacionam conhecimentos científicos, realidade local e participação cidadã, contribuindo para a formação crítica de estudantes.
- **Vozes das UCs** — cria espaços de escuta, diálogo e participação social nas Unidades de Conservação, valorizando os saberes dos territórios e fortalecendo o protagonismo das comunidades na conservação ambiental.



Foto: Evandro Pereira

A única forma que a gente tem de promover a autoproteção das pessoas é através da informação, da educação ambiental

Pedro Aleixo

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

No chão do mundo

A bola rola e, com ela, a história. Não a dos manuais, aquela que os senhores do mundo escreveram com tinta de pólvora e sangue, mas a outra, que respira nas entranhas dos povos e explode em cada drible, em cada gol, em cada canto que ecoa nas arquibancadas. A Copa do Mundo, reconhecemos, é a vitrine reluzente do capitalismo, um circo global no qual as marcas disputam palmo a palmo a retina do espectador. Mas, sob o foco dos holofotes, um fenômeno silencioso e profundo desenrola-se no gramado: a luta decolonial está em campo, e os chamados “colonizadores” estão percebendo, tarde demais, que o tabuleiro virou.

Há algo de poético e revolucionário em ver os times do Norte Global, os antigos impérios, donos das metrópoles que um dia traçaram fronteiras com esquadros e canhões, cambalearem diante da fúria e da alma dos que um dia foram subjugados. Não se trata de um jogo específico, de um placar isolado. Trata-se de um movimento de fundo, uma maré que sobe e arrasta certezas. A Inglaterra, berço do futebol, dona da bola que nos ensinaram a chutar, já não intimida como antes. A Bélgica, cujo rei Leopoldo II transformou o Congo num espólio particular de horror, vê seus Diabos Vermelhos perderem o brilho diante da garra de quem aprendeu a sobreviver na selva. A Espanha, que com a espada e a cruz subjugou meio mundo, sente o chão tremer sob seus pés quando a dança ancestral dos guerreiros do Atlas invade o campo. A França, a metrópole que ainda respira os ares da “Françafrique”, é confrontada pela velocidade e pela ginga de quem não pede licença para existir. Até a Itália, que tentou reescrever a história com suas chuteiras, sente o peso de séculos quando a lei da savana se impõe.

O que está em jogo, meus caros, não é apenas a posse de bola ou a tática do técnico. É a posse da narrativa. Durante séculos, nos foi dito que o futebol era a “arte inglesa”, que a estratégia era europeia, que a disciplina era germânica e a elegância, sul-americana (mas com sobrenome italiano). No entanto, o que vemos emergir é a pura potência do Sul Global. O futebol desses times — Congo, Marrocos, Argélia, Cabo Verde, Costa do Marfim, Senegal — é um caldeirão de ritmos: é o *ndombolo* congolês, o *chaabi* argelino, a *morna* cabo-verdiana, o *zouglou* marfinense, o *mbalax* senegalês. Cada passe é um verso de uma poesia que foi silenciada, cada drible é um desvio na rota da opressão, cada gol é a explosão de um grito contido por gerações.

Sim, a Fifa é um império de cifras, onde o Qatar constrói estádios com o suor de corpos migrantes e no qual os patrocínios valem mais que a alma do jogo. É a macrocópia do sistema que nos engole. Mas, dentro das quatro linhas, a microrrevolução acontece. Os jogadores desses times carregam nas caneleiras a memória dos seus ancestrais. Eles correm não apenas por um troféu, mas por um reconhecimento que o mapa-múndi nunca lhes deu. Cada vitória sobre um antigo colonizador ou mesmo cada atuação que os faça tremer é um gesto de descolonização simbólica. É como se o campo de jogo se tornasse uma pequena assembleia geral da ONU, onde o voto é dado com os pés e a resolução é escrita com gols.

Quando uma seleção africana ou árabe avança e elimina uma potência europeia, não é apenas uma zebra. É o fim de um certo imaginário. É a prova de que o “subdesenvolvido” pode ter a mais refinada das táticas. É a resposta ao colonialismo cultural que tentou nos fazer esquecer nossas próprias raízes. A luta não é contra o jogador europeu, que, muitas vezes, é apenas um profissional buscando seu sustento. A luta é contra a estrutura de pensamento que ainda coloca o Norte como o mestre e o Sul como o aprendiz. Esses times provam que o aprendiz superou o mestre, e que a lição de casa foi bem feita, à sua própria maneira.

A beleza disso tudo é que essa luta não se dá na base do ódio, mas na base da afirmação. É o “Nós podemos” que ecoa das favelas, das medinas, dos bairros periféricos de Dakar ou Abidjan. É a afirmação de que um mundo novo é possível, sim, mesmo dentro da velha estrutura. Se até no futebol, o esporte mais globalizado e mercantilizado do planeta, a maré está virando, quem dirá nas esferas da política, da economia e da cultura? A Copa é o espelho distorcido, mas a imagem que se reflete é a de um futuro multifacetado, onde o centro já não é um único ponto, mas uma constelação de forças.

E assim, enquanto os “gigantes” do Norte caem um a um, não em jogos específicos, mas no imaginário coletivo, diante da fúria e da garra dos “pequenos”, aprendemos a lição mais valiosa: a história não é uma linha reta que termina no Ocidente. É um círculo que se completa, uma dança que se reinventa. O mundo novo que esses times anunciam não é perfeito, nem ingênuo. Ele carrega suas contradições, seus patrocinadores, suas ambições. Mas, naquele momento mágico em que a bola entra no gol e o estádio inteiro curva-se ao ritmo de um povo que outrora foi subjugado, a vitória é de todos nós que acreditamos que a canção ainda não acabou. E que os versos mais bonitos estão sendo escritos agora, com a ponta das chuteiras, no chão do mundo.

Colunista colaborador

Mário Hélio Gomes de Lima

Jornalista e escritor

“Nunca houve um desencontro com a Paraíba. O que há, de fato, é um encontro”



Em entrevista, escritor reflete sobre identidade e memória cultural às vésperas da posse na Academia Paraibana de Letras

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Nome conhecido no meio cultural, sobretudo em Pernambuco, onde cresceu e construiu a carreira, Mário Hélio Gomes de Lima não encara a posse na Academia Paraibana de Letras (APL) como um reencontro com a Paraíba. Para ele, nunca houve, realmente, um desencontro. Nascido em Sapé e radicado há décadas em Recife, o jornalista, escritor, pesquisador e antropólogo enxerga entre Paraíba e Pernambuco uma continuidade afetiva, histórica e cultural. Ao lembrar uma observação de Gilberto Freyre, cuja obra considera complexa, contraditória e riquíssima, Mário Hélio diz que “não há nenhum rio ou acidente geográfico” capaz de criar uma fronteira natural entre os dois estados. “Talvez os paraibanos e os pernambucanos entendam isso como heresia”, brinca. É justamente a partir desse lugar, feito de pertencimento e identidade, que ele sucederá o artista plástico paraibano Chico Pereira na cadeira 15 da APL, no próximo 31 de julho. A chegada à casa paraibana ocorre pouco mais de três anos após sua eleição para a Academia Pernambucana de Letras.

Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca, na Espanha, Mário Hélio construiu uma trajetória marcada pelo diálogo constante e inegociável entre jornalismo, literatura, história, antropologia e crítica. Atuou, entre outros cargos, como coordenador-geral da Editora Massangana e diretor de Memória, Educação, Cultura e Arte da Fundação Joaquim Nabuco. Também criou a revista *Continente* e, atualmente, edita a revista *Pernambuco*, ambas ligadas à Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) e voltadas ao jornalismo cultural.

Autor de livros sobre personagens, obras e interpretações do Nordeste e do Brasil, ele fala, nesta entrevista, sobre a Paraíba que nunca saiu de sua escrita, os desafios do jornalismo cultural, o papel das academias de letras e a memória como política viva.

Entrevista

■ *Você nasceu em Sapé, fez carreira em Pernambuco e, agora, toma posse na Academia Paraibana de Letras (APL). Esse momento tem gosto de reencontro?*

Eu não diria que é reconexão nem reencontro, porque nunca houve um desencontro ou desconexão. O que há, de fato, é um encontro. No caso dos escritores, a diferença é que a trajetória pessoal, na maioria das vezes, acontece de forma muito particular. Se olharmos a história de Augusto dos Anjos, por exemplo, meu mais ilustre conterrâneo, ele vai ao Recife, forma-se em Direito, depois segue uma trajetória que passa pelo Rio de Janeiro e termina em Minas Gerais. Nesse sentido, teve menos sorte que eu, porque estou próximo da Paraíba. Naquela época, embora a distância física fosse a mesma, as condições do tempo faziam com que uma viagem de João Pessoa a Recife fosse muito demorada. Ariano Suassuna também tem uma trajetória marcada pelo Recife, assim como a Paraíba tem toda a sua história marcada pela proximidade com Pernambuco. É muito natural. Então, não vejo esse momento como volta. De certa forma, eu nunca saí.

■ *Como a relação entre Paraíba e Pernambuco aparece na sua história?*

Lembro-me de uma conversa que tive com Gilberto Freyre, quando ele dizia que não há nenhum rio ou acidente geográfico que crie uma fronteira natural entre Paraíba e Pernambuco. Na verdade, eu sinto como se os dois estados fossem o mesmo lugar. Essa ruptura não existe. Talvez os paraibanos e os pernambucanos entendam isso como heresia, porque cada um quer ser tão particular. Mas, sinceramente, se Ariano, que viveu praticamente a vida toda em Pernambu-

co, é tão paraibano quanto Augusto dos Anjos, precisamos entender melhor a cultura que nos une. Eu posso estabelecer camadas disso, mas acredito que, apesar de serem histórias diferentes, em determinado momento, elas se encontram. É importante que ninguém seja paraibano por exclusão, mas, também, que haja esse orgulho de pertencimento.

■ *O que Sapé representa na sua identidade como jornalista e escritor?*

Eu fiz doutorado em Antropologia, e uma das palavras-chave que aprendi é “identidade”. Vivemos uma época em que a identidade é reivindicada o tempo todo. É um tempo identitarista, digamos assim. Mas eu diria que isso não é uma questão de escolha. Você nasce em um lugar e é marcado por ele. A cultura é, sim, muito determinante. Lembro-me de uma passagem de um livro de Edward Said, grande autor palestino, em que ele diz que, quando você viaja para outro país, pensa que a sua individualidade chega com mais força naquele lugar. Na verdade, é a sua cultura que fica mais forte. No caso de Sapé, saí muito cedo de lá, com sete anos de idade, quando já estamos inteiramente formados em relação à nossa subjetividade. E quem diz isso não sou eu, mas Manuel Bandeira. Ele, por exemplo, viveu quase toda a vida no Rio de Janeiro, mas as suas memórias mais profundas são de Recife.

■ *Às vésperas da eleição para a APL, você lançou “Mosaico paraibano”. Que Paraíba quis mostrar?*

Foi quase uma homenagem. De repente, alguém me perguntou o que eu já havia escrito sobre a Paraíba, e eu fiquei surpreso com a resposta. Dei-me

conta de que tinha escrito mais sobre a Paraíba do que achava. A Paraíba que aparece ali é diversa e, ao mesmo tempo, tem unidade. Por isso, a metáfora do mosaico. Você tem várias Paraibas ali, porque, no fim das contas, quando tratamos de identidade, é sempre um erro esquecer que uma das características da modernidade, além da dispersão e da contradição, é a pluralidade. A Paraíba que me interessa é plural, aberta, ousada em suas coisas, nunca tacaña ou mesquinha. Não é provinciana, pelo menos na minha mentalidade. Agora, também há coisas positivas em alguns aspectos do provincianismo. Morei em Curitiba, que é uma cidade provinciana. Gosto de cidades pequenas. Isso não é um problema. O problema é quando o provincianismo, do mesmo jeito que o nacionalismo, é reducionista, limitado, fechado e preconceituoso. Dá para combinar uma identidade regional com abertura. Uma pessoa que, de fato, gosta do que é nunca terá vergonha do seu sotaque.

■ *Além da paraibana, você também integra a Academia Pernambucana de Letras. Qual deve ser o papel dessas instituições hoje?*

As academias vivem em duas bases: tradição e inovação. Penso que elas podem, perfeitamente, desempenhar um papel na transmissão do conhecimento humano. Devem se renovar e, ao mesmo tempo, buscar manter o que há de tradicional nelas, porque não há nada de errado em ser tradicional. Mas precisam ser mais abertas. Noto, nas duas casas, uma necessidade de renovação e abertura ao novo. É claro que, do mesmo jeito que a Academia Brasileira de Letras se espelha na francesa, as academias, de modo geral, espelham-se em uma tradição que vem de séculos. Mas, em cada época, temos a oportunidade de nos afinar com o presente e, ao mesmo tempo, preservar a história, dando atenção aos ilustres do passado. Isso é importante, porque, sem passado, nós não temos memória.

■ *O próprio jornalismo parece enfrentar uma crise de identidade. Até que ponto a disputa pela atenção do leitor ajuda a explicar esse momento?*

O mais positivo das crises é que todas elas são oportunidades. É a transformação de uma coisa em outra. A invenção do jornalismo, possibilitada pela invenção da imprensa, ocorre numa crise. Quando os tipos móveis são inventados, você sai de um paradigma e vai para outro completamente diferente. Acho que esse é o nosso momento hoje. Claro, nós somos testemunhas e participantes dessas profundas transformações que ocorrem, não apenas em relação a identidades e tecnologias, mas ao próprio sentido de humanidade. De tempos em tempos, embora o ser humano continue o mesmo, todas as mudanças levam a crises e transformações humanas. Talvez a questão central seja, justamente, essa busca por atenção. Eu, que não sou, por definição, nada otimista, posso dizer que vejo tudo isso de modo muito positivo. Quando a imprensa foi inventada, tínhamos um mundo de analfa-

betos, marcado pela monopolização da informação e do próprio conhecimento, em que a mulher possuía um papel muito secundário na sociedade. E o que temos hoje? Uma democratização absurda da informação, uma quantidade e uma qualidade de leitura como nunca existiram. São muitas oportunidades. Acredito tanto que não vivemos o pior dos mundos que fiz uma aposta com meus colegas. Apostamos que o jovem é, além de um grande leitor, um ótimo escritor. Eu não tenho, de forma alguma, a visão de que eles não se informam. Para mim, é o oposto. O nosso trabalho é descobrir essa juventude, fomentar o interesse e estimulá-la.

■ *E como a tecnologia entra nesse cenário?*

Estamos falando de suportes. E não vejo nenhum problema se o suporte for o TikTok ou qualquer outra ferramenta digital. O fato de eu estar aqui, em um jornal como **A União**, com edições impressa e digital — e que consegue ser influente nas duas — mostra bem isso. Várias coisas podem ocorrer simultaneamente. A questão é que sempre queremos mais leitores. E, quando falamos de atenção, são muitas necessidades em jogo. Às vezes, reclamamos que não temos tantos leitores, mas precisamos lembrar que Dante Alighieri, um dos maiores poetas de todos os tempos, teve menos leitores do que a maioria imagina. Uma parte do que fazemos sempre está destinada a poucas pessoas, e a quantidade não define tudo. Sobre a inteligência artificial, que produz algo que mais parece uma paródia do texto humano, o que temos é mais uma oportunidade de nos afirmar. Eu reforço que vivemos um momento muito bom, cheio de oportunidades. Se tivermos menos preconceitos com os meios de informação e entendermos que várias coisas podem ocorrer simultaneamente, talvez compreendamos melhor o presente e o futuro, em vez de ficar com a ideia nostálgica de que o que passou era melhor. Eu acho o contrário: vivemos o melhor dos tempos.

■ *Você criou a revista “Continente” e, hoje, edita a revista “Pernambuco”. Qual é a importância de manter publicações culturais como essas?*

No ano de 2000, sugeri à direção da Imprensa Oficial de Pernambuco transformar o suplemento cultural em uma revista. Daí veio a *Continente*. Dei o título, eles deram o subtítulo, e desenvolvi, durante todo aquele ano, a revista. Depois, a diretoria disse: “Nós vamos manter o suplemento cultural, e você cuida das duas coisas”. Foi aí que desenvolvi o projeto da *Continente* e fiquei à frente da editoria até entrar na Fundação Joaquim Nabuco. Só há pouco tempo transformei o suplemento em revista. Ou seja, cumpri, na prática, o que propus há vinte e tantos anos. Mas por que estou contando essa história? Não é para falar de mim. É para dizer que o fato de a Companhia Editora de Pernambuco [Cepe] ter mantido o suplemento e criado a revista mostra que ela entendeu que aquilo tudo era importante, tanto que viraram um dos orgulhos

de Pernambuco. Vieram vários governos depois disso, e nenhum deles desfez a revista. Penso que o nosso gosto pela crítica, como jornalistas que somos, não deve impedir que reconheçamos a importância que as coisas têm quando têm. Manter o *Correio das Artes*, aqui, na Paraíba, e as revistas, em Pernambuco, é um mérito do Estado e da própria sociedade. Se eles existem, é porque tem gente que gosta e valoriza.

■ *Após passar pela Editora Massangana e pela Fundação Joaquim Nabuco, é possível dizer que o Brasil cuida bem da própria memória cultural?*

Não. O Brasil sempre tratou muito mal a memória. Não há políticas de memória efetivas. Penso que tanto a Paraíba, de forma particular, quanto o Brasil, de modo amplo, erram muito em não ter uma política séria sobre a sua história. Todos os países desenvolvidos, sem exceção, investem muito nisso. Respondendo de forma direta: não vejo o Brasil tratando bem a memória, nem a própria história ou cultura. Mas temos exceções. O Governo da Paraíba, recentemente, começou a recuperar vários imóveis antigos para construir espaços museísticos. Pernambuco acaba de restaurar o Museu de Arte Contemporânea e várias instituições de memória. São bons exemplos. O problema é que não temos continuidade ao longo do tempo.

■ *Sua relação com a obra de Gilberto Freyre é forte. Qual é a sua importância hoje?*

A minha dissertação de mestrado foi uma interpretação da obra historiográfica de Gilberto Freyre. O que me interessou na época? Ninguém queria estudá-la. Havia um enorme preconceito relacionado a ele, porque, dentro daquela dicotomia, muita gente tinha uma opinião sobre a obra sem tê-la lido. E eu tratei de ler e fazer uma interpretação histórica. Há um Brasil antes e depois de *Casa-Grande & Senzala*. Em 1933, era a ascensão do nazismo, e Gilberto estava dizendo que o Brasil devia se orgulhar de ser mestiço. Claro que, hoje, com toda essa questão identitária, vivendo momentos extremos, é natural que haja uma leitura mais negativa do que positiva sobre ele. Mas sua obra é enorme, complexa, contraditória e riquíssima. Escrevi sobre o olhar dele sobre a educação, escrevi um trabalho inteiro sobre *Casa-Grande & Senzala* e, por fim, o mais recente, *O Brasil de Gilberto Freyre*. E que Brasil era esse? Um Brasil mestiço. Cada obra tem seus limites, claro. Agora, alguém que escreve com uma linguagem tão saborosa quanto a dele, em uma época em que todos os textos de sociologia eram chatos e o Brasil queria ser branco, é um autor fundamental para que o Brasil se veja, como em um espelho, em suas contradições. Minha contribuição foi fazer uma leitura crítica de Gilberto. Sem ser contra ou a favor. Ele é muito útil para a compreensão desse Brasil nada simples. E Gilberto também não é. A aparente simplicidade dele engana.

PAUSA NA ROTINA

Programações atraem crianças da PB

Colônias de férias de escolas e shopping centers ofertam atividades durante folga de julho no período letivo

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Com a chegada das férias escolares, muitos pais enfrentam o desafio de manter as crianças entretidas enquanto continuam trabalhando e lidando com outras demandas da rotina. É aí que entram as colônias de férias oferecidas por escolas e associações. Além disso, nesse período é comum que *shoppings* e áreas de lazer e recreação, como o Parque Zoobotânico Arruda Câmara, mais conhecido como “Bica”, em João Pessoa, ofereçam uma programação especial de férias.

O Sesc Paraíba, por exemplo, terá colônias de férias em João Pessoa e Campina Grande, de 13 a 17 de julho. A programação envolve recreação e esportes para crianças de cinco a 12 anos e, embora as vagas para João Pessoa já tenham esgotado, até o fechamento desta edição ainda havia vagas disponíveis em Campina Grande.

Muitas escolas também ofertam colônias de férias, como é o caso da Escola Luz e do Instituto Pessoense de Educação Integrada (Ipei), em João Pessoa. Na Escola Luz, as atividades ocorrem de 6 a 17 de julho, no turno da tarde, e são voltadas para crianças a partir de três anos. Neste ano, as atividades terão como tema a Terra do Nunca, local fictício onde se passam as histórias de Peter Pan.

Já no Ipei, a programa-



Fotos: Roberto Cuedes

Shopping de João Pessoa promove oficinas, brincadeiras e atividades recreativas durante os dias úteis, das 13h às 17h

ção é para crianças de dois a 11 anos, com atividades que estimulam a criatividade, o movimento, a autonomia e o desenvolvimento socioemocional. As atividades programadas envolvem robótica, culinária, circo e mágica, caratê, ginástica artística, futsal e ioga, além de oficina das emoções, vivências sensoriais e brincadeiras. A colônia acontece de 6 a 10 de julho, com opções de turno pela manhã, tarde ou período integral (com almoço).

Outra opção é o Parque

Infantil Enjoy Kids, localizado no Parahyba Mall, em João Pessoa, que promove uma colônia de férias com oficinas, brincadeiras e atividades recreativas de segunda a sexta-feira, das 13h às 17h, de 29 de junho a 24 de julho.

Wilma Vanderley é operadora de *telemarketing* e conta que todos os anos o filho participa da colônia de férias da Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB). Ela considera a experiência bastante positiva. “Meu filho, Rhuan

Nycolas, participa da colônia de férias desde os seis anos de idade, e essa tem sido uma experiência muito positiva para toda a nossa família. A cada edição, percebo o quanto ele cresce em autonomia, faz novas amizades, aprende a conviver em grupo e volta para casa cheio de histórias e boas lembranças. Como mãe, fico muito feliz em vê-lo aproveitando as férias de forma saudável, divertida e segura. Tenho confiança na equipe e acredito que a colônia de férias contribui

significativamente para o desenvolvimento dele, tanto no aspecto social quanto emocional. Para nossa família, a colônia de férias já se tornou uma tradição que esperamos com alegria todos os anos”, afirmou.

A psicóloga infantil Kelly Laurentino acredita que as colônias de férias podem ser uma excelente alternativa, especialmente porque oferecem oportunidade para as crianças de brincadeira, de movimento, interação social, novas experiências, algo que mui-

“**As colônias de férias favorecem habilidades como cooperação, autonomia e criatividade**

Kelly Laurentino

Pais devem estar atentos à qualificação dos profissionais

Kelly Laurentino alerta que, na hora de contratar o serviço, os pais devem ficar atentos à qualificação e à quantidade de profissionais que estarão responsáveis pelas crianças. Outro cuidado a ser tomado é observar a faixa

etária das atividades e a segurança do espaço. “E também é muito importante considerar da criança, porque tem algumas que vão adorar ambientes novos, cheios de estímulos, mas também vai ter criança que precisa de uma adapta-

ção mais gradual, que se sente mais confortável em grupos menores. Então, é muito importante que eu observe se o perfil do meu filho combina, se dá certo”, orienta.

A psicopedagoga Patrícia Vasconcelos também res-

salta que nem sempre lotar a agenda da criança é a melhor opção. “Nesse período de férias, a gente pode orientar que tenha uma rotina menos intensa, que tenha momentos com a família também, que esse momento de colônia de

férias seja alternado, que não seja tão intenso, que a criança também descanse”, comentou.

Ela frisa, entretanto, que, para algumas famílias que não têm rede de apoio e precisam continuar trabalhando, essa rotina de atividades mais

intensa para a criança pode ser a única opção. Nesse caso, é importante saber quais são os profissionais envolvidos, quais são as atividades desenvolvidas e levar tudo isso em consideração para fazer a melhor escolha possível.

Mudança de ambiente possibilita descanso e favorece diversão

Boa parte das colônias de férias acontecem no ambiente escolar, mas será que as crianças se aborrecem em ter que ir para a escola mesmo durante a folga? Na opinião da psicóloga Kelly Laurentino, depende da criança.

“Para algumas, permanecer no mesmo ambiente escolar não tem problema nenhum, principalmente porque a dinâmica da colônia é completamente diferente da rotina de aula. Vai ter mais brincadeiras, mais atividades livres e sem demandas acadêmicas. Já para outras crianças, especialmente aquelas que já demonstram cansaço, estresse ou alguma resistência em relação à escola, mudar de ambiente é muito positivo. Passa a ser bastante interessante porque ajuda ela a

marcar simbolicamente que aquele é o momento de descanso e de diversão. Então, não existe uma regra fixa. O mais importante é o pai observar o perfil da criança. Algumas vão se sentir mais seguras em um ambiente que já é conhecido, enquanto outras se beneficiam muito da novidade, de ter novas experiências em espaços diferentes”, aponta Kelly.

Já a psicopedagoga Patrícia Vasconcelos lembra que a escola é um dos lugares onde a criança passa mais tempo e acaba tendo uma percepção de família, o que pode fazer com que ela se sinta mais segura naquele ambiente. Por outro lado, a criança também pode desenvolver novas amizades em espaços diferentes. “Existem personalidade de crianças que são mais retraí-

das, outras que são mais expansivas, e isso pode ser observado e orientado a partir de cada caso”, explica.

Opções

Para os pais que não optarem pelas colônias de férias, mas ainda precisarem de programações para entreter os pequenos, há diversas opções nos *shoppings* de João Pessoa. No Parahyba Mall, todos os fins de semana de julho têm atrações infantis gratuitas, basta acompanhar a agenda pelas redes sociais do estabelecimento. Já o Mangabeira Shopping terá *shows* infantis gratuitos todas as sextas-feiras de julho, sempre às 19h30. A Bica e o Jardim Botânico de João Pessoa também terão programação infantil no período, que será divulgada em breve.



Colônias de férias são espaços para o surgimento de novas amizades entre crianças e adolescentes

BRUXISMO

Distúrbio atinge 40% dos brasileiros

Ato involuntário de apertar ou ranger os dentes exige trato multidisciplinar e depende da gravidade dos sintomas

Henrique Toscano
henritosca06@gmail.com

A correlação entre desequilíbrios na saúde mental e aumento do bruxismo é um fato, conforme atesta a literatura médica. Mas por que será que o estresse, a tensão e a ansiedade afetam a articulação temporomandibular a ponto de levar muita gente a adquirir o hábito involuntário de apertar ou ranger os dentes? Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que o bruxismo atinge cerca de 30% da população mundial. No Brasil, o cenário é bastante preocupante, pois, como divulgado pela Associação Brasileira de Odontologia (ABO), o distúrbio afeta cerca de 40% dos brasileiros.

A comunidade científica contemporânea classifica o bruxismo como um comportamento modulado pelo sistema nervoso central. Isso significa que o controle do hábito não está na boca, mas nos circuitos do cérebro. Na pessoa que está desperta — o chamado “bruxismo de vigília” —, o estresse faz com que o cérebro deixe de enviar o comando de relaxamento, e o indivíduo passa horas apertando os dentes sem perceber, enquanto foca em outra atividade. Já em quem estiver dormindo — o bruxismo do sono —, a atividade cerebral oscila: o cérebro sofre pequenos microdespertares químicos ao longo da noite, acelerando os batimentos cardíacos e disparando a contração muscular da face, logo em seguida.

O dentista Alberto Alves

Foto: Arquivo pessoal



Quando o paciente chega à perda múltipla dos dentes, o nível de dano estético e psicológico é muito grande

Alberto Alves

diz que é comum atender pacientes com bruxismo — e eles são de todas as faixas etárias, idade e sexo. “Nos últimos tempos, tenho recebido muitos pacientes com essa condição, que está associada a problemas psicológicos e rotina excessiva de trabalho, sobretudo depois da pandemia de Covid-19”, reforça o especialista. Ele conta ainda que, durante o tratamento, os principais problemas relatados pelos pacientes são a sensibilidade e a perda de estrutura dentária. Quanto aos efeitos provocados pela condição, ele afirma que todos são severos. “Quando chega a uma perda múltipla dos dentes, o paciente se preocupa mais, por se encon-

trar em um nível de dano estético e psicológico grande, o que o leva a agilizar a procura da intervenção do cirurgião-dentista. Ademais, há o dano gerado pela dor e aquele provocado pela dificuldade de mastigar”, pontua.

O odontólogo orienta a buscar ajuda profissional assim que surgirem os primeiros sinais de alerta, como a dor na musculatura facial ao acordar e o desgaste dentário. Este último elimina camadas de proteção, como a do esmalte, deixando a dentina (que protege a polpa do dente) exposta, aumentando a sensibilidade. “Depois do diagnóstico do bruxismo, lançamos mão de vários métodos terapêuticos. Um deles é a placa miorrelaxante, um aparelho ortodôntico usado ao dormir, que evita o atrito e o ranger dos dentes”, explica.

Ele acrescenta que o acompanhamento vai além do consultório odontológico: “Existem outras abordagens para esse problema, que exige um cuidado multifatorial e multidisciplinar, cujo objetivo final é devolver a estética, a função e o bem-estar ao paciente”, diz. Alberto ressalta ainda que cada fase do bruxismo produz a sua lesão. “Temos a dor, a deficiência da mastigação e a psicológica, gerada pela preocupação com a aparência”, finaliza.

Raquel Adriano, também odontóloga, destaca que o estresse e a ansiedade estão mais vinculados ao bruxismo de vigília, caracterizado pelo apertamento ou pelo contato excessivo dos dentes. "Nesses casos, fatores emocionais podem aumen-

Foto: Arquivo pessoal



**Submetido a
altos níveis
de estresse
e tensão, o
organismo
desencadeia
respostas
corporais**

Elisiane Barbosa

tar a atividade muscular da face e favorecer esses comportamentos. Entretanto, o bruxismo é uma condição multifatorial e de outros condicionantes, como genética, qualidade do sono, apneia do sono e uso de algumas medicações. Cafeína, álcool e tabagismo também podem estar envolvidos", frisa.

Com relação ao tratamento do bruxismo, Raquel diz que a conduta depende do tipo e dos impactos no paciente, apontando que nem todo caso necessita de intervenção. “Quando há dor, desgaste dentário, fraturas ou sobrecarga muscular, a abordagem pode incluir educação do paciente, controle de hábitos, melhora da qualida-

de do sono, placas oclusais e cuidado com os fatores associados. O tempo de acompanhamento varia conforme cada situação”, argumenta.

Ela também esclarece que o distúrbio pode ocorrer em qualquer faixa etária: “O bruxismo do sono é relativamente frequente em crianças, mas tende a reduzir com o crescimento. Em jovens e adultos, essa condição é mais facilmente identificada devido às suas consequências clínicas, como desgaste dentário, dor muscular e cefaleias”, acrescenta.

Fatores psicológicos

Para a psicóloga Elisiane Barbosa, o bruxismo é uma resposta relacionada ao mecanismo de luta e fuga, frequentemente presente em situações de ansiedade. “Quando o organismo está submetido a altos níveis de estresse e tensão, a psique pode não conseguir lidar adequadamente com essa sobrecarga e, de forma inconsciente, desencadear respostas corporais que envolvem o sistema nervoso central, levando a uma descarga neuromuscular e à contração dos músculos da face e da mandíbula”, explica.

Ela enfatiza que, muitas vezes, o movimento pode ocorrer sem que o indivíduo perceba, seja durante o sono, seja ao longo do dia. Entre os sintomas mais comuns, ela aponta dores de cabeça intensas, dor nas têmporas, desconforto na região mandibular e dificuldade para abrir a boca. “Não existe um período determinado para o tratamento, pois sua origem

pode estar associada a fatores emocionais. Por isso, o acompanhamento psicológico é importante para o manejo do estresse, da tensão e da ansiedade, podendo ser associado a práticas de meditação, atividade física e, em alguns casos, ao uso de medicamentos”, diz.

A psicóloga conta que a duração do quadro varia de pessoa para pessoa e, em alguns casos, pode persistir por muitos anos. Ela também salienta que não há uma faixa etária predominante, pois sua ocorrência depende de diversos fatores. “O que inclui o momento de vida e as condições emocionais de cada indivíduo”, salienta.

Foto: Arquivo pessoal



Em jovens e adultos, a condição é mais facilmente identificada devido às consequências clínicas

Raquel Adriano

Menos de 5% dos casos têm origem articular

Segundo o neurologista Luiz Severo, o bruxismo está intensamente associado à hiperativação do sistema nervoso autônomo – sistema responsável pelo alerta e pela calma –, que deveria estar em equilíbrio, porém, nesse caso, está hiperativado, especialmente em situações de estresse e ansiedade. “Estudos mostram que períodos de maior tensão emocional aumentam a atividade muscular involuntária dos músculos mastigatórios, notadamente o masseter e o temporal”, diz. Ele explica ainda que, durante o sono, microdespertares cerebrais também podem desencadear episódios de apertamento dentário, como uma resposta biológica do organismo diante de estados persistentes de alerta e sobrecarga emocional.

Luiz endossa os outros profissionais em relação ao tratamento multidisciplinar, pois é preciso abordar tanto os sintomas do bruxismo quanto os seus fatores desencadeantes. De acordo com ele, esse tratamento pode incluir placas oclusais prescritas pelo dentista, fisioterapia, laserterapia, acompanhamento psicológico, técnicas de manejo do estresse e neuromodulação não invasiva, como a estimulação do nervo vago, e acupuntura, que auxilia no relaxamento muscular e melhora o sono. Em alguns casos, tam-

Foto: Arquivo pessoal



**Geralmente,
são necessárias
pelo menos
cinco sessões
iniciais para
avaliação
da resposta
clínica**

Luiz Severo

bém são realizados procedimentos para pontos de tensão na musculatura mastigatória e articulação temporomandibular. "O tempo de tratamento varia conforme a gravidade, porém, geralmente, são necessárias pelo menos cinco sessões iniciais para uma avaliação da resposta clínica", afirma.

O neurologista avalia que a vida moderna, marcada por excesso de estímulos, hiperconnectividade, privação de sono e elevados níveis de cobran-

ça profissional e pessoal, aumenta a ativação crônica dos sistemas de estresse do organismo, o que favorece a ansiedade, a tensão muscular e os distúrbios do sono, condições frequentemente associadas ao bruxismo. “Estudos apontam que o aumento do estresse psicossocial nas últimas décadas tem contribuído para aumentar a prevalência de dores orofaciais e hábitos parafuncionais, como o apertamento dentário. Quando falamos de bruxismo, estamos nos referindo à síndrome do apertamento oral, que é uma consequência de um sistema nervoso ativado. Essa ativação acontece por diversas causas, e uma delas é a hiperativação vindo da ansiedade, do estresse, da inflamação clínica de baixo grau”, aponta.

Conforme Luiz Severo, há ocasiões em que o paciente se frustra com os tratamentos propostos, pois muitos profissionais acreditam que o bruxismo é uma doença da estrutura, ou seja, de um comprometimento da articulação. Contudo, menos de 5% dos casos de bruxismo serão considerados apenas uma doença articular. “Na verdade, o distúrbio é uma resposta do organismo ao nível de estresse. Isso acontece porque não fomos feitos para ficar em alerta contínuo. Então, o organismo reage. O corpo responde fisicamente ao estresse crô-

nico, seja emocional ou metabólico, fazendo com que essa resposta aconteça na face, provocando dor e ranger de dentes”, reforça.

Por tudo o que foi dito até aqui, o tratamento não deve ser direcionado meramente à articularização, mas ao sistema nervoso, com práticas que diminuam o nível de estresse. Por essa razão, o neurologista recomenda fisioterapia para a mobilização muscular, dieta anti-inflamatória e neuromodulação para a ativação do nervo vago, que proporciona melhora da ansiedade e do sono. Em alguns casos, no entanto, são necessários procedimentos na articularização, como infiltrações, bloqueios ou toxina botulínica. “O mais importante é deixar claro que o bruxismo é uma consequência. Entender o que ativa o nosso paciente do ponto de vista mecânico, emocional e inflamatório é a chave para termos sucesso”, pondera.

■
Para
neurologista,
vida moderna
favorece
condições
associadas à
doença, como
ansiedade e
distúrbios do
sono

INTERUNION CAPITALIZAÇÃO S.A. “Em Liquidação Extrajudicial”
CNPJ: 68.728.765/0001-86

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA PAGAMENTO

O Liquidante da INTERUNION CAPITALIZAÇÃO S.A. “Em Liquidação Extrajudicial” **NOTIFICA** aos credores devidamente habilitados no Quadro Geral de Credores, para recebimento de seus créditos consolidados na data-base de 24.12.1998, passíveis de atualização até a data do efetivo pagamento.

Os credores habilitados deverão comparecer na sede da Liquidanda na Avenida Rio Branco, nº 45, 3º andar, Centro, Rio de Janeiro (RJ), CEP 20900-000, no horário das 10:00 às 16:00. Maiores informações por meio dos telefones (21) 67877-5322 (CLARO) e 98094-0737 (TIM), e E-mail: jordao.liquidante@interunioncap.com.br

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2026.

Carlos Alberto Jordão Martins
Liquidante

[illegible]

CASA PRÓPRIA

Um sonho que pode virar pesadelo

Em apenas dois anos, Delegacia de Defraudações abriu 12 inquéritos relacionados a golpes imobiliários no estado

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

Ainda almejada por muitas pessoas, a conquista da casa própria é um passo importante na vida patrimonial de quem compra ou constrói. Especialistas das áreas policial e jurídica apontam que, principalmente quem possui o interesse de compra, precisa exigir documentos como contratos de promessa de compra e venda, e adotar cuidados como verificar a autenticidade da documentação fornecida pela parte vendedora. Para evitar ser vítima de golpe ou fraude, o comprador de um imóvel deve ficar atento e buscar o máximo de informação possível sobre os detalhes da transação.

À frente da Delegacia Especializada de Defraudações e Falsificações (DDF) da Polícia Civil da Paraíba (PCPB), o delegado Ademir Fernandes explica que, nos últimos dois anos, estiveram em curso na delegacia, localizada na capital do estado, 12 inquéritos relacionados a golpes imobiliários. “Em cada um deles, há mais de uma vítima. E em alguns, há dezenas”, afirma.

Nas investigações, conforme detalha Ademir Fernandes, foram identificados os principais estelionatários da área de imóveis. Um deles foi pre-



Comprador deve ter cautela, pesquisar sobre a atuação da construtora e da imobiliária e verificar autenticidade dos documentos

so na semana passada. Outros três foram detidos em 2025, mas já estão em liberdade. São aproximadamente 20 criminosos apontados, já conhecidos e cujos nomes se repetem em muitos dos inquéritos, pois atuam, de acordo com a descrição do delegado, em grupos criminosos organizados. “Não agem sozinhos, pois

têm apoio de funcionários de cartórios, por exemplo, principalmente no interior do estado. Aos poucos estamos identificando essas pessoas, que também serão indiciadas em cada inquérito”, afirma. Com o tempo, nas palavras do delegado, a tendência é que a atuação policial especializada do setor de defraudações possa “realizar

um trabalho mais profundo, que certamente mudará o paradigma de negociações imobiliárias no estado, colaborando para um setor imobiliário mais transparente e seguro”, destaca Fernandes.

Casos frequentes

Na Paraíba, entre os golpes imobiliários mais recor-

rentes figuram as vendas fraudulentas de terrenos, as falsas vendas de imóveis e as locações falsas. Em casos assim, os estelionatários utilizam procurações, escrituras e outros documentos falsificados, ou vendem um mesmo imóvel para múltiplas vítimas.

Cautela diante desse cenário, de acordo com o delegado,

é imprescindível, principalmente para quem se prepara para dar o importante passo de adquirir uma casa ou apartamento. Ademir Fernandes adverte que agir apressadamente pode induzir ao erro. “Evite comprar de imediato, e se for comprar um imóvel pronto, faça previamente, pelo menos, uma pequena pesquisa sobre a construtora ou imobiliária”, explica. “Se a compra do imóvel for realizada por meio de alguém que porta procuração, deve-se verificar se esta realmente é original. É válido buscar saber junto ao cartório, mesmo que dê um pouco mais de trabalho, pois o prejuízo posterior pode ser ainda maior”, aconselha o delegado.

Como evitar, então, que o sonho da casa própria se converta em um pesadelo? O advogado Gabriel Honorato, atual presidente do Instituto Brasileiro de Direito das Famílias, Seção Paraíba (IBDFAM-PB), ressalta: sempre que uma pessoa tem como projeto ou objetivo a aquisição de um imóvel, é importante observar cuidadosamente todos os detalhes envolvidos. “Não é a mesma coisa de quando compramos um objeto, uma peça de roupa ou um calçado, que por mais que tenhamos algum prejuízo, há a possibilidade de troca ou um impacto menor”, observa.

Buscar profissionais que conheçam o mercado ajuda a evitar prejuízos

Lançar mão de ajuda profissional qualificada favorece decisões melhor informadas, trazendo garantias aos potenciais compradores. Um dos primeiros cuidados é a escolha das pessoas que mediam essas compras. “E, aí, me refiro aos corretores. Temos muitos corretores competentes, éticos e confiáveis, que devem ser priorizados obviamente, e é preciso que quem tem esse interesse de compra saiba com quem é seguro negociar”, aponta o advogado Gabriel Honorato. Todo corretor de imóveis regular deve ter registro no Conselho Regional de Corretores de Imóveis da 21ª Região (Creci-PB). Você pode verificar essa informação acessando o QR Code ao fim desta matéria.

Além de saber contratar um corretor que fará essa intermediação, o profissional destaca que é importante contar com um advogado. O profissional dessa área desempenha o papel de análise jurídica, algo que um corretor não pode fazer e que garante a lisura de todo o processo e segurança, do ponto de vista jurídico, às partes



Gabriel Honorato: “Investimento que vale a pena”

envolvidas na negociação. “É um cuidado, um investimento, que vale muito a pena, [ter a ajuda de um advogado] pode prevenir prejuízos patrimoniais e maiores problemas no geral”, analisa Honorato.

“É muito comum, nesse meio, a gente receber clientes com problemas decorrentes de imóveis que foram alienados, ou com vícios construtivos, por exemplo”. Nesses casos, o advogado Gabriel Honorato sugere, sobretudo quando tratam-se de imóveis em condomínios residenciais ou casas

autônomas no meio da cidade, a consulta de um engenheiro, que possa fazer uma inspeção ou vistoria especializada da estrutura.

Alguns vícios construtivos podem estar ocultos ou não muito evidentes para a população em geral. “Por isso, é importante conseguir essa averiguação. O corretor de imóveis não tem capacidade para fazê-la, nem o advogado. Em alguns casos o próprio arquiteto também não tem. O ideal mesmo é buscar a avaliação de um engenheiro”, pontua o advogado.

Golpistas chegam a vender o mesmo imóvel para mais de uma pessoa

Alguns documentos e informações são indispensáveis no processo de compra e venda. “A gente sempre sugere iniciar pela Certidão de Inteiro Teor, e não apenas uma simples certidão de registro. Enquanto uma vai custar R\$ 40 ou R\$ 50, mais ou menos, a outra custa R\$ 120”, afirma Honorato. Na opinião dele, a economia não vale a pena, porque a Certidão de Inteiro Teor possui maior abrangência de informações, com os antecessores do imóvel, bem como a identificação de eventuais indisponibilidades, como penhoras e outras averbações.

Ademais, o advogado frisa a necessidade de verificar a existência de certidões negativas municipais e estaduais, a exemplo de débitos do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e da Taxa de Coleta de Resíduos (TCR). Ele aconselha verificar também se não há débitos com a Companhia de Águas e Esgotos da Paraíba (Cagepa) e a Energisa, por meio de Certidão Negativa, Declaração de Nada Consta ou extrato financeiro.

Gabriel Honorato assevera, também, que é interessan-

te fazer uma pesquisa sobre o proprietário do imóvel, “para ver se não recai sobre aquele nome, nenhuma penhora que não esteja ainda no registro imobiliário”, alerta. “Dentro desse cenário, é crucial que essa pessoa esteja bem regrada, bem documentada, por meio de um contrato de compra e venda, que seja bastante exaustivo no sentido de trazer o máximo de segurança para as mais variadas situações”, acrescenta.

O advogado dá destaque à necessidade de documentar a promessa de compra e venda no registro imobiliário. “É algo que, às vezes, as pessoas não querem fazer”, afirma. Ele explica que, apesar do custo ser elevado, de R\$ 6 mil a R\$ 8 mil, a medida assegura, por exemplo, que o imóvel não seja vendido em duplicidade. “Isso livra o comprador do risco de outro problema muito comum: fraudadores e golpistas que vendem um imóvel para pessoas diferentes, recebem os valores e, naturalmente, não têm como entregar o mesmo imóvel para essas pessoas”, alerta.

Outro tipo de situação

alertada pelo advogado diz respeito às práticas de pessoas que vendem imóveis dos quais não são proprietárias. “Alguém se apresenta como dono de um imóvel que está desocupado. Aí, ele vai lá, leva a pessoa, apresenta o imóvel, e o vende como se fosse seu. E depois, quando você vai para o registro imobiliário, não consegue transferir. Porque, na verdade, aquele imóvel não pertencia àquela pessoa, ou então aquela pessoa estava utilizando documentos falsos. Então tudo isso é importante de ser averiguado”, descreve.



Acesse o QR Code para verificar o registro profissional do seu corretor

Saiba Mais

■ Documentação do Imóvel

- Matrícula atualizada — solicite no Cartório de Registro de Imóveis da sua região. Ela é a “certidão de nascimento” do imóvel e mostra quem é o verdadeiro dono e se há penhoras ou hipotecas;
- Certidão de Ônus Reais — revela se o imóvel está dado como garantia de alguma dívida;
- Habite-se — documento emitido pela Prefeitura que atesta que a casa foi construída dentro das normas e pode ser habitada.

■ Certidões dos Vendedores

Para evitar que o vendedor esteja vendendo o imóvel para fugir de processos judiciais (o que pode anular a venda) ou deixar dívidas para você, consulte os seguintes documentos:

- Certidões cíveis e criminais — pesquise na Justiça Estadual e Federal;
- Certidões trabalhistas — essenciais para verificar se o proprietário tem processos trabalhistas, pois dívidas dessa natureza podem atingir o imóvel;
- Certidões fiscais — comprove a regularidade na Receita Federal e na Prefeitura (IPTU).

BALONISMO

Prática valoriza turismo no interior

Por meio de festivais e eventos, os balões de ar quente diversificam as opções para quem busca aventura e lazer

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

Recentemente introduzido na Paraíba, o balonismo vem se destacando no setor do turismo de natureza no interior do estado, especialmente em Serra Grande, no Alto Sertão. Por meio de festivais e eventos, a prática do esporte e sua promoção prometem diversificar as opções para quem procura aliar aventura e lazer. Fatores como relevo, direção dos ventos, áreas de pouso e condições climáticas são determinantes para que um local seja considerado propício aos voos de balão.

Para o presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ferdinando Lucena, o crescimento da atividade — que já passou também por Santa Luzia e Campina Grande —, é capaz de valorizar o turismo em diferentes regiões do estado. “Com planejamento técnico e segurança, essa modalidade pode crescer e conquistar espaço. Acreditamos que, nos próximos anos, o balonismo poderá contribuir para fortalecer a promoção da Paraíba como destino de experiências únicas”, afirma.

A primeira vez que um balão veio ao interior da Paraíba foi em 2024, em um evento realizado na sema-

Festival
Estado recebeu o primeiro evento dessa atividade neste ano, quando pilotos de diferentes locais do país participaram de uma competição técnica, em Serra Grande

na do ecoturismo e turismo sustentável, no município de Santa Luzia. “Depois, fomos para Serra Grande, quando desenvolvi o primeiro evento de balonismo, em parceria com a prefeitura. O festival aconteceu neste ano, dentro da feira SerTão Turístico Expor Negócios”, esclarece o atual secretário de Turismo de Serra Grande, Huanderson Martins.

Com pilotos de estados como Pernambuco, Bahia e Paraná, a edição de maio de 2026 do festival promoveu uma competição técnica acompanhada pela Federação Baiana de Balonismo (FBB). Além dos voos competitivos, durante o evento, um total de 34 pessoas participou de 12 voos turísticos.

Envolvido na execução dos voos, Huanderson é promotor de eventos com foco em atividades de aventura. “A SerTão Turístico é uma iniciativa coletiva da prefeitura de Serra Grande e do Sebrae-PB. Com a criação do festival de balonismo, veio o interesse de levar o evento para outras cidades, tanto o festival quanto a SerTão Turístico Expor Negócios, programação em que os voos acontecem”, destaca Martins.

Expansão
O calendário de expansão dependerá, de acordo com Huanderson, das próximas cidades visitadas. Os convites partem dos secretários de turismo dos municípios que desejam receber a programação. Martins conta que tem o hábito de criar um mapa de cada lugar, o que aumenta a segurança do evento, melhora o entendimento do plano de ação dos voos para os pilotos e simplifica a questão visual das atividades que os turistas podem fazer. “Havendo interesse, a prefeitura ou o empresário agenda uma visita. Nessa reunião, é primordial que cada secretário apresente o município, para que a gente crie um evento que tenha as características daquela localidade. Além disso, dependemos muito das condições climáticas para realizar as atividades”, acrescenta.



Relevo, direção dos ventos, áreas de pouso e condições climáticas são cruciais para os voos

Foto: Divulgação/SerTão Turístico

Estrutura garante tranquilidade a pilotos e passageiros

A principal contribuição da iniciativa, conforme pontua o secretário de Turismo de Serra Grande, é deixar produtos de turismo prontos para que cada município participante estruture-se e desenvolva as suas atividades. “A intenção é gerar economia criativa por meio das atividades de ecoturismo e aventura”, pontua.

Nas últimas edições, a programação incluiu, além dos voos de balão, parede de escalada com tirolesa, voos de parapente, paramotor, saltos de paraquedas, encontro

de aviadores, trilhas ecológicas, *camping*, cachoeirismo, capacitação para secretários líderes de equipes e cursos sobre primeiros socorros. “O balonismo é uma prática muito séria. No contexto do turismo de natureza, é considerada uma das atividades turísticas que mais chamam a atenção, no mundo inteiro. É um verdadeiro espetáculo”, frisa Huanderson. Ele também destaca que, quando se faz uma boa gestão de risco e todos os pontos dos planos de voo são respeitados, o passeio de balão

pode ser feito com segurança e comodidade. “Eu costumo criar uma apólice de seguros para cada atividade e para cada evento também. Além disso, contamos sempre com o apoio da administração municipal, com ambulâncias do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência [Samu] disponíveis e a presença da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros”, ressalta. A depender da modalidade ou da experiência, uma série de critérios deve ser levada em conta. O secretário

e promotor de eventos recomenda que os participantes de primeira viagem façam o máximo de perguntas sobre o material e sobre a atividade, sanando todas as possíveis dúvidas. “Os bons profissionais explicam tudo nos mínimos detalhes, apresentam documentos referentes ao sistema de gestão de riscos e mostram os termos de responsabilidade”, afirma Huanderson. As condições físicas e de saúde de cada turista também são informações cruciais. “Não recomendo essa

atividade para pessoas com labirintite ou com problemas cardíacos, por exemplo. Outro caso é o das pessoas com alergia severa, principalmente a insetos, ou fortes restrições alimentares”, conta. Um extenso questionário pessoal deve ser feito previamente, para que o passeio seja proveitoso e seguro. “A nossa preocupação começa a partir do momento em que cada turista sai de casa, passando pela assinatura do seguro de viagem, depois pela vivência da atividade escolhida e terminando com o regresso

desses clientes às suas residências”, observa o promotor de eventos.

■
Atividade não é indicada para pessoas cardíacas, com labirintite, com alergia severa ou com restrições alimentares



Tauana surpreendeu-se com a tranquilidade do voo e com a beleza da paisagem vista do alto

Foto: Arquivo pessoal

Visitantes relatam encantamento com experiência de ver o mundo em 360°

Natural de Serra Grande, a servidora pública Mary Jane de Moura Sudário sempre teve o desejo de participar de um voo de balão. Quando a atividade chegou ao município, ela não pensou duas vezes — e ainda aproveitou a oportunidade para compartilhar a experiência. “Viver isso no meu Sertão e ao lado do meu filho foi incrível. O passeio foi super tranquilo, a equipe da Bahia Balonismo passa toda a segurança necessária aos participantes, e isso faz muita diferença. Eles falam sobre os protocolos de segurança e passam instruções antes do voo e sobre como agir durante o pouso”, conta. Moradora de São José de Piranhas, Tauana Albuquerque, gestora do empreendimento turístico Nas Alturas, ficou sabendo do evento por meio das divulgações da Fei-

ra de Turismo. “Como trabalho diretamente com turismo, sempre acompanho iniciativas que valorizam os destinos do nosso estado. Quando vi que também haveria voos de balão abertos ao público, decidi participar”, relata. Segundo ela, a experiência foi muito marcante. “O que mais me chamou a atenção foi ver o nascer do sol lá de cima, acompanhar a sombra do balão sobre a paisagem e ver o reflexo do balão na água, quando passamos sobre um açude. São imagens que ficarão na memória”, diz a empreendedora, entusiasmada com o seu primeiro voo de balão. Tauana também se surpreendeu com a tranquilidade do voo. “Eu imaginava algo mais instável, mas é extremamente suave, silencioso e contemplativo”, acrescenta. Ela

conta que o interesse pela modalidade surgiu não apenas por causa da sua atuação profissional no turismo, mas por um motivo pessoal. “Meu pai, que faleceu em 2018, sempre falava sobre a vontade de viver essa experiência. Ele tinha esse sonho e costumava compartilhá-lo comigo”, revela Tauana. A empreendedora voou acompanhada pelo piloto da empresa Bonito Balonismo e por um auxiliar da equipe. “Foram extremamente profissionais e me transmitiram muita segurança. Além da emoção pessoal, a vivência também me fez refletir sobre o potencial turístico do interior da Paraíba e reforçou ainda mais o meu interesse em desenvolver experiências ligadas à natureza e ao turismo de contemplação na nossa região”, avalia.

MÚSICA

Uma voz musical e política

Dossiê Nora Ney resgata a história da cantora que fez grande sucesso nos anos 1950, foi a primeira a gravar um rock no Brasil e cantou até na União Soviética



Imagem: Divulgação/Garota FM

Livro organizado por Raphael Fernandes Lopes Farias (D) reúne textos de diversos autores



Foto: Divulgação

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Ela excursionou como cantora pela extinta União Soviética e denunciou publicamente uma tentativa de feminicídio nos anos 1950 — no caso, contra ela mesma. No entanto, ou melhor, por essas e outras razões, a cantora e compositora Nora Ney (1922-2003) restou como um nome “apagado” nos arquivos da Era de Ouro do rádio. Organizado por Raphael Fernandes Lopes Farias, *Dossiê Nora Ney: uma voz poética e política, 100 anos* (Editora Garota FM, 226 páginas) tenta reverter esse esquecimento com o primeiro livro totalmente dedicado à memória da cantora brasileira, com textos de vários autores.

Professor, músico e pesquisador, Farias explica que seu contato com o universo pesquisado não foi exatamente voltado a princípio para Nora Ney, mas, sim, para Maysa, artista da mesma época. Segundo relata, o interesse ocorreu ainda em 2001, quando conheceu a voz de Maysa a partir da abertura da minissérie *Presença de Anita* (2001), da Rede Globo.

Questionado sobre o motivo dessa predileção, o pesquisador é categórico: “Porque a Maysa já tem bastante coisa a respeito dela. Já temos seriado, pelo menos três biografias e agora ela vai ganhar um museu na cidade de Maricá [RJ]”. Em contraste, descreve a situação de seu objeto de estudo: “A Nora estava lá, apagadona, esquecida, com uma história tão importante quanto e com outros feitos diferentes da Maysa que precisavam ser contados”.

Sobre as razões de um tal apagamento da voz de Nora, Raphael aponta dois fatores. O primeiro é geracional. “O esquecimento é da geração como um todo dela, a mesma que a Maysa pertence”, diz ele, referindo-se aos artistas anteriores ao movimento da Bossa Nova, período a partir do qual o público brasileiro passou a conhecer melhor os músicos nacionais. O segundo fator apontado é de ordem política. Segundo o pesquisa-

dor, ignorar esse aspecto reduziria a artista a “mais uma personagem da música, só; mais uma cantora, o que já seria muito importante”. Mas não é só isso.

“O trabalho dela alcançou a União Soviética, alcançou a China. Ela ia buscar países aonde os outros artistas não iam, e era uma metade do mundo pouquíssimo acessada por brasileiros. Ela estava encabeçando movimentos de divulgação da cultura brasileira em países que poucos artistas iam no tempo dela e que ainda hoje a gente não vai”, comenta. Essa penetração esteve relacionada à filiação da cantora ao Partido Comunista, o que, segundo o autor, facilitou um tal trânsito internacional dela e do seu segundo marido, Jorge Goulart, já que era próprio à ideologia do partido a ideia de internacionalização.

Embora fundamentado em comunicação e música, o trabalho também possui base histórica. Farias cita a participação de dois historiadores no projeto — Daniel Saraiva (autor de livro sobre a trajetória de Nara Leão) e André Domingues dos Santos, que coassinam a apresentação da obra. “Eles tiveram em diálogo comigo o tempo todo, tanto na elaboração da concepção do projeto quanto na elaboração de cada capítulo”.

A obra divide-se em quatro partes: “Eu sou Nora Ney e canto”; “Quando a noite me entende”; “Chove lá fora” e “O povo canta”, cada uma composta por textos de pesquisadores sobre vida e obra da eterna rainha do rádio. Dentre eles, o capítulo intitulado “Entre o tensionamento e a contingência: figurações da mulher nas letras cantadas por Nora Ney”, por exemplo, apresenta um interessante paralelo entre o repertório de dor gravado por Nora Ney (à época denominada como música de fossa) e a música sertaneja atual.

“É um paralelo muito evidente quando escutamos esse repertório, porque temos uma linha na música latino-ameri-

cana como um todo que é bastante emocional, que não se abstém de falar abertamente dos dilemas amorosos e de se derramar em tudo o que está sentindo”, destaca.

A esse respeito, o pesquisador aponta a influência direta de Lupicínio Rodrigues (1914-1974), de quem Nora Ney gravou algumas músicas, tal como o samba-canção brasileiro, que guarda referências ao bolero, “também uma música muito romântica, mas nem por isso alienada. Porque, falando dos dramas pessoais e cotidianos, a gente também está falando de política, exercendo liberdades e colocando temas em pauta”.

Sobre a posição de Nora Ney em seu contexto histórico, Raphael Farias afirma: “Imagine uma mulher nos anos 1950 se desquitando! Embora nos pareça apenas uma cantora antiga, quando enquadrada no contexto da sua época, ela estava fazendo uma coisa muito corajosa, muito política, abertamente, que era se separar, pedir desquite, denunciar a violência doméstica e ir pra União Soviética na Guerra Fria”.

Breve dossiê

Nora Ney despontou no início dos anos 1950 como uma das vozes centrais do samba-canção, gênero de ritmo lento e forte carga dramática, análogo à balada norte-americana. Seu maior sucesso, “Ninguém me ama” (Antônio Maria e Fernando Lobo), tornou-se símbolo da chamada “música de fossa” e chegou a ser gravada por Nat King Cole.

Em 1955, Nora gravou “Ronda das horas”, versão de “Rock around the clock”, tornando-se a primeira artista a gravar um rock no Brasil — embora tenha desgostado do gênero, registrando depois o samba “Cansei de rock”. De voz grave e tessitura contralto, rouquidão natural e fraseado dramático, caracterizava ruptura com o estereótipo da voz feminina delicada da época, sendo descrita em trechos do livro como intérprete visceral, que usava pausas e prolongamentos vocálicos para intensificar o sofrimento das letras.

Muito da pesquisa de *Dossiê Nora Ney* baseou-se na *Revista do Rádio*, na qual Nora aparece por diversas vezes ao longo de décadas. As reportagens da época costumavam tratar de sua carreira por aspectos pessoais controversos, como um episódio de violência doméstica com o primeiro marido abusivo ou comentários públicos sobre seu peso, revelando o controle social exercido pela mídia sobre as artistas.

Nora era filiada ao Partido Comunista Brasileiro, o que lhe trouxe consequências profissionais sérias, incluindo demissão da Rádio Nacional após o Golpe de 1964 e vigilância durante a Ditadura Militar. Em 1958, participou de uma turnê por países comunistas (URSS e China), ao lado do marido

Jorge Goulart e outros artistas, num momento por ela mesma considerado como o auge de sua militância. Atuou em musicais como *Carnaval Atlântida* (1953) e *Garotas e samba* (1957), contribuindo para a relação entre rádio, samba-canção e o cinema popular brasileiro, as chanchadas, gênero que dialogava com o humor e a crítica social da época.

Apesar de sua relevância histórica, Nora Ney não alcançou o mesmo *status* de ícone *cult* atribuído a colegas como Maysa, em parte por sua posição política e por não ter tido a mesma exposição midiática póstuma. O dossiê em livro propõe justamente entendê-la como figura essencial para compreender tanto a evolução musical do samba-canção à bossa-nova quanto o papel da mulher artista no Brasil pré-1964.



Nora Ney no auge: em 1952, com o marido Jorge Goulart, na Revista do Rádio (D); em 1953, na Radiolândia (acima); e em 1959 (foto maior)



Fotos: Divulgação/Garota FM

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

A cicatriz e o Estado

Há sofrimentos que procuram destruir. Outros procuram ensinar. Confundir essas duas experiências talvez seja um dos maiores equívocos da modernidade.

Quando pensamos em tortura, nossa memória imediatamente nos conduz aos porões das ditaduras. A imagem é inevitável: o corpo reduzido a objeto, a dor utilizada como instrumento de confissão, medo e obediência. Da Inquisição aos regimes militares latino-americanos, a tortura sempre desempenhou a mesma função política: produzir um sujeito derrotado. Não importa apenas arrancar informações. Importa quebrar a vontade, demonstrar que existe um poder absoluto diante do qual toda resistência é inútil.

Essa associação é tão forte que tentemos a acreditar que toda forma de sofrimento imposto possui necessariamente o mesmo significado. Mas nem sempre foi assim.

Friedrich Nietzsche observou que uma cultura incapaz de atribuir sentido ao sofrimento transforma qualquer dor em absurdo. Não porque o filósofo celebrasse o sofrimento, como tantas vezes se repete de maneira simplista, mas porque compreendia que toda formação humana exige atravessar limites. Os antigos estoicos diriam algo semelhante: não escolhemos aquilo que nos acontece, mas podemos escolher o modo como responderemos às adversidades. Em ambos os casos, a dor deixa de ser apenas uma experiência física para tornar-se um problema moral.

Existe, porém, uma terceira possibilidade, menos conhecida e talvez mais desconcertante. Algumas sociedades indígenas da América do Sul submetiam seus jovens a ritos de iniciação extremamente dolorosos. O olhar europeu enxergou apenas barbárie. Mas o antropólogo francês Pierre Clastres fez uma pergunta diferente: e se o importante não fosse a dor, mas aquilo que ela pretendia ensinar?

A resposta é surpreendente. Ao marcar o corpo dos iniciados, aquelas sociedades não celebravam a violência. Gravavam uma lei. A cicatriz dizia ao jovem aquilo que nenhum livro precisava registrar: você pertence aos nossos. Ninguém aqui é superior a você, mas você também não é superior a ninguém. A igualdade não era ensinada por discursos, mas inscrita na pele. O corpo tornava-se memória.

Há algo de profundamente perturbador nessa ideia. Afinal, fomos educados para acreditar que a lei habita os códigos, os tribunais, as constituições. Mas talvez toda sociedade escreva suas leis em algum lugar. Algumas escolhem o papel. Outras escolhem os corpos.

É justamente aqui que surge um contraste inquietante com as ditaduras: o torturador de um regime autoritário pretende separar. Há os que mandam e os que obedecem, os que interrogam e os que suplicam. A violência confirma a desigualdade. Já nos ritos indígenas descritos pelo antropólogo, a dor não criava hierar-

quias, mas lembrava que elas não deveriam existir. Era uma violência limitada, destinada paradoxalmente a impedir uma violência permanente: aquela que nasce quando o poder deixa de pertencer à comunidade e passa a existir acima dela.

Nada disso transforma a tortura em algo aceitável. Nossa sensibilidade moral, construída também a partir da experiência histórica dos direitos humanos, não pode simplesmente suspender esse julgamento. Mas talvez a pergunta decisiva não seja saber se uma prática nos horroriza. A pergunta é: que tipo de sociedade ela produz?

Vivemos convencidos de que o monopólio da violência pelo Estado representa o fim da barbárie. Em muitos aspectos, isso é verdadeiro. O Estado democrático protege direitos, limita arbitrariedades e impede que a força privada substitua a lei. Mas a história também ensina que o mesmo Estado capaz de garantir liberdade pode, quando perde seus freios, organizar a violência em escala incomparavelmente maior do que qualquer comunidade tradicional jamais conheceu.

Talvez essa seja a lição mais desconfortável. O problema nunca foi apenas a violência. O problema sempre foi quem a controla, contra quem ela se dirige e em nome de qual ideia de sociedade ela é exercida.

As cicatrizes desaparecem com o tempo. O poder, quando deixa de encontrar limites, costuma durar muito mais.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Canto coral e humanização

O desenvolvimento tecnológico, a aceleração dos processos comunicacionais e a crescente valorização da competitividade têm contribuído para a formação de sociedades cada vez mais individualistas, marcadas pela fragmentação dos vínculos humanos e pela redução dos espaços de convivência. Nesse contexto, a educação artística, especialmente por meio do canto coral, emerge como uma importante prática de formação humana, capaz de promover a reeducação da sensibilidade, de fortalecer os laços comunitários e de contribuir para o desembrutecimento social, também constitui uma experiência estética, ética e política que favorece a construção da empatia, da cooperação e do reconhecimento do outro.

Sob a perspectiva educacional, o canto coral promove aquilo que diversos pensadores denominam “educação da sensibilidade”. Para o filósofo e educador norte-americano John Dewey (1859-1952), a experiência estética amplia a capacidade de percepção e aproxima o indivíduo de formas mais conscientes de compreender a realidade. A arte rompe com a automatização da vida cotidiana, ela desperta atenção para aspectos frequentemente negligenciados pelas tensões da rotina. Essa experiência manifesta-se na necessidade de ouvir, simultaneamente, a própria voz e a dos demais, desenvolvendo uma escuta ativa que favorece não apenas a percepção musical, mas também a convivência democrática. Theodor W. Adorno (1903-1969), filósofo e sociólogo alemão, reconhecia na formação musical rigorosa um processo de desenvolver o pensamento crítico e a autonomia intelectual. O estudo coral exige concentração, memória, interpretação, leitura musical e reflexão sobre os significados das obras, contribuindo para uma formação que se opõe à superficialidade característica da cultura do consumo imediato.



Elina Garanča: desembrutecimento social

O conceito de desembrutecimento social pode ser compreendido como o processo de superação das formas de violência, intolerância, indiferença e insensibilidade que empobrecem as relações humanas. Nessa perspectiva, a música coral favorece uma pedagogia da alteridade. Cada ensaio constitui um exercício permanente de negociação, respeito e escuta. Nenhuma voz pode se impor sobre as demais sem comprometer o equilíbrio do conjunto. A harmonia musical torna-se, assim, uma metáfora concreta da convivência democrática: diferentes timbres, extensões vocais e personalidades unem-se em torno de um objetivo comum sem perder suas identidades. Também sob a perspectiva da Pedagogia Crítica, o ensaio coral constitui um espaço de aprendizagem horizontal, no qual o conhecimento é continuamente construído pela interação entre regente e coralistas, favorecendo o respeito mútuo, a participação ativa,

estimula áreas cerebrais relacionadas à empatia, à memória, à coordenação motora e à regulação emocional. Cantar em grupo favorece a sincronização respiratória, reduz indicadores de estresse e fortalece o sentimento de pertencimento social. Esses efeitos explicam por que coros são frequentemente utilizados em programas educacionais, projetos comunitários e iniciativas voltadas à promoção da saúde mental e da inclusão social.

Em sociedades marcadas pela polarização política, pela violência simbólica e pela crescente dificuldade de diálogo, o canto coral oferece uma experiência concreta de convivência civilizada. Ele ensina que a diversidade constitui um mecanismo à unidade entre todos. Enquanto a competição incentiva a supremacia individual, o coro demonstra que a excelência artística nasce precisamente da cooperação, da escuta e da complementaridade entre as vozes. Trata-se de uma prática educativa capaz de reeducar a sensibilidade humana, fortalecer valores democráticos e contribuir para o desembrutecimento social. Ao cultivar a escuta, a disciplina, a solidariedade e o respeito às diferenças, o canto coral reafirma a função humanizadora da arte e evidencia que a música forma cidadãos mais sensíveis, éticos e comprometidos com a construção de uma sociedade fundada na dignidade, na cooperação e no bem comum.

Sinta-se convidado para a audição do 575º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 5, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei a vida, a obra e as contribuições da mezzo-soprano letã Elina Garanča (1976) para a reeducação da sensibilidade humana e para o desembrutecimento social.

Kubitschek
Pinheiro
Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Escamotear a barba

Fazer a barba não provoca tédio, embora o tédio seja exclusivo dos humanos. Meu pai tinha uma navalha luminosa, quase um punhal. Eu nunca tive uma navalha — na carne, sim — tenho uma faca cega e uma fé amolada e jamais teria um bisturi, não saberia usá-lo.

Lembrando que em 2028, a peça *A navalha na carne*, de Plínio Marcos, que relata a relação abusiva entre uma prostituta e o seu gigolô, e foi proibida pela Ditadura Militar, chegará aos 50 anos, mas a navalha aqui é outra.

Eu nunca gostei de fazer a barba, tenho dois pincéis italianos, presente do meu amigo Chico Evangelista. Quando fazia uso, e rosto já em neve, o Prestobarba, muitas vezes, me cortava e eu ficava horas com a ponta da toalha apertando a pele para estancar o sangue.

Barba feita tem a ver com responsabilidades. Não pega bem andar por aí com a barba por fazer... Prisão é ter que conviver com a barba até o juízo final.

Se não nos dá um rosto jovem, do nada ainda ganhamos um elogio (como você está novo!), mas, às vezes, minha barba fica “desse tamanho”, lá da canção de Nando Reis. A arte de viver de cara lisa é um pouco de saúde — mas cara lisa no Sertão tem outro significado. O ser humano e suas segundas intenções.

As pancadas, com que o corpo se sacode e ficamos a conviver com a banalidade de imaginar os desabamentos, os terremotos, os horrores multiplicados e não temos como sacudir a poeira, que pelo menos uma barba bem feita, arranque a cara amarrada que muitos carregam.

A barba não amplia a perspectiva de um homem, mas tem que ser feita de vez em quando.

Um dia de sol, fui na Galeria Caxias (centro de João Pessoa) levar umas calças para ajeitar e dou de cara com o Salão Barbearia Presidente e, ali mesmo, fiquei para que o barbeiro fizesse minha barba. O nome dele é Ricardo e cobra tão barato, que sempre pago um pouco mais.

Virou uma rotina. A oportunidade ao menos dá-nos uma boa conversa. Adeus cortes no rosto. Sentado ali, na cadeira de madeira antiga, eu viajo pensando em Sebastião, o barbeiro lá de Jatobá, enquanto o Ricardo assobia “Amada amante” do rei Roberto. Batemos com os pés, já somos lançados na vida de artista.

Conversa vai e estamos ali a falar de mulheres bonitas, as cartas de Anaide Beiriz para João Dantas no gozo de estar na janela imaginária, que ninguém sabe, ninguém viu, as tais caligrafias. Sim, eu gosto muito do barbeiro Ricardo, ele deixa meu rosto igual bumbum de bebê.

Tabelas, extremos, a espuma e o ritmo da navalha e não fica um toco de pelo no meu rosto, uma sensação que ascende meus olhos, ossos, céus, refúgios, nunca mais farei a barba no banheiro de casa.

Com cenas mais inesperadas, por vezes estamos a sós ou com senhora que manicure e pedicure, que faz as unhas dos homens do pedaço, e o silêncio impera bem longe de todas as tristezas do centro da capital. E logo ele está a jogar Água Rabello no meu rosto, uma sensação estranha, quase um desgosto e diz: “Pronto, está novo de novo”.

Saio dali contente, com o rosto lisinho e a certeza de dias melhores se espreme numa ilusão à toa.

Volto para o Tribunal olhando para o chão, as calçadas esburacadas, com medo de levar uma queda, pois já estou a chegar aos 65. Antes, faço o Pix para Ricardo sempre gratificando-o, porque não tem preço que pague uma barba bem feita.

Kapetadas

- 1 – Não gosto de *filosofia*, ok, Descartes?
- 2 – Sonhei com várias espaçonaves essa semana. Que me perdoe a realidade, mas sonhar é fundamental.



O colunista (D) com o barbeiro Ricardo, do Salão Presidente

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Cinema à parte, um instante de futebol

Nesta semana, lendo o artigo do historiador amigo Zé Octávio em **A União**, falando sobre a tragédia que foi para a Seleção Brasileira, naquele 16 de julho, há 66 anos, sua perda para a Seleção Uruguaia, vieram-me algumas memórias ligadas ao cinema em Santa Rita.

Era tempo de Copa do Mundo de 1950. Diferentemente de seu habitual comportamento — calado, sisudo e muito calmo —, agora eufórico e pulando de pé em pé, chegara o nosso projetorista Manoel naquela noite, exultando: “Brasil! Brasil! Agora é um grande Maracanaço”. Sob espanto, ficamos eu e meu pai em nossa cabine de projeção, quando revisávamos o filme que seria exibido naquela noite.

Para meu pai, Severino do Cinema (conhecido como tal), aquela era uma época de pouco entusiasmo, já que não se dizia muito fã de futebol, embora tenha sido até goleiro em sua juventude, quando sofreu em campo um acidente jogando em Mulungu, a cidade em que nasceu no interior da Paraíba. Abatido, pegou então as chuteiras de couro que usava, atirando-as sobre os galhos da frondosa mangueira, que ficava na frente da casa de sua noiva. Daquele dia em diante, resolveu trocar de vez o futebol pelo cinema. E naquele ano, mesmo jogando no Brasil, o Uruguai se consagraria um campeão do mundo, contrariando toda a euforia brasileira.

Anos depois, vimos uma Copa do Mundo trazendo a todos as alegrias

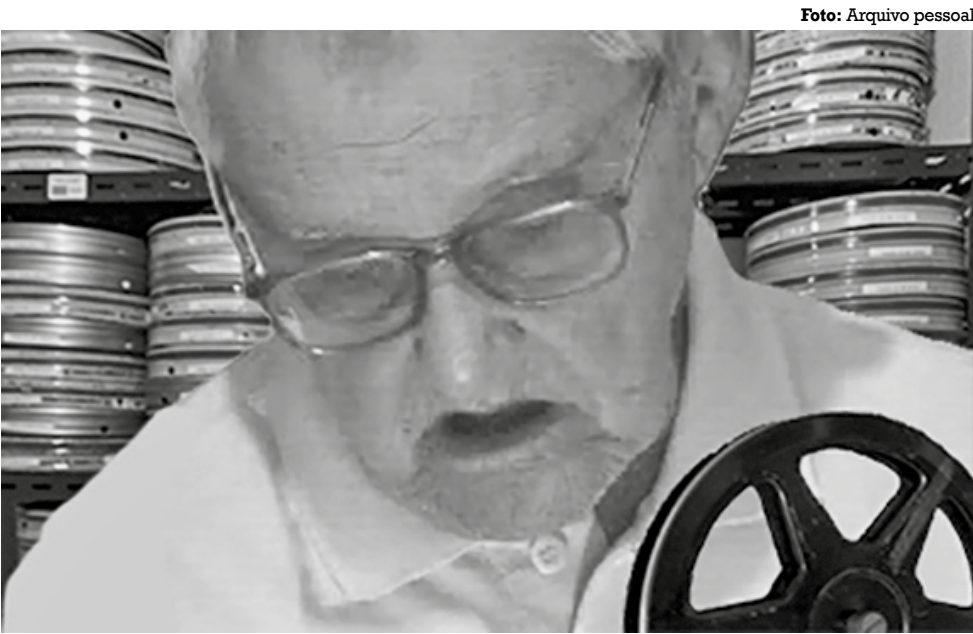


Foto: Arquivo pessoal

Severino do Cinema não gostava de fechar seu cinema no horário dos jogos do Brasil

somente partilhadas por meio do rádio, porque à época a televisão em Santa Rita era apenas um recurso por atingir. Lembro que a euforia foi tamanha na cidade com os jogos, que prejudicaria, inclusive, a sessão noturna do nosso cinema, provocando a insatisfação de meu pai.

Não que ele não admirasse o futebol, só não aprovava a ideia de ter que fechar as portas de suas salas por falta de público, censurando: “Tudo demais vira fanatismo, até em futebol”. Desabafara ele, indignado, para sua esposa naquela noite, desprezando o ululante povaréu em seu refrão de rua, passando em frente ao seu cinema: “Em ter-

ras andinas, o Brasil é Mané (Garrincha) e mais dez!”.

E não seria, então, que meu pai aceitaria futebol em detrimento de seu cinema, mesmo que fosse Copa do Mundo. Com a festa do campeonato, nem mesmo seu exibidor concorrente, Salvador Guedes, do Cine Avenida, tivera sessão naquela noite, pelo magistral feito dos jogadores da Seleção Brasileira.

Agora, de forma precoce, a campanha do Uruguai na Copa do Mundo de 2026 chegou ao fim na última sexta-feira (26), ainda na fase de grupos. Que isso jamais aconteça, hoje, com o nosso Brasil. – *Mais “coisas de cinema”, no site: www.alexasantos.com.br.*



APC ainda recebe artigos para sua revista

A Academia Paraibana de Cinema (APC) continua recebendo inscrições dos artigos para a revista *Cinenordeste*. Publicação que esteve suspensa, mas que agora está sendo retomada. A informação é do presidente da APC, prof. João de Lima Gomes.

Os trabalhos devem vir assinados, com a devida autoria, podendo ser entregues na sala da Academia Paraibana de Cinema, localizada à Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, nº 122, na Unidade de Tambaú da Fundação Casa de José Américo (FCJA).

TELEVISÃO

Rosemberg Cariry ganha mostra no Canal Brasil

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O Canal Brasil celebra os 50 anos de carreira do realizador cearense Rosemberg Cariry com uma maratona de seus principais filmes, entre amanhã e terça-feira (7). (veja quadro) Serão exibidas ao todo seis obras do diretor, algumas em cópia restaurada, mas o primeiro título, marcado para as 21h, será o curta-metragem *Retratos brasileiros: Rosemberg Cariry*, dirigido pelos filhos do artista, Bárbara e Petrus, uma reverência ao pai. Completam a lista: *O caldeirão da Santa Cruz do Deserto*; *Corisco & Dadá*; *Os pobres diabos*; *Notícias do fim do mundo*; *Lua Cambará: nas escadarias do palácio*; e *Patativa do Assaré: ave poesia*.

O caldeirão da Santa Cruz do Deserto (1986) foi o primeiro longa-metragem de Cariri — um documentário sobre um movimento messiânico dos anos 1920 no Ceará, liderado pelo beato paraibano José Lourenço; ele e os seus seguidores acabaram sufocados pelas forças do estado. Já *Corisco & Dadá* (1996), um marco da retomada do cinema nacional, acompanha a trajetória do casal da vida real que dá nome à ficção, interpretados pelos atores Chico Diaz e Dira Paes. A moça, sequestrada pelo cangaceiro, acaba virando membro do bando e enfrentando a fúria de um inimigo em comum, o policial Zé Rufino (Antônio Leite).

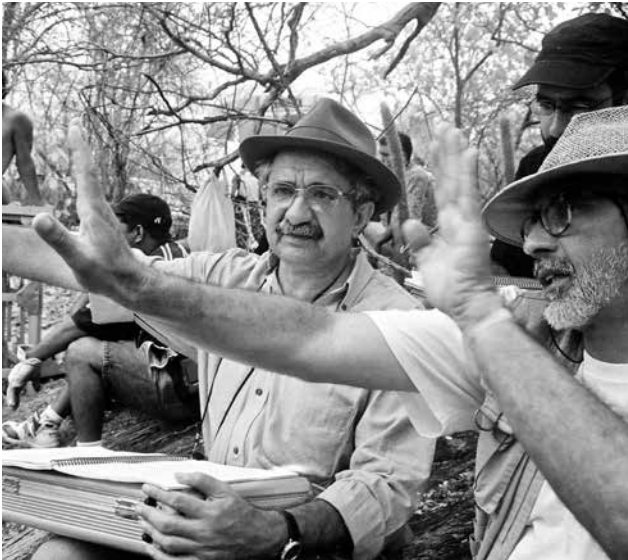


Foto: Divulgação/Cariri Filmes

Rosemberg Cariry (C) no set do filme *Lua Cambará*

Os pobres diabos (2013) e *Notícias do fim do mundo* (2019) são inéditos da TV; ambos contam com a participação do ator paraibano Everaldo Pontes. O primeiro acompanha uma trupe de artistas circenses durante a produção de seu novo espetáculo; o segundo está alicerçado numa narrativa simbólica e apocalíptica. Completam a grade: *Lua Cambará: nas escadarias do palácio* (2002), ficção sobre a personagem título, vivida por Dira Paes, e com a participação de WJ. Solha; e *Patativa do Assaré: ave Poesia* (2007), registro documental sobre o mítico poeta popular, também nascido no estado do Ceará.

Em conversa com **A União**, Rosemberg Cariry destaca as mudanças no cenário audiovisual do Nordeste nas últimas quatro décadas. No passado,

segundo o realizador, os modestos orçamentos não dispunham de editais públicos de fomento, a exemplo de hoje. Ao mesmo tempo, as equipes técnicas eram carentes de material adequado. “Trazíamos isso do Sudeste e improvisávamos. Laboratórios e montagem

também ficavam lá. Ainda nos anos 1980, minha primeira preocupação foi equipar a produção. Lutamos muito pela descentralização dos recursos, antes totalmente concentrados no Sudeste”, analisa.

Munido de câmera, luzes, um gravador do modelo Nagra e uma moviola, equipamento utilizado na montagem analógica, Rosemberg conseguiu pôr em prática os projetos da Cariri Filmes, a exemplo de *A saga do guerreiro alumioso* (1993), que ficou de fora da mostra do Canal Brasil, mas que está disponível no YouTube. “Foi uma vitória da nossa geração. Atualmente, todos os estados do Nordeste, e, de fato, de toda a Federação, já produzem filmes de grande qualidade. A cena cinematográfica ganhou importância, força e brilho. Tantos anos depois, continuo produzindo e realizando filmes”, conclui.

PROGRAMAÇÃO

AMANHÃ (6/7)

- 21h** – *Retratos brasileiros: Rosemberg Cariry* (2010)
- 21h30** – *O caldeirão da Santa Cruz do Deserto* (1986)
- 22h50** – *Corisco & Dadá* (1996)
- 0h40** – *Os pobres diabos* (2013)

TERÇA (7/7)

- 21h** – *Notícias do fim do mundo* (2019)
- 22h15** – *Lua Cambará: nas escadarias do palácio* (2002)
- 23h50** – *Patativa do Assaré: ave poesia* (2007)

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Personagens amigas

Em seu delicioso livro *Geografia do tempo*, Ary Quintella resume, logo no primeiro texto, “Julgamento de Julien Sorel”, os círculos possíveis das amizades literárias, em cinco categorias, a saber: escritores mortos, certos livros, personagens, figuras históricas e pessoas reais.

Fiquemos por hoje com a categoria dos personagens com as quais nos mantivemos, ao longo do tempo, em curiosa e intensa relação de amizade.

O Carlinhos, de *Menino de engenho*, romance de Zé Lins, que inaugura o ciclo da cana-de-açúcar, é o primeiro que me vem à memória. Fui amigo dele desde a já distante leitura que fiz de suas peripécias no Engenho Corredor. Também fui menino do campo, criado em meio aos bichos e tocado pelo silêncio e pela solidão das grotas e furnas da fazenda dos meus pais e avós. Íntimo de Carlinhos, compreendia bem sua tristeza e seu deslocamento em face dos adultos, assim como a experiência da morte e a sequência de perdas que marcaram sua vida. Para mim, a narrativa de Zé Lins é muito mais do que um exemplo de regionalismo. É uma narrativa de fundo psicológico e existencial que contém, na sua fabulação, aquele sentimento trágico da vida, de que fala Miguel de Unamuno. Aqui e ali, ainda volto a prostrar com esse amigo com quem tanto aprendi da arbitrariedade que preside o destino humano.

Do mesmo Zé Lins, gosto muito do seleiro Zé Amaro, de *Fogo morto*. Seus monólogos interiores, sua ira asfíxiada, seus tormentos noturnos, sua condição de oprimido e excluído no tecido social me calaram fundo na alma solitária de leitor. Além do sentimento de amizade que cultivo por este “herói problemático”, como diria Lukács, tenho por ele respeito e admiração, além da compaixão e do espanto diante de sua trajetória trágica.

Em poucas personagens vi tanta fibra e fúria. Também recorro à figura atormentada de Paulo Honório, em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. A despeito da ambição, da truculência, do machismo, sempre nutri certa simpatia por ele, emaranhado em seus conflitos pessoais e nas suas crises de ciúme. Escrever um livro, para tentar, talvez, entender os tristes acontecimentos que vivenciou, decerto constitui uma variável decisiva na amizade que lhe devoto. Ninguém fica imune à rude sabedoria deste grande personagem.

Sou mais amigo de Capitu que de Bentinho. Este é um fraco, um inseguro, um ressentido, um egoísta, com alguma coisa de hipócrita e cínico. Aquela, não. Capitu sabe ser mulher numa sociedade de machos. “Olhos oblíquos e dissimulados”. “Olhos de ressaca”. Isto é ótimo! E se traiu ou não traiu, isso me parece irrelevante do ponto de vista estético. Na verdade, a traição reside na lógica ambivalente da linguagem literária. Afinal, como afirma o grande poeta José Antônio Assunção, no último poema “O câncer no pêssego”, “toda palavra me trai”.

Foto: Divulgação/TV Globo



Capitu, interpretada por Leticia Persiles, na minissérie de 2008

Colunista colaborador

MÚSICA

Gerações celebram vida de Isa Y Plá

Musicista tem companhia de filha, neta e bisneta em show que comemora seus 86 anos, no Santa Roza

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Não são todas as famílias que têm o privilégio de manter quatro segmentos diferentes convivendo no mesmo tempo-espço. Mais raro ainda que todos esses parentes dividam uma mesma paixão pela arte. Mas esses são, justamente, os privilégios de Isa Y Plá e de sua prole. Para celebrar seus 86 anos de vida e as oito décadas de carreira, a musicista, maestrina e atriz paraibana une-se à filha, Gel Venttannia, à neta, Lua Isa Y Plá, e à bisneta, Waira, no grupo Quatro Gerações e o *show Árvore-mãe*. A apresentação acontece hoje, a partir das 20h, no Theatro Santa Roza, situado no Centro de João Pessoa. Os ingressos custam de R\$ 10 (meia) a R\$ 20 (inteira) e estão disponíveis no *site* Sympla.

Lua detalha que amigos e outros membros do clã deverão estar junto ao quarteto nesta celebração: Sátisa e Itza Y Plá, também filhas de Isa, e os genros Daniel Vilela e Tyres Rondinelli; o violonista Paulo Barreto, o maestro Poty Lucena e parte dos atores do grupo de teatro Beijo Roubado. Completando o numeroso conjunto, os músicos Guga Grimaldi, Erandi Oliveira, Hiwry Taniguchi e Will Gomes, além dos “integrantes” mais novos. “As crianças Sophie, Ângela e Danielzinho. Como cerimonialistas, o filho Fernando Y Plá, e sua nora, Raissa Carneiro. E na técnica, mais um filho, Gontran”, resume.

Isa, por sua vez, adianta que o repertório será composto por faixas como “Beijo roubado”, concebida para o espetáculo homônimo, escrito por Leonardo Nóbrega, além do clássico “She”, do francês Charles Aznavour, e de poemas musicados da autora Lígia Guerra. A experiente artista regressa ao palco do Santa Roza mais de oito décadas depois de sua primeira apresentação, aos cinco anos de idade. “Eu estudei piano até certo ponto, depois eu comecei a tocar de ouvido. Aí, eu fui para o Rio de Janeiro, não tanto pela música, mas porque eu estava querendo conhecer e fazer teatro”, recorda.

Assinalando o legado de sua avó, Lua afirma que esse *show* é a realização de um sonho de ambas, já que ouviu Isa dizer que tinha o desejo de, algum dia, apresentar-se deste jeito, com toda a família presente. A proeminência feminina do projeto valoriza essa empreitada ainda mais, segundo a intérprete. “A gente não precisa só de pessoas jovens, bonitas, sensuais, podemos ter mulheres de todas as idades e fazendo arte. E as pessoas precisam ver esse outro lado — uma senhora de 86 anos, uma mulher de 64, outra de 43, e mais uma de 26, querendo falar para o mundo um pouco sobre nós”, aponta.

A própria Isa Y Plá assevera que em tantos anos de carreira, sobretudo no teatro, ela conse-

ONDE:

■ TEATRO SANTA ROZA
(Praça Pedro Américo, s/n, Centro, João Pessoa).

guiu superar preconceitos e conviver com as dificuldades da profissão de artista — recorda a fase em que tocava em bares e restaurantes da capital, ocasião em que era tratada “como uma radiola tocando no ambiente”. No fim, tudo valeu a pena, ainda mais sendo por sua família. “Como budista, acredito que todos nós temos uma missão. E acho que essa é a minha. Eles são a minha comunidade e eu tenho obrigações para com ela. Prezo estar perto deles, com muito amor. E temos que ter muito amor”, conclui.



Quatro Gerações é formado pela pianista, com uma filha, uma neta e uma bisneta

Musicista, maestrina e atriz, Isa Y Plá recebe convidados no palco

Fotos: Arquivo pessoal

Em Cartaz



Cinema

Programação de 2 a 8 de julho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado suas programações.

ESTREIAS

O CONVITE (*The Invite*). EUA, 2026. Dir.: Olivia Wilde. Elenco: Seth Rogen, Olivia Wilde, Penélope Cruz, Edward Norton. Comédia. Casal que caiu na rotina convida vizinho para um jantar e a noite toma rumos inesperados. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: seg. a qua.: 20h45; dom.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: seg. e ter.: 17h.

MAYA, ME DÊ UM TÍTULO (*Maya, donne-moi un titre*). França, 2024. Dir.: Michel Gondry. Animação/comédia. Vivendo em países diferentes, pai e filha mantêm vínculo através de um ritual noturno narrativo em que ela sugere um título e ele cria curtas animados baseados nas ideias. 1h01. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dub.: seg., 6/7: 15h20; qua., 8/7: 14h; qui., 16/7: 15h; sáb., 18/7: 15h; seg., 20/7: 15h; qua., 22/7: 15h; sáb., 25/7: 16h30; dom., 26/7: 15h. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: dub.: qui., 9/7: 10h; sáb., 11/7: 15h; sáb., 25/7: 15h30.

MINIONS E MONSTROS (*Minions & Monsters*). EUA, 2026. Dir.: Pierre Coffin. Comédia/aventura/animação. Minions procuram criaturas assustadoras para participar de um filme de monstros. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: dom.: 14h; seg. a qua.: 14h45, 16h50, 19h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: seg. e ter.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: dom.: 12h, 14h, 20h10, 22h; seg. a qua.: 13h, 15h15, 17h30, 19h45, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 3D: dom.: 12h15, 14h30, 20h; seg. a qua.: 14h30, 16h45, 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 14h15; seg. e ter.: 14h15, 16h30, 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: dom.: 12h30, 14h30, 20h; seg. e ter.: 14h, 16h20, 18h40, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: dom.: 12h, 14h, 20h30; seg. e ter.: 13h45, 16h, 18h15, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 11h, 13h, 15h; seg. a qua.: 13h, 15h15, 17h30, 19h45, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: dom.: 2D: 12h30, 14h45; seg. a qua.: 2D: 14h30, 16h45, 19h; 3D: 21h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h50, 17h40, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser): dub.: 3D: 15h; 2D: 16h50, 18h40, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (laser): dub.: 3D: 15h; 2D: 16h50, 18h40, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h50, 17h40,

19h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 2D: 15h, 20h30; seg. e ter.: 3D: 15h, 16h50, 18h40; 2D: 20h30; qua.: 2D: 15h05, 16h55, 19h20. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: seg. a qua.: 19h50. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: dom.: 13h; seg. a qua.: 3D: 14h30, 18h45; 2D: 16h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: seg. e ter.: 15h15. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 3D: 11h, 15h; 2D: 13h; seg. a qua.: 2D: 16h10, 20h15; 3D: 18h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: 13h50, 17h10.

PRÉ-ESTREIA

MOANA (*Moana*). EUA, 2026. Dir.: Thomas Kall. Elenco: Catherine Lagaia, Dwayne Johnson, John Tui. Aventura/musical. Filha do chefe de uma aldeia da Polinésia vai sozinha ao mar em busca de um deus para quebrar uma maldição que atinge seu povo. 1h55. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qua.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qua.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qua.: 19h05. CINE GUEDES 2: dub.: qua.: 15h, 17h. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 3D: 15h15; 2D: 20h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: qua.: 18h40. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: qua.: 20h45. **Remígio:** CINE RT: dub.: qua.: 18h40.

REAPRESENTAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Joláissom Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: dub.: sáb., 18/7: 19h; qui., 23/7: 15h30.

AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thay Bergamim. Aventura/ animação. Gamer é sequestrado para um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 12h30.

ESPECIAL

MOSTRA A CINEMATECA É BRASILEIRA. Exibição de 17 filmes no Cine Bangüê, em João Pessoa, e 9 filme no Cineteatro São José, em Campina Grande. **Cine Bangüê:**

Domingo (5/7): 15h – *O lobo atrás da porta* (2014); 17h – *Amei um bicheiro* (1953); 19h – *O estranho mundo de Zé do Caixão* (1968). **Segunda (6/7):** 16h30 – *Amei um bicheiro* (1953); 18h20 – *O lobo atrás da porta* (2014); 20h10 – *Morto não fala* (2019). **Terça (7/7):** 16h30 – *O estranho mundo de Zé do Caixão* (1968); 18h20 – *Morto não fala* (2019); 20h20 – *Que horas ela volta?* (2015). **Quarta (8/7):** 15h – *Que horas ela volta?* (2015); 17h – *Branco sai, preto fica* (2015); 20h20 – *São Bernardo* (1973). **Quinta (9/7):** 14h30 – *O menino e o mundo* (2014); 16h – *São Bernardo* (1973); 18h20 – *Abrigo nuclear* (1981); 20h20 – *Branco sai, preto fica* (2015). **Sexta (10/7):** 16h – *Últimas conversas* (2015); 18h20 – *Los silencios* (2019); 20h20 – *Abrigo nuclear* (1981). **Sábado (11/7):** 15h – *Que horas ela volta?* (2015); 17h – *O homem do pau-brasil* (1982); 19h – *Últimas conversas* (2015). **Domingo (12/7):** 15h – *O menino e o mundo* (2014); 17h – *Los silencios* (2019); 19h – *O homem do pau-brasil* (1982). **Cineteatro São José:** **Sexta (10/7):** 16h05 – *O menino e o mundo* (2014); 18h30 – *Roberto Carlos em ritmo de aventura* (1968). **Sábado (11/7):** 17h05 – *O menino e o mundo* (2014); 19h – *O estranho mundo do Zé do Caixão* (1968).

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: De 1 a 12/7. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: De 2 a 31/7.

CONTINUAÇÃO

CORDÉLICOS – A ORIGEM DO CABRA DA PESTE. Brasil, 2026. Dir.: Ale McHaddo. Vozes: Bruno Garcia, Falcão, Raissa Xavier, Marcelo Mansfield, Tadeu Mello. Comédia/ animação. Cangaceiros viajam no tempo até o ano 3333 e enfrentam aventuras enquanto tentam voltar para sua época. Sequência da série animada de 2021. 1h08. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 7/7: 15h; sex., 10/7: 14h30; qua., 15/7: 5h; sex., 17/7: 15h; sáb., 18/7: 16h10; ter., 21/7: 15h; sáb., 25/7: 15h; dom., 26/7: 16h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: seg. a qua.: 12h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dom.: 10h30; seg. a qua.: 12h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dom.: 10h50; seg. a qua.: 12h. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: qui., 9/7: 15h30; sex., 10/7: 10h; sáb., 18/7: 15h.

DIA D (*Disclosure Day*). EUA, 2026. Dir.: Steven Spielberg. Elenco: Emily Blunt, Josh O’Connor, Colin Firth, Eve Hewson, Colman Domingo. Ficção científica. Duas pessoas que não se conhecem são misteriosamente conectadas e se envolvem em uma conspiração para esconder que a Terra já teve contato com alienígenas. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: seg. e ter.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: dom.: 20h; seg. e ter.: 19h30.

MESTRES DO UNIVERSO (*Master of the Universe*). EUA, 2026. Dir.: Travis Knight. Elen-

co: Nicholas Galitzine, Camila Mendes, Idris Elba, Jared Leto, Alison Brie, Morena Baccarin, Kristen Wiig (voz). Aventura. Príncipe que caiu na Terra quando criança consegue voltar a seu planeta para enfrentar o vilão Esqueleto como o herói He-Man. 2h12. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: dom.: 13h30; seg. e ter.: 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: dom.: 20h30; seg. a qua.: 20h50. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: seg. e ter.: 20h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h30.

SUPERGIRL (*Supergirl*). EUA, 2026. Dir.: Craig Gillespie. Elenco: Milly Alcock, Jason Momoa, David Corenswet, Matthias Schoenaerts. Aventura. Prima do Superman encara uma aventura no espaço para salvar seu cão, Krypto. 1h47. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: seg. a qua.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dom.: 13h40; leg.: 20h; seg. a qua.: dub.: 13h40, 16h15; leg.: 18h50, 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: dom.: 22h10; seg. a qua.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom.: 12h15, 14h30; seg. e ter.: 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qua.: 18h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h10, 18h15, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h10, 18h15, 20h20. 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h50, 20h30; seg. e ter.: 15h, 17h, 19h, 21h; qua.: 19h10. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: seg. a qua.: 21h. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 13h30; seg. e ter.: 14h45; qua.: 17h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 12h, 14h30; seg. e ter.: 18h, 20h30; qua.: 16h20, 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg. e qua.: 20h30.

TODO MUNDO EM PÂNICO (*Scary Movie*). EUA, 2026. Dir.: Michael Tiddes. Elenco: Anna Faris, Regina Hall, Marlon Wayans. Comédia. Amigos voltam a ser ameaçados por um assassino mascarado. Sexto da série iniciada por *Todo Mundo em Pânico* (2000). 1h35. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 20h40; seg. e ter.: 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: seg. a qua.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom.: 14h45.

TOY STORY 5 (*Toy Story 5*). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Comédia/ aventura/ animação. Bonecos tentam fazer sua dona voltar a brincar depois que ela se vicia em uma tela. 1h42. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: seg. a qua.: 14h, 16h15, 18h30. CENTERPLEX MAG 2: dub.: dom.: 14h15; seg. a qua.: 15h15, 17h45, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: dom.: 14h20, 20h15; seg. a qua.: 14h20, 16h40, 19h10, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: dom.: 13h45; seg. a qua.: 13h45, 16h10, 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: dom.: 13h40, 20h, 22h15; seg. a qua.: 13h, 15h20, 17h45, 20h, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: dom.: 12h, 14h20, 20h30; seg. a qua.: 13h30, 15h50, 18h10, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP):

dub.: dom.: 13h15; seg. e ter.: 14h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: seg. e ter.: 14h15, 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom.: 12h30; seg. e ter.: 13h40, 15h50, 18h15; qua.: 13h40, 15h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: dom.: 11h45, 14h; seg. a qua.: 12h30, 14h45, 17h15, 19h30, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h45, 17h45, 19h45. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: dom.: 14h20, 16h30, 18h30, 20h30; seg. a qua.: 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: dom.: 14h20, 16h30, 18h30, 20h30; seg. a qua.: 16h30, 18h30, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h45, 17h45, 19h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h, 20h30; seg. e ter.: 15h, 17h, 19h, 21h; qua.: 15h, 17h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: qui. a dom., seg. e ter.: 15h10, 17h30; dom.: 12h30; qua.: 14h50, 17h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: 2D: 10h50, 15h; 3D: 12h55; seg. e ter.: 3D: 16h, 20h45; 2D: 18h30; qua.: 16h, 18h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: qui. a ter.: 15h20, 18h40; qua.: 15h20.

Música

HOJE

QUATRO GERAÇÕES. Grupo formado por Isa Y Plá, Gel Venttannia, Lua Isa e Waira comandam show com muitas participações em homenagem ao aniversário de Isa Y Plá. **João Pessoa:** TEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Domingo, 5/7, 19h. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), antecipados pela plataforma Sympla.

RODRIGO BARBA. Cantores se apresentam no projeto Seis & Meia. Atração de abertura: Glauco Meireles.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 5/7, 20h. Ingressos: R\$ 180 (inteira), R\$ 100 (social) e R\$ 90 (meia), antecipados pela plataforma Sympla.

SÃO JOÃO DE CAMPINA. Shows de ritmos variados. **Domingo, 5/7:** Pablo, Rey Vaqueiro, Flávio José, Yasmin Sensação. **Campina Grande:** PARQUE DO POVO (R. Sebastião Donato, s/n, Centro). De 3/6 a 5/7. Entrada franca.

AMANHÁ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 2/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

ELEIÇÕES 2026

Campanha intrapartidária é liberada

A partir de hoje, interessados em disputar cargo político já podem buscar apoio de companheiros de sigla

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com
Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O mês de julho marca uma das fases mais importantes do calendário das Eleições 2026 e concentra uma série de prazos que impactam partidos políticos, agentes públicos e eleitores. A partir de hoje, interessados em concorrer ao pleito estão autorizados a realizar a propaganda intrapartidária, destinada à apresentação de propostas e à busca de apoio entre os integrantes da legenda responsáveis pela escolha dos candidatos nas convenções partidárias. Mas as mudanças começaram antes: desde ontem, passaram a vigorar as primeiras restrições impostas aos agentes públicos. O mês também marca o início da convocação de mesários, a abertura dos prazos para voto em trânsito e pedidos de acessibilidade, além da realização das convenções partidárias que definirão oficialmente os candidatos às eleições.

Diferentemente da campanha tradicional, a propaganda intrapartidária é permitida apenas no ambiente interno das legendas e não pode ser direcionada ao eleitorado em geral. É proibida sua veiculação no rádio, na televisão, por meio de *outdoors* ou mediante impulsionamento de conteúdo nas redes sociais voltado ao público externo.

A campanha eleitoral propriamente dita continua proibida até 16 de agosto — antes disso, a legislação permite apenas atos de pré-campanha, desde que não haja pedido explícito de voto.

Segundo a Justiça Eleitoral, a propaganda política divide-se em três modalidades: partidária, voltada à divulgação dos programas e atividades dos partidos; intrapartidária, destinada exclusivamente à escolha dos candidatos dentro das legendas; e eleitoral, realizada após o início oficial da campanha, com o objetivo de conquistar votos.

De acordo com o especialista em Direito Eleitoral Edísio Souto, a propaganda intrapartidária tem como finalidade exclusiva permitir que os pré-candidatos apresentem suas propostas aos correligionários, sem antecipar a campanha eleitoral.

As condutas vedadas existem para proteger o equilíbrio da eleição e evitar perseguições

Edísio Souto

“O pré-candidato pode defender seu nome perante os convençionais do partido, utilizando faixas, *banners* e outros materiais dentro do espaço da convenção. Porém, qualquer divulgação dirigida ao público externo, inclusive pela *internet* ou por outros meios de comunicação, antes de 16 de agosto, pode caracterizar propaganda eleitoral antecipada e sujeitar o responsável às sanções previstas na legislação”, explica.

A simples menção a uma eventual candidatura e a exaltação das qualidades pessoais dos pré-candidatos não configuram propaganda eleitoral antecipada, desde que não haja pedido explícito de voto. Esse pedido não se restringe à expressão “voto em”. Segundo o entendimento da Justiça Eleitoral, outras palavras ou expressões que transmitam o mesmo sentido também podem caracterizar propaganda eleitoral antecipada.

O descumprimento dessas regras pode resultar em multa que varia de R\$ 5 mil a R\$ 25 mil, ou valor equivalente ao custo da propaganda, caso este seja superior.

Restrições a agentes públicos

Outro marco importante ocorreu ontem, data que marcou exatamente os três meses para o primeiro turno. Desde então, passaram a valer as chamadas condutas vedadas aos agentes públicos, um conjunto de restrições destinadas a preservar a igualdade de oportunidades entre os candidatos.

Entre as principais restrições, estão a nomeação, contratação, exoneração ou remoção de servidores públicos, salvo nas exceções previstas em lei. Também ficam

proibidas as transferências voluntárias de recursos entre os entes federativos, a publicidade institucional dos órgãos públicos e a participação de candidatos em inaugurações de obras públicas. A legislação ainda proíbe o uso de rede de rádio e televisão para pronunciamentos oficiais (salvo exceções autorizadas) e a contratação de *shows* artísticos com recursos públicos para inauguração de obras. As medidas buscam impedir o uso da máquina pública em benefício de candidaturas e preservar o equilíbrio da disputa eleitoral.

Para Edísio Souto, essas restrições são essenciais para evitar que gestores utilizem a estrutura da administração pública para obter vantagem eleitoral, especialmente quando disputam a reeleição.

“A legislação busca impedir que quem ocupa um cargo público utilize a estrutura da administração para obter vantagem na disputa eleitoral. As condutas vedadas existem para proteger o equilíbrio da eleição e evitar favorecimentos ou perseguições políticas, principalmente em relação aos servidores públicos e ao uso dos recursos públicos”, afirma.

O especialista ressalta que o descumprimento dessas normas pode configurar abuso de poder político ou conduta vedada, resultando em sanções como multas, cassação do registro ou do diploma e até perda do mandato, conforme a gravidade da infração. Ele lembra que o histórico de pleitos anteriores serve de alerta para os atuais governantes.

“Os grandes problemas que a Justiça Eleitoral teve não foram nas eleições, mas nas reeleições. Há uma ten-

dência de o candidato à reeleição querer abusar um pouco mais, e aí muitos e muitos problemas aconteceram e foram julgados pela Justiça Eleitoral, levando vários à cassação dos mandatos”, alerta.

Convocação de mesários

No campo operacional, julho também marca o início da convocação dos mesários e das equipes de apoio logístico. A publicação dos editais ocorrerá de 7 de julho a 5 de agosto, período em que os eleitores selecionados começarão a ser comunicados oficialmente pela Justiça Eleitoral.

Na Paraíba, a Justiça Eleitoral conta, atualmente, com quase 120 mil mesários voluntários cadastrados. Desse total, cerca de 13 mil aderiram ao programa após as últimas eleições, ampliando o banco de colaboradores aptos a atuar nos próximos pleitos.

Os convocados receberão todas as orientações sobre a função por meio de comunicação oficial da Justiça Eleitoral. Além da correspondência física, a convocação poderá ser feita por meios digitais, como o aplicativo e-Título e canais oficiais da Justiça Eleitoral no WhatsApp, utilizados para agilizar o contato com os mesários.

Voto em trânsito

Outro prazo importante começa em 20 de julho, quando a Justiça Eleitoral abre o período para habilitação de eleitores que desejam votar em trânsito ou solicitar a transferência temporária da seção eleitoral nas situações previstas em lei. Os pedidos poderão ser feitos até 20 de agosto, pelo Autoatendimento Eleitoral, para quem

possui biometria cadastrada, ou presencialmente em qualquer cartório eleitoral.

No momento da solicitação, o eleitor deverá informar o local onde pretende votar e se deseja participar apenas do primeiro turno, do segundo turno ou de ambos. Durante esse mesmo período, também será possível alterar ou cancelar a habilitação para o voto em trânsito.

Quem estiver em trânsito dentro do mesmo estado do domicílio eleitoral poderá votar para presidente da República, governador, senador, deputado federal e deputado estadual. Já os eleitores que estiverem em outro estado poderão votar apenas para presidente da República.

Acessibilidade

O mesmo período também será destinado aos pedidos de transferência temporária por motivo de acessibilidade. De 18 de julho a 18 de agosto, eleitores com deficiência ou mobilidade reduzida poderão solicitar à Justiça Eleitoral a transferência temporária para outra seção ou local de votação, desde que dentro da mesma circunscrição eleitoral.

A medida permite que o cidadão escolha uma seção com melhores condições de acessibilidade e estrutura física adaptada, garantindo mais segurança, conforto e autonomia no exercício do voto.

Convenções partidárias

De 20 de julho a 5 de agosto, partidos políticos e federações poderão realizar as convenções destinadas à escolha oficial dos candidatos aos cargos em disputa, à homologação das chapas e à deliberação sobre coligações,

Propaganda propriamente dita continua proibida até 16 de agosto; antes disso, a legislação permite apenas atos de pré-campanha

quando admitidas pela legislação. Concluída essa etapa, terão início os procedimentos de registro das candidaturas junto à Justiça Eleitoral, requisito obrigatório para que os candidatos possam disputar as eleições de outubro.

Fiscalização

Além dos partidos e candidatos, qualquer eleitor também pode colaborar com a fiscalização do processo eleitoral. Ao presenciar irregularidades, como propaganda antecipada, uso indevido da máquina pública ou abuso de poder político e econômico, o cidadão pode apresentar denúncias diretamente à Justiça Eleitoral ou ao Ministério Público Eleitoral.

Na visão do advogado Edísio Souto, a própria disputa política funciona como um importante mecanismo de fiscalização

“O maior fiscal de um candidato é o outro. Então, o partido ou o candidato adversário pode se documentar e apresentar essa denúncia à Justiça Eleitoral ou ao Ministério Público Eleitoral, que é o fiscal da lei e quer a igualdade do processo eleitoral”, conclui.



Foto: Alejandro Zambrana/TSE

Julho concentra outros marcos importantes do calendário eleitoral, como convocação de mesários, restrições a agentes públicos e prazo para pedir voto em trânsito

ESTRATÉGIA NACIONAL

PlanMob fortalecerá o transporte nas cidades

Ministério definirá indicadores e metas para implementar políticas públicas

Da Redação
com Agência Gov

Nos últimos anos, o transporte público coletivo vem enfrentando desafios importantes, como a perda de passageiros e o aumento do uso de veículos individuais, cenário que se intensificou após a pandemia da Covid-19.

Com mais pessoas optando pelo transporte individual, as cidades passaram a conviver com maiores congestionamentos, aumento da poluição e impactos na qualidade de vida da população. Nesse contexto, o transporte público coletivo continua sendo uma das alternativas mais eficientes para promover deslocamentos acessíveis.

Para que esse sistema seja cada vez mais atrativo e eficiente, é necessário investir na renovação da frota, na melhoria da infraestrutura urbana e no planejamento da mobilidade nas cidades. Sistemas sobre trilhos, corredores exclusivos, faixas prioritárias, terminais modernos e veículos mais confortáveis e menos poluentes contribuem para reduzir o tempo de viagem e melhorar a experiência dos usuários.

O Ministério das Cidades vem atuando para fortalecer o transporte público coletivo em todo o país por meio de investimentos em mobilidade urbana.

“Estamos trabalhando para tornar o transporte público mais eficiente, confortável e sustentável. Investir em mobilidade é investir na sustentabilidade, na qualidade de vida das pessoas e

no desenvolvimento das cidades”, destacou o secretário nacional de Mobilidade Urbana, Marcos Daniel Souza dos Santos.

Por meio do Novo PAC, já foram selecionados R\$ 19,3 bilhões para o eixo de Renovação de Frota, destinados à aquisição de veículos mais modernos e sustentáveis. Os investimentos contemplam 2.927 ônibus elétricos, 10.071 ônibus com tecnologia Euro 6 (modelo mais avançado no controle de emissão de poluentes), 30 ônibus movidos a gás natural veicular (GNV) e 54 veículos sobre trilhos.

A melhoria do transporte público também exige planejamento de longo prazo, integração entre diferentes políticas urbanas e colaboração entre União, estados e municípios. É nesse contexto que o Ministério das Cidades está construindo o Plano Nacional de Mobilidade Urbana (PlanMob-Brasil).

O plano será um instrumento estratégico para orientar ações e investimentos públicos e privados voltados à mobilidade urbana, contribuindo para cidades mais acessíveis, sustentáveis, seguras e integradas. Entre os temas abordados, estão o transporte público coletivo, a mobilidade ativa, a micromobilidade, a gestão do território, o desenvolvimento institucional e a governança, o acesso, a equidade e os deslocamentos seguros e a sustentabilidade ambiental.

As contribuições recebidas durante a consulta pública, atualmente aberta à participação da sociedade,



Foto: Carlos Rodrigo

Opção por transporte individual intensifica congestionamentos

vão subsidiar a construção do plano. Nessa consulta, são apresentados o diagnóstico, a metodologia, a visão de futuro, os eixos e os objetivos estratégicos. Na sequência, serão definidos indicadores, metas e estratégias para acompanhar a implementação das ações propostas e garantir resultados concretos para a população.

■ **Melhoria da mobilidade urbana depende de planejamento e integração entre União, estados e municípios**

Refrota ultrapassa R\$ 5,2 bilhões em recursos

O Ministério das Cidades alcançou um novo marco na renovação da frota do transporte público coletivo urbano. As contratações realizadas pelo Programa Refrota já somam R\$ 5,21 bilhões em investimentos para a aquisição de 4.557 novos veículos, que levam modernidade, eficiência e menos poluição para a população de 155 municípios beneficiados, distribuídos por 21 estados e o Distrito Federal. A iniciativa busca melhorar a qualidade dos deslocamentos urbanos, ampliar o conforto e a segurança dos usuários e contribuir para a redução das emissões.

Até o fim de junho deste ano, foram contratadas 180 propostas, que contemplam a aquisição de 4.040 ônibus com tecnologia Euro 6, 470 ônibus elétricos e 47 veículos sobre trilhos. Os investimentos reforçam o compromisso do Governo Federal com o desenvolvimento da mobilidade urbana brasileira.

Os novos veículos proporcionam mais conforto, segurança e acessibilidade para a população, além de contribuir para a renovação de uma frota que, em muitas cidades brasileiras, apresenta elevado tempo de uso. A adoção de tecnologias mais limpas tam-



Foto: Divulgação/MT

Um dos objetivos do programa é a redução de poluentes

bém representa um avanço importante para a sustentabilidade ambiental dos sistemas de transporte público.

A Região Sudeste concentra o maior volume de investimentos, com R\$ 2,56 bilhões destinados à aquisição de 2.523 ônibus Euro 6 ou elétricos em 90 municípios, distribuídos entre São Paulo (35 municípios), Minas Gerais (25), Rio de Janeiro (23) e Espírito Santo (7). Em seguida aparece o Nordeste, com R\$ 1,65 bilhão direcionado para a compra de 913 veículos, incluindo os sobre trilhos, em 31 municípios de oito estados.

O Sul soma R\$ 482,5 milhões para 19 municípios em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, enquanto o Centro-Oeste contou com R\$ 351,8 milhões na renova-

ção de 466 veículos em Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal. Já o Norte contabiliza R\$ 163,2 milhões em investimentos para a aquisição de 174 novos ônibus, beneficiando Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, com um município cada um.

Entre os veículos contratados, os ônibus elétricos ganham destaque por contribuir diretamente para a redução das emissões de gases de efeito estufa e da poluição sonora nas cidades. Já os ônibus equipados com motores Euro 6 apresentam padrões ambientais significativamente mais rigorosos em relação às gerações anteriores, reduzindo a emissão de poluentes atmosféricos e melhorando a qualidade do ar nos centros urbanos.

Além da renovação da frota de ônibus, o programa contempla a aquisição de 47 veículos sobre trilhos, todos destinados à Região Nordeste, ampliando as alternativas de mobilidade urbana e fortalecendo sistemas de transporte de maior capacidade.

O programa de Renovação de Frota do Transporte Público Coletivo Urbano (Refrota) está voltado ao financiamento do setor público e privado para a implantação e requalificação de sistemas e melhorias na mobilidade urbana das pessoas, contribuindo para promoção de desenvolvimento urbano, econômico e social, bem como para a preservação do meio ambiente, de maneira a garantir o retorno dos financiamentos concedidos e conferir maior alcance social às aplicações do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

Os investimentos do Refrota visam reverter o envelhecimento histórico da frota e qualificar o transporte público urbano. Ao incorporar tecnologias mais limpas e veículos mais modernos, as contratações contribuem para reduzir a emissão de poluentes, melhorar a experiência dos usuários e fortalecer a mobilidade urbana sustentável.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (49)

Cacimba de Areia tem o seu Beco da Bufa, agora transformado em patrimônio imaterial. Itabaiana tem a Rua da Merda.

Monteiro tem a Rua do Catarro e Triunfo (PE) é onde fica a Rua do Fiado. Como eram belas e poéticas as denominações das ruas nas antigas!

Um projeto tão singelo de troca de livros no Coletivo Anumará, no piso superior do Shopping Sul, distribuiu mais de 300 livros em três meses. A ideia é muito simples: você leva um livro que já leu e troca por outro que não leu. Infelizmente, o Coletivo Anumará fechou sua sede no *shopping*.

Esse projeto é da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, organizado pela Biblioteca Comunitária Arnaud Costa. Em Solânea, temos estante na sede da Academia Solanense de Letras. Em João Pessoa, na sede da Justiça Federal.

Peguei, outro dia, um exemplar de *O dia dos cachorros*, de Aldo Lopes, o “Gabriel García Márquez da Paraíba”.

“Fábio Mozart da Barata transforma a notícia em arte” (Professor Flávio Roberto, in *memoriam*).

Faz um ano que o professor Flavinho morreu atropelado por um caminhão. Ele me deixou como herança sua Rádio Massa, mas eu não tive massa suficiente para segurar a barra da Massa, que foi extinta.

Em memória dele, continuo produzindo o podcast *Rádio Barata no Ar*, que é a cara de Flavinho: doidinha e libertária.

“Os *ovnis* estão há quatro dias rodando atrás de uma vaga pra estacionar” (Kubi Pinheiro).

“Serei direto como um chute do Bruce Lee em seus melhores dias: os ‘Tijolinhos Mozarteanos’ são insuperáveis! Sou um leitor deles de olhos cheios de sorrisos e barriga de informações — muito — bem-humoradas! Que venham muitos! São tijolinhos assim que fazem a minha morada!” (Humberto de Almeida).

Cultura inútil: triscaidecafobia é um medo irracional e incomum do número 13. O medo específico da sexta-feira 13 (fobia) é chamado de parascavedecatria fobia ou frigatriscaidecafobia.

Agora sei que os meus opositos estão no mesmo canto do ringue que eu. Não somos opositores, mas escravos e mártires da mesma hostilidade.

Lista invertida: faça uma lista de todas as coisas que você quer morrer antes de fazer. A primeira da minha lista é aceitar o Evangelho na Igreja Jesus Salva e a Cannabis Cura, ou outra do gênero.

Em 2015, o poeta Francisco Diniz, de Santa Rita, não aceitou sua indicação para a Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Argumentou que prefere associações que abriguem todos os cordelistas e não “um clube fechado”, uma elite do cordel, conforme disse. Hoje, dou certa razão ao poeta.

Constatação de Tião Lucena: “No tempo em que os cabarés estavam abertos, tinha menos puta no mercado”.

“Alumbrai-vos, *hombres*, que a vida é apenas um susto e lindamente bucatístico. E homem que é homem não sabe a diferença entre estrias e celulite” (Xico Sá).

Frase de autoajuda: nunca olhe para trás com raiva nem para a frente com medo. Alienação é o segredo.

O papa Leão 14 está em plena campanha contra superstições da Igreja Católica. Após vetar Maria como salvadora, o papa descarta visões de Jesus Cristo na França.

Os peregrinos e os organizadores de caravana de fiéis para os locais tidos como santos não estão gostando da posição do papa. O turismo religioso movimenta a economia de muitos lugares no mundo.

REPARAÇÃO HISTÓRICA

Brasil ganhará universidade indígena

Instituição surge para repensar a forma histórica como o Brasil tratou a educação dos povos originários

Ricardo Westin
Agência Senado

O Brasil ganhará a 70ª universidade federal: a Universidade Federal Indígena (Unind). A instituição foi criada por uma lei sancionada em maio, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lei nº 15.418/2026) e começará suas atividades no ano que vem. Trata-se de um marco histórico: pela primeira vez, uma universidade será majoritariamente composta por estudantes indígenas e oferecerá apenas cursos de interesse dos povos originários. Em 1988, os povos originários foram elevados a um novo patamar jurídico e simbólico na sociedade brasileira. A nova Constituição passou a prever, entre outras garantias, a proteção de sua cultura, seus territórios e sua organização social.

Em termos educacionais, foram abertos cursos de formação de professores indígenas, criadas escolas indígenas de Educação Básica com ensino de línguas locais e valorização dos saberes tradicionais, e instituídas cotas para o Ensino Superior.

O Ministério da Educação (MEC) começou a se debruçar sobre a demanda histórica de uma universidade para os povos originários em 2010, porém os estudos foram interrompidos. A retomada do projeto ocorreu em 2024. “A demora na criação da universidade decorre de um processo discriminatório e racista que persiste no Brasil. Nesses 500 anos de história, o indígena foi um povo vencido, subjugado pelo colonizador. Como tal, ficou relegado à margem, como se não tivesse contribuição a dar à sociedade, restando apenas enquadrar-se na cultura e no saber do branco, o povo vencedor”, afirma o professor da Universidade Federal de Goiás (UFG), Pedro Henrique da Silva.

Ele prevê uma forte reação à Unind, assim que a instituição começar a funcionar. “Setores contrários, sobretudo ligados ao agronegócio, classificarão o projeto como desnecessário e segregador e, na hora de aprovar o orçamento da universidade, questionarão por que destinar verba a indígenas. Será, então, que o



Foto: Nailiana Thiely/Uepa

O reitor e o vice-reitor serão necessariamente indígenas e a maior parte dos alunos virá de comunidades de povos originários

Colonização

Desde a chegada dos portugueses até algumas décadas atrás, a política oficial era impor ao indígena, frequentemente de forma violenta, a educação do branco

motivo da demora será revelado de modo escancarado: o histórico e deliberado processo de exclusão dos povos originários”, destaca o professor. De acordo com o secretário de Educação Superior do MEC, Marcus Vinícius David, a inauguração da universidade caracteriza uma medida de reparação histórica e de inclusão social. Ele explica: “Os povos originários foram os primeiros habitantes do Brasil, mas foram violentamente atacados e tiveram seus espaços físicos e culturais drasticamente reduzidos. As políticas que valorizam os indígenas devolvem parte do que lhes foi tirado. Trata-se também de uma medida de

inclusão social que responde às desigualdades históricas de acesso ao ensino superior. Tradicionalmente elitista, a universidade brasileira repeliu por muito tempo grupos sociais subalternizados, como negros, quilombolas, pessoas com deficiência e indígenas”. O governo enviou o projeto de lei de criação da universidade à Câmara dos Deputados em novembro. No Senado, a proposta foi relatada por Eduardo Braga (MDB-AM) e aprovada no mês passado. “Não é uma universidade simplesmente para ensinar novas práticas, mas para aprofundar no conhecimento de uma cultura milenar, de um povo que estava aqui antes de nós sermos descobertos, e que tem uma relação homem-natureza absolutamente diferenciada”, avaliou Braga. O senador Randolfe Rodrigues (PT-AP) afirmou que o estabelecimento de uma universidade com foco nos povos indígenas também proporcionará ao Brasil a chance de confrontar o seu passado. “Este país foi assentado sobre um genocídio. Nós tínhamos, pelo menos, 10 milhões [de habitantes indígenas] vivendo na América antes da chegada dos europeus. Hoje nós temos, no Brasil, menos de 1%

[disso]. A história dessa civilização é uma história que não é conhecida pelo povo brasileiro hoje. Esta é a primeira função de uma universidade dos povos indígenas”, afirmou Randolfe Rodrigues. Para o senador Chico Rodrigues (PSB-RR), a criação da Unind representa mais do que apenas somar uma instituição de nível superior às demais que já existem. “Isso é mais do que inclusão, é reconhecimento. Estamos diante de um projeto que vai além da criação de uma instituição de ensino. Trata-se de uma política pública estruturante, que reconhece a necessidade de um espaço acadêmico voltado à realidade dos povos indígenas, respeitando suas línguas, seus costumes, suas tradições e seus modos de vida”, declarou.

Diferenças

A Universidade Federal Indígena será, como as demais federais, gratuita para os alunos, financiada pelo MEC e composta de servidores concursados — professores e técnicos administrativos. Haverá, porém, diferenças importantes. O reitor e o vice-reitor serão necessariamente indígenas e a maior parte dos alunos virá de comunidades de povos originários. O currículo e as linhas de pesquisa terão outro foco. A ideia é que a instituição não siga o modelo colonial de universidade e, em vez de basear-se integralmente no conhecimento ocidental, priorize os saberes tradicionais indígenas e fortaleça a autonomia e as identidades dos povos. “O conhecimento indígena se distancia da lógica capitalista e individual. Enquanto o sistema ocidental forma indivíduos voltados para o mercado, o saber dos povos originários fortalece a coletividade e respeita a cosmologia [entendimento sobre a origem e a ordem do mundo] indígena, o próximo, a natureza. Esse

conhecimento é visto como exótico e negligenciado pelas universidades. É preciso reconhecer que ele também é, sim, racional e lógico”, explicou o professor da UFG Pedro Henrique da Silva. Ele é coautor de um estudo que comparou as experiências de estudantes indígenas da UFG e da Universidade Autônoma Indígena Intercultural, da Colômbia, criada em 2018. Silva identificou que os brasileiros enfrentam dificuldades nos cursos porque os modelos acadêmicos são “eurocentrados”. Já os colombianos não passam por esse problema porque, na instituição, as práticas universitárias consideram suas línguas, culturas e saberes ancestrais. A conclusão do estudo é que o Brasil precisa de uma universidade indígena semelhante à da Colômbia, onde o ambiente intercultural ajuda a promover a justiça epistêmica, isto é, o reconhecimento da legitimidade do saber dos povos originários. Entre os conhecimentos que ganharão centralidade no projeto da Unind estão a literatura oral, os tratamentos medicinais tradicionais — muitos à base de plantas — e práticas agrícolas que incorporam a proteção ambiental. A instituição vem para repensar a forma histórica como o Brasil tratou a educação dos povos originários. Desde a chegada dos portugueses até algumas décadas atrás, a política oficial era impor ao indígena, frequentemente de forma violenta, a educação do branco. Alegava-se que, abandonando sua cultura, ele evoluiria e contribuiria para o progresso do país.

Universidade ou cotas?

Desde 2012, a Lei de Cotas determina que 50% das vagas de cada curso e turno sejam reservadas para alunos que cursaram todo o Ensino Médio em escola pública. Dentro desse grupo, há uma subcota para candidatos indígenas,

proporcional à composição étnica de cada estado. Algumas instituições, além disso, organizam vestibulares exclusivos para estudantes indígenas, com vagas fora da cota. Entre elas, estão a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) e a Universidade de Brasília (UnB). Essas iniciativas fizeram a quantidade de indígenas no Ensino Superior crescer expressivamente. Segundo dados de 2022, havia 70 mil estudantes oriundos de povos originários — número 53 vezes maior que o de 2004. De acordo com o professor Pedro Henrique da Silva, da UFG, essas medidas, apesar de positivas e necessárias, são insuficientes para garantir inclusão plena e efetiva. “As cotas garantem, sim, a entrada do indígena na universidade. Na prática, porém, apenas o corpo físico é aceito, enquanto o corpo epistemológico [do seu conhecimento] continua barrado, já que esse universitário é obrigado a se adaptar integralmente ao modelo ocidental. A verdadeira inclusão só ocorre quando a universidade abre espaço para a diversidade de epistemologias”, explica. O Ministério da Educação afirma que a Unind terá ações específicas contra a evasão, para evitar que os alunos abandonem o curso por dificuldades financeiras e de adaptação. “Para garantir a permanência dos alunos, a nova universidade trabalhará em articulação com as federais já existentes para aproveitar toda a experiência que acumularam em assistência estudantil. Haverá pagamento de bolsas diferenciadas para indígenas e moradias estarão adaptadas para famílias inteiras, já que muitos se deslocam acompanhados de parentes”, ressalta o Secretário de Educação Superior do MEC, Marcus Vinícius David. O ministro dos Povos Indígenas, Eloy Terena, diz que dificuldades de adaptação cultural, frequentes nas universidades em geral, também são determinantes para a evasão. “Professores e técnicos normalmente não sabem lidar com quem vem de outra cultura, e existem entraves linguísticos, já que muitos indígenas têm o português como segunda língua. Enquanto alunos estrangeiros costumam ser bem recepcionados, os indígenas ainda sofrem discriminação cultural e linguística na universidade”, afirma Eloy Terena.

Segundo estudo, Brasil precisa de uma universidade semelhante à da Colômbia, onde o ambiente intercultural ajuda a promover a justiça epistêmica



Foto: Pedro França/Agência Senado

Governo enviou o projeto de lei de criação da universidade à Câmara dos Deputados em novembro

JULHO DE ESTUDO

Editais somam mais de 1.200 vagas

Seleções trazem oportunidades no IBGE, na Seap-RN e na Prefeitura de CG com salários que chegam a quase R\$ 9 mil

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

O Dia de São Pedro, celebrado na última segunda-feira (29), marcou o fim das festividades juninas. Assim, o mês de julho começa com a retomada dos esforços para quem está em busca de oportunidades no serviço público. Os editais com inscrições abertas somam mais de 1.200 vagas, trazendo diversas possibilidades para os candidatos. O concurso da Prefeitura de Campina Grande prorrogou o prazo das inscrições até o dia 13 deste mês, ofertando mais de 960 vagas, distribuídas por áreas como saúde, administração, educação, finanças e infraestrutura.

Já em âmbito nacional, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) está com um segundo processo seletivo aberto, com 19 vagas na Paraíba para candidatos de níveis médio e superior. Para quem deseja ingressar na área da segurança pública, a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap) do Rio Grande do Norte oferece 140 vagas para policial penal, com remuneração de R\$ 5.681,78, além de oportunidades para cargos de especialista em assistência penitenciária.

Censo IBGE
Com foco na seleção de

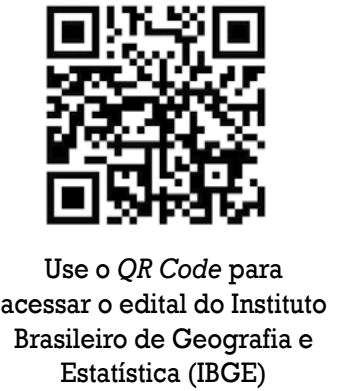
candidatos para atuar nas atividades dos Censos Agropecuário, Florestal e Aquícola e da População em Situação de Rua, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou um novo processo seletivo simplificado. O certame nacional oferta 19 vagas para a capital paraibana, entre os níveis médio e superior, com remunerações que variam de R\$ 2.932 a R\$ 5.255,40, conforme o cargo. Além disso, são oferecidos benefícios como auxílio-alimentação de R\$1.192, auxílio transporte, auxílio pré-escolar, férias e 13º salário proporcionais. A jornada de trabalho será de 40 horas semanais.

As inscrições devem ser feitas exclusivamente pelo *site* do Instituto Avalia, mediante taxa de pagamento de R\$ 37,50 para o cargo de analista censitário (AC) e de R\$ 41,76 para o de agente censitário de qualidade (ACQ), até o dia 15 deste mês. No estado, há oportunidades para ACQ (10 vagas) e para AC nas seguintes especialidades: geoprocessamento (7), gestão e infraestrutura (7), agronomia (2), assistência social (1), ciências sociais/antropologia (1), jornalismo (1), métodos quantitativos (1), tecnologia da informação (1) e veterinária/zootecnia (1).

A seleção será realizada por meio de prova obje-

tiva, de caráter eliminatório e classificatório, marcada para o dia 30 de agosto, em João Pessoa.

O contrato será temporário, com duração prevista de até 12 meses, podendo ser estendido, desde que o prazo total não ultrapasse



48 meses.
Prorrogação

Boas notícias para quem perdeu a data de inscrição de um dos maiores concursos do estado, o da prefeitura de Campina Grande. Com a prorrogação dos prazos, os candidatos poderão inscrever-se até o dia 13 deste mês. De acordo com retificação publicada, outras datas importantes do certame, como divulgação do resultado das inscrições, locais de provas e cronograma das etapas também foram ajustadas.

As inscrições podem ser realizadas pelo portal da Idecan, mediante pagamen-

to de taxa de inscrição de R\$ 95 para cargos de nível fundamental, R\$ 110 para os de nível médio e técnico e R\$ 150 para os de nível superior.

O certame oferta 960 vagas distribuídas por diversas secretarias municipais, contemplando cargos de níveis médio, técnico e superior. Apesar de abranger várias áreas, a maior parte das vagas concentra-se na educação, com 547 possibilidades, destacando-se os cargos de professor de Educação Infantil e professor dos Anos Iniciais, ambos com 200 vagas.

Outro setor em evidência é o da saúde, trazendo 229 oportunidades. Os cargos com maior oferta são técnico em Enfermagem (50) e enfermeiro (40).

Para a Secretaria Municipal de Administração (SAD), são oferecidas 145 vagas, distribuídas em diversos cargos, como zootecnista (2), técnico em agropecuária (3), técnico em Turismo (2) e técnico em Educação e controle ambiental (2), sendo agente administrativo o cargo com maior número de vagas (80).

A Secretaria Municipal de Finanças oferece quatro vagas para auditor fiscal da Receita Municipal. Já a Secretaria Municipal de Obras (Secob) disponibiliza 18 vagas, com destaque para o cargo de engenheiro civil projetista (6).

A jornada de trabalho varia de 24 a 40 horas semanais e a remuneração vai de R\$ 1.621 a R\$ 8.816,66, conforme o cargo. A seleção será composta por prova objetiva para todos os cargos, prevista para os dias 29 e 30 de agosto de 2026.



Segurança pública

O Governo do Estado do Rio Grande do Norte, por meio da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap) e da Secretaria de Estado da Administração (Sead), divulgou concurso público para preenchimento de vagas de nível superior.

Há chances para os cargos de policial penal e especialista em assistência penitenciária, nas áreas de assistência social, psiquiatria, psicologia e terapia ocupacional. Ao todo, são oferecidas 260 vagas. Para especialistas em assistência penitenciária, a jornada de trabalho varia de 20

a 40 horas semanais, com remuneração de R\$ 3.500 a R\$ 4.081,49. Já para policial penal, a carga horária é de 160 horas mensais, com salário de R\$ 5.681,78.

Os interessados têm até o dia 27 de julho para efetuar a inscrição pelo *site* do Instituto Avalia. A taxa é de R\$ 130. Quanto à avaliação, os candidatos ao cargo de policial penal serão submetidos a prova objetiva, teste de aptidão física, avaliação psicológica, exame toxicológico, investigação social e curso de formação. Já quem vai concorrer ao cargo de especialista em assistência penitenciária, passará por prova objetiva, exame toxicológico e investigação social. As provas objetivas serão aplicadas em 13 de setembro, nos turnos da manhã e tarde, nas cidades de Natal, Mossoró, Pau dos Ferros e Caicó, no Rio Grande do Norte, conforme escolha realizada pelo candidato no ato da inscrição.



Terapeuta ocupacional integra saúde, educação e assistência social

Apesar de ainda ser pouco conhecida por parte da população, a terapia ocupacional (TO) desempenha um papel essencial na promoção da autonomia e da independência das pessoas para a realização das atividades cotidianas. Escovar os dentes, cuidar dos animais de estimação, executar tarefas domésticas ou simplesmente se levantar podem ser ações corriqueiras para muitos, mas representam desafios para idosos ou pessoas que passaram por internações prolongadas, por exemplo. É nesse contexto que atua o terapeuta ocupacional, utilizando diferentes estratégias para favorecer a participação social e a manutenção do modo de vida dos indivíduos, por meio da construção e reorganização de rotinas significativas.

Assim, por atuar diretamente no incentivo à autonomia, a profissão está presente nas áreas da saúde, educação e assistência social, abrangendo campos como saúde mental, atenção à criança e ao adolescente, saúde do trabalhador, reabilitação física e motora, gerontologia, contexto escolar, assistência social, ambiente hospitalar e cuidados paliativos.

“Participação, autonomia e independência no fazer humano”. Foi assim que a terapeuta ocupacional Maria Ester Brito resumiu a profissional. Ela iniciou sua trajetória profissional em 2022, após ser aprovada em con-

curso público. “Em julho de 2022, iniciei minha atuação profissional no Centro Especializado de Reabilitação do município de Campina Grande”. Paralelamente, também exerce suas funções no sistema privado, em clínicas particulares de cidades como Guarabira, João Pessoa, Patos e Sapé. Atualmente, dedica a maior parte da carga horária ao Sistema Único de Saúde (SUS), integrando o quadro de terapeutas ocupacionais dos municípios de Sapé e de Salgado de São Félix.

Ela conta que se encantou pela atividade durante o segundo período do curso, quando começou a entender melhor a área e viu a realidade de perto a partir da atuação dos professores. “O que mais me chamou atenção foi o olhar da profissão nas ‘pequenas’ coisas do nosso cotidiano. Ver alguns professores na prática e ouvir os seus relatos fez meu coração palpitar mais forte”, compartilhou. Para ela, a capacidade de enxergar potencial onde menos se espera, além da valorização da singularidade, individualidade e potencialidade humana são alguns dos atrativos da carreira.

Esses mesmos aspectos também despertaram o interesse da terapeuta ocupacional Graziela Melo. “Chamou minha atenção a possibilidade de transformar a vida das pessoas por meio da rotina e da história de vida. A chan-



Graziela na gerontologia: “Eu queria uma profissão em que pudesse ajudar as pessoas”

ce de resgatar a essência das pessoas, devolvendo autonomia e independência nas coisas mais simples do dia a dia”, detalhou.

Atualmente, Graziela atua com foco na gerontologia, após concluir residência multiprofissional com ênfase na saúde do idoso. Ela relata que, apesar de não ser muito difundida na época, conheceu a TO no Ensino Médio, graças a uma prima que já atuava na área. “Eu queria uma profissão em que pudesse ajudar as pessoas, mas que também permitisse utilizar recursos

com pintura, música e história de vida. Minha prima tirou minhas dúvidas e, até hoje, é uma referência para mim”.

Para lidar com a complexidade humana, as especialistas destacam a importância de habilidades sociais, como empatia, escuta ativa e comunicação, além da busca constante por atualização profissional. “Competência, compromisso, ética, olhar humanizado, trabalho em equipe, criatividade e conhecimento técnico são essenciais”, pontuou Maria Ester. “Sensibilidade. Acho que essa palavra resume bem. Por-

que a técnica é de extrema importância, mas é preciso sensibilidade para modificar, criar e reorganizar rotinas, hábitos e papéis ocupacionais. Somos seres plurais e é necessário reconhecer a individualidade de cada um que chega até você”, complementou Graziela.

Apesar da satisfação de acompanhar a evolução dos pacientes e contribuir para a sua qualidade de vida, a profissão também enfrenta desafios. Um deles é a remuneração. “Hoje, a terapia ocupacional já tem uma procura bem maior do que há

alguns anos, mas, embora a demanda seja alta, é difícil encontrar contratos e concursos com salários justos”, explicou Graziela Melo. Além desse ponto, Maria Ester também cita a escassez de recursos e o desconhecimento da profissão por parte da população. “Muitas pessoas ainda não sabem o que é a terapia ocupacional”.

Voltado para aqueles que almejam ser servidores públicos, as duas profissionais deixam um conselho: aproveitar ao máximo as experiências proporcionadas pela graduação e conhecer todas as áreas de atuação. “A TO pode surpreender você”, afirmou Graziela. Além disso, recomendam iniciar a preparação para concursos o quanto antes.

Oportunidades

Para quem deseja seguir por esse caminho e ingressar no serviço público, os concursos da prefeitura de Campina Grande e da Seap do Rio Grande do Norte trazem boas perspectivas. Em CG, o edital prevê cinco vagas para terapeuta ocupacional. É exigido diploma de graduação em Terapia Ocupacional e registro no conselho de classe profissional. A jornada é de 30 horas semanais, com remuneração de R\$ 3.047. Já no estado vizinho, são ofertadas 15 vagas para o cargo, além de formação de cadastro reserva. Nesse certame, o salário é de R\$ 3.500 para uma jornada de 40 horas semanais.

Selic	Salário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 17 de junho de 2026	R\$ 1.621	-0,76%	-0,72%	-0,62%
14,25%		R\$ 5,168	R\$ 5,91	R\$ 6,926



HÁ 32 ANOS

Plano Real devolveu o valor ao dinheiro e mudou o país

Lançada em 1994, a moeda pôs fim à hiperinflação e estabilizou os preços

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

“Real chega para acabar com a inflação.” A manchete ocupava a capa do jornal **A União** na sexta-feira, 1º de julho de 1994, para anunciar o início da nova moeda brasileira. Depois de sucessivos planos econômicos fracassados e anos convivendo com uma hiperinflação que chegou a ultrapassar 80% em um único mês, o país iniciava uma experiência que mudaria a rotina dos brasileiros e permaneceria em vigor 32 anos depois.

Naquele momento, poucos garantiam se o plano sobreviveria. Afinal, Cruzado, Bresser, Verão, Collor e outras tentativas anteriores haviam criado mais frustração do que confiança. Concebido por uma equipe de economistas que incluía Persio Arida, André Lara Resende, Gustavo Franco, Pedro Malan e Edmar Bacha, o Plano Real contou com a liderança política de Fernando Henrique Cardoso, então Ministro da Fazenda do governo de Itamar Franco. O novo projeto entrava em circulação prometendo aquilo que parecia quase impossível para quem viveu os anos 1980 e o início da década seguinte: estabilidade.

Para quem nasceu depois de 1994, é difícil imaginar um país onde o dinheiro perdia valor praticamente de um dia para o outro. O economista e professor Cássio Besarria lembra uma das consequências que se tornaram difíceis de imaginar no cenário atual de inflação a 4,5% ao ano. “As pessoas postergavam sacar dinheiro, porque o simples ato de retirar o dinheiro do banco e ir ao supermercado já fazia aquela quantia perder poder de compra. Muitas vezes os preços eram remarcados enquanto o consumidor ainda estava dentro da loja”.

A cena era familiar para o comerciante Nivaldo Vilar, atual presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de João Pessoa (CDL-JP) e proprietário da loja A Nova Missiana há quase cinco décadas. Segundo ele, remarcar preços fazia parte da rotina. “Você tinha máquina de marcar preço. Toda hora estava re-marcando o produto. De manhã era um preço, de tarde era outro. Era um negócio impossível”. As etiquetas eram apenas uma das imagens de um cotidiano marcado pela hiperinflação. Outra acontecia dentro dos bancos.

“Naquele tempo, muita gente vivia de aplicação financeira”, lembra Nivaldo. “O dinheiro não ficava parado na conta. Todo mundo corria para aplicar, porque o rendimento era diário. Quem tinha dinheiro conseguia sobreviver à inflação. Quem não tinha sofria muito”. Essa diferença ajuda a explicar por que a inflação aprofundava desigualdades. Enquanto investidores e



Fernando Henrique Cardoso liderou o projeto econômico durante o governo de Itamar Franco

parte do comércio encontravam mecanismos para proteger o patrimônio, trabalhadores assalariados viam seus salários perderem valor antes do próximo pagamento.

“O assalariado recebia e precisava correr para comprar tudo”, recorda o empresário. “Quando chegava o mês seguinte, aqueles produtos já estavam muito mais caros. O salário até era reajustado, mas nunca conseguia acompanhar completamente a inflação”. Para o economista Cássio Besarria, esse continua sendo um dos principais legados do Plano Real.

“O rico consegue proteger seu patrimônio em um ambiente inflacionário. Já o pobre não tem essa oportunidade. A inflação é um dos maiores mecanismos de geração de desigualdade social”, destaca o especialista. A lógica da hiperinflação também alterava a forma de administrar empresas. Nivaldo lembra que manter estoque podia ser mais lucrativo do que vender.

“Eu comprava 100 caixas de um produto em Recife. No outro dia, aquele estoque já valia 20% ou 30% mais. Muitas vezes o comerciante ganhava dinheiro simplesmente por que tinha mercadoria guardada”. Ao mesmo tempo, consumidores enfrentavam filas para adquirir produtos básicos. Encontrar itens simples como leite em pó era difícil, e as vendas muitas vezes eram limitadas para evitar estoques domésticos.

Como começou

Segundo Besarria, a hiperinflação teve origens variadas. O economista explica que dois choques internacionais do petróleo, na década de 1970, elevaram os juros internacionais justamente quando o país acumulava uma dívida externa indexada a taxas flutuantes. Ao mesmo tempo, o Brasil mantinha uma economia fechada, protegida da concorrência internacional e fortemente dependente da atuação do Estado.

Esse conjunto de fatores alimentou uma década de inflação elevada durante os anos 1980, período em que diferentes governos tentaram controlar os preços por meio de congelamen-

tos e mudanças de moeda. Nenhuma das iniciativas conseguiu interromper o processo inflacionário. O grande nó a ser desatado era a chamada inflação inercial: os preços subiam hoje simplesmente porque tinham subido ontem, impulsionados por uma indexação psicológica automática.

Para quebrar essa inércia, a equipe econômica criou a Unidade Real de Valor (URV). Ela funcionava como uma moeda virtual para a qual todos os preços e salários foram temporariamente convertidos. Enquanto o seu valor diário subia em cruzeiros reais, os preços em URV permaneciam estáveis. Quando a população percebeu que a referência em URV não aumentava, a psicologia da inflação foi desarmada. No dia 1º de julho de 1994, bastou trocar a folha de papel: 1 URV virou 1 real.

Além da transição pela URV, o plano de estabilização veio acompanhado por abertura comercial, aumento da concorrência, privatizações e mudanças fiscais estruturais. “Foi um conjunto de medidas, e não apenas a troca da moeda”, resume Besarria.

A transição

Nivaldo lembra que a transição ajudou a criar uma expectativa diferente das experiências anteriores. “Quando o real veio, a moeda estabilizou. Um dólar valia um real. As aplicações que davam lucro todos os dias acabaram, os preços começaram a se estabilizar e as pessoas foram se acostumando aos poucos”.

Para segurar os preços no início, o governo utilizou uma paridade rígida com a moeda americana. Essa âncora cambial fez com que o real chegasse a ser mais forte que o dólar logo após o lançamento, valendo cerca de \$ 0,83 em outubro de 1994. Se por um lado a medida conteve a inflação, por outro expôs o país a crises externas severas de 1995 a 1998.

Para garantir a sobrevivência da economia, o Brasil migrou em janeiro de 1999 para um novo modelo estrutural: o tripé macroeconômico. Esse sistema, que vigora até hoje, baseia-se no câmbio flutuante (no

qual o mercado dita o valor do dólar), nas metas de inflação (com o Banco Central utilizando os juros para balizar os preços) e nas metas de superávit primário, que exige que o governo economize para gerenciar a dívida pública (pilare que seria reforçado pela Lei de Responsabilidade Fiscal em 2000).

Aos poucos, a mudança transformou o cotidiano. Empresas passaram a conseguir firmar contratos de longo prazo com maior previsibilidade. Famílias voltaram a planejar compras sem a necessidade de correr ao supermercado no dia do pagamento. O dinheiro recuperou uma de suas funções mais básicas: servir como reserva de valor.

Trinta e dois anos depois daquela manchete estampada na capa de **A União**, muitas das cenas que marcaram a hiperinflação sobreviveram apenas na memória de quem viveu aquele período. Para a história do país, o plano é considerado um divisor de águas e se tornou um dos principais marcos da economia nacional nas últimas décadas.



Foto: Nivaldo Vilar, Arquivo Pessoal

Você tinha máquina de marcar preço. Toda hora estava remarcando o produto. De manhã era um preço, de tarde era outro

Nivaldo Vilar

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

A economia que chega com os cabelos brancos

Durante décadas, o envelhecimento populacional foi tratado, no Brasil, como uma notícia ruim. Falava-se em “bomba previdenciária”, em “peso para o Estado”, em contas que não fechariam. Está na hora de aposentar esse discurso — ele, sim, envelheceu mal.

Os números do Censo 2022 não deixam dúvida sobre a velocidade da transição. O Brasil já tem 32,1 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o equivalente a 15,6% da população — um salto de 56% em relação a 2010. Aqui, o fenômeno é ainda mais intenso: a população idosa paraibana cresceu 79% entre os dois censos, chegando a 615 mil pessoas, e a Paraíba figura, ao lado do Rio Grande do Norte, como o estado mais envelhecido do Nordeste. Em João Pessoa, a parcela de moradores com mais de 69 anos praticamente dobrou em duas décadas, saltando de 3,75%, em 2000, para 6,55%, em 2022.

Diante desses dados, a pergunta certa não é “Quanto isso vai custar?”, mas “Quanto isso pode render?”.

É aí que entra a Economia Prateada — o conjunto de atividades movidas pelo consumo, pelo trabalho e pelo empreendedorismo das pessoas com 60 anos ou mais. Trata-se de um dos mercados que mais crescem no mundo, e ele já bate à nossa porta.

O idoso de hoje não corresponde ao estereótipo de ontem. Ele viaja, frequenta restaurantes, pratica atividade física, consome cultura, movimenta o comércio de bairro e, cada vez mais, empreende. Muitos têm renda estável — aposentadorias e pensões que funcionam como um poderoso estabilizador da economia local, injetando recursos todos os meses no varejo, nos serviços e na saúde.

Para uma cidade como João Pessoa, com vocação turística, clima privilegiado e qualidade de vida reconhecida, o potencial é evidente. Somos

“

A cidade que acolhe bem os seus velhos está, no fundo, cuidando de quem todos nós seremos amanhã

destino natural para o turismo sênior, para a moradia de longevidade e para os serviços de bem-estar. Mas o mercado local precisa acordar para esse público: adaptar produtos, treinar equipes para um atendimento sem pressa e sem infantilização, repensar acessibilidade em lojas, calçadas e transportes, e desenhar experiências que respeitem — e

valorizem — quem tem tempo e renda para consumir.

O setor privado que enxergar isso primeiro sairá na frente. E o poder público tem papel decisivo: cidades caminháveis, espaços de convivência, saúde preventiva e qualificação para o trabalhador maduro que deseja — ou precisa — continuar ativo.

Fica a provocação final: preparar João Pessoa para a longevidade não é caridade, é visão de futuro. Cada calçada acessível, cada praça com sombra, cada negócio que aprende a servir sem pressa é um investimento com retorno garantido — porque a cidade que acolhe bem os seus velhos está, no fundo, cuidando de quem todos nós seremos amanhã.

O cabelo branco, afinal, não é o crepúsculo da economia. É o seu novo amanhecer — e ele já raiou sobre o nosso litoral. Resta saber quem terá a sabedoria de enxergá-lo primeiro.

CRIPTOMOEDAS

BC amplia exigências do mercado

Empresas de ativos digitais terão que cumprir regras de capital, gestão de riscos e transparência mais rígidas

Wellton Máximo
Agência Brasil

A partir de 2027, as sociedades prestadoras de serviços de ativos virtuais (SPSAVs) – empresas que atuam no mercado de criptomoedas e outros ativos digitais – terão que cumprir exigências de segurança financeira semelhantes às das corretoras e distribuidoras de valores mobiliários.

O Banco Central (BC) aprovou na última quarta-feira (1º) o endurecimento das regras para as prestadoras de serviços de ativos virtuais. Segundo o órgão, a medida pretende aumentar a segurança do sistema financeiro e reduzir riscos para clientes e para o mercado.

As mudanças foram estabelecidas pela Resolução nº 580 e fazem parte do processo de regulamentação previsto no marco legal dos criptoativos.

O que muda?

Em 1º de janeiro, as empresas de ativos virtuais passarão a cumprir uma série de exigências prudenciais, conjunto de regras que busca garantir a saúde financeira das instituições e reduzir o risco de problemas que possam afetar clientes ou o sistema financeiro.

Entre as novas obrigações, estão a adoção de políticas de gerenciamento de riscos, a manutenção de um capital mínimo para suportar eventuais perdas e a divulgação periódica de informações sobre sua situação financeira e operacional.

Segundo o Banco Central, essas medidas seguem o mesmo modelo já aplicado a outras instituições do sistema financeiro.

Empresas afetadas

As sociedades prestadoras de serviços de ativos virtuais são empresas autorizadas a oferecer serviços relacionados a ativos digitais, como cripto-

moedas. Entre as atividades, estão a intermediação de compra e venda, custódia de ativos e operações de transferência entre clientes.

Com a nova regulamentação, essas empresas e os grupos econômicos liderados por elas passam a ser classificados como instituições do Tipo 3, categoria que possui regras semelhantes às aplicadas às corretoras e distribuidoras de títulos e valores mobiliários.

Segundo o Banco Central, a mudança segue o princípio de que atividades com riscos semelhantes devem estar sujeitas ao mesmo nível de regulação.

Transição gradual

As empresas serão enquadradas no Segmento 4 (S4) da regulação bancária até 30 de junho de 2028, independentemente do porte.

OS4 reúne instituições que precisam seguir um conjunto de regras prudenciais mais robusto, permitindo uma adaptação gradual até que todas as exigências passem a ser aplicadas integralmente.

Ao mesmo tempo, o Banco Central proibiu que instituições enquadradas no Segmento 5 (S5), categoria destinada a instituições financeiras de menor porte e com regras simplificadas, prestem serviços relacionados a ativos virtuais.

De acordo com a autoridade monetária, esse tipo de atividade exige um nível maior de controle e gestão de riscos, incompatível com o regime simplificado aplicado ao S5.

Regulação ampliada

A exigência faz parte de um pacote maior de regulamentação das plataformas de criptoativos no país.

Em novembro do ano passado, o Banco Central publicou as primeiras regras para o funcionamento do mercado de ativos virtuais no Brasil. As normas formalizaram a criação das SPSAVs e estabele-

ceram critérios para funcionamento, governança, combate à lavagem de dinheiro e atuação no mercado de câmbio.

Em fevereiro deste ano, o Conselho Monetário Nacional (CMN) ampliou as exigências para o setor, ao determinar que as plataformas de criptoativos

passassem a seguir regras semelhantes às das instituições financeiras tradicionais.

Com isso, as empresas ficaram obrigadas a manter sigilo sobre dados e operações de clientes, seguindo a Lei Complementar nº 105, que trata do sigilo bancário.

Em maio, o BC passou a exigir auditoria independente de empresas de criptoativos.

O que é uma SPSAV

As SPSAVs são empresas autorizadas a prestar serviços relacionados a ativos virtuais, como intermediação, custódia

e negociação de criptomoedas e *tokens*.

A criação da categoria foi prevista pela Lei nº 14.478, de 2022, conhecida como “marco legal dos criptoativos”. Em 2023, decreto federal definiu o Banco Central como responsável pela regulação do setor no país.

Stablecoins são as mais declaradas à Receita

Wellton Máximo
Agência Brasil

Criptomoedas criadas para acompanhar o valor de moedas tradicionais, como o dólar e o real, as *stablecoins* passaram a concentrar a maior parte das operações com criptoativos declaradas à Receita Federal no Brasil. Segundo o Fisco, esses ativos responderam por cerca de 80% do volume negociado em 2025.

O número representa uma mudança no perfil do mercado brasileiro às vésperas da entrada em vigor da DeCripto, nova plataforma de declaração de criptoativos instituída pela Receita. A ferramenta vai se tornar obrigatória a partir deste mês.

Instituída pela Instrução Normativa RFB nº 2.291, de novembro de 2025, a DeCripto cria um novo modelo de prestação de informações sobre transações com criptoativos e alinha o Brasil ao padrão internacional de transparência da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conhecido como Crypto-Asset Reporting Framework (Carf).

Segundo a Receita Federal, a adoção desse padrão busca ampliar o controle sobre operações com ativos digitais, fortalecendo o combate à evasão de divisas, à lavagem de dinheiro e ao financiamento de atividades criminosas.

O que mudou

As *stablecoins* são criptomoedas desenvolvidas para manter um valor estável, normalmente equivalente ao de uma moeda fiduciária (moeda emitida por um banco central). Na prática, uma *stablecoin* atrelada ao dólar busca valer aproximadamente US\$ 1, enquanto uma *stablecoin* vinculada ao real acompanha a cotação da moeda brasileira.

Essa característica faz com que esses ativos sejam amplamente utilizados para movimentação de recursos, transferências internacionais e proteção contra a volatilidade de outras criptomoedas.

Os dados históricos da Receita mostram que esse tipo de ativo deixou de ocupar um espaço secundário no mercado nacional para se tornar predominante em poucos anos.

De agosto de 2019 a dezembro de 2025, foram declarados aproximadamente R\$ 1,58 trilhão em operações de compra e venda dos principais criptoativos. Desse total, cerca de R\$ 1,13 trilhão, o equivalente a 71,7%, correspondeu às *stablecoins*.

Nos anos mais recentes, a participação mensal desses ativos permaneceu acima de 80% do volume negociado.

Crescimento acelerado

Em 2019, as *stablecoins* representavam apenas 3,5% do volume mensal declarado de criptoativos.

A participação cresceu

rapidamente nos anos seguintes, alcançando 79,7% em 2022. Em 2023, chegou a 91,5%, registrando um pico mensal de 94,3% em julho daquele ano.

Nos anos de 2024 e 2025, apesar da valorização de outros criptoativos, a participação das *stablecoins* permaneceu elevada, oscilando de 76% a 80%.

O volume financeiro também aumentou significativamente. Em novembro de 2025, as operações declaradas com *stablecoins* atingiram R\$ 39,7 bilhões, o maior valor mensal da série histórica.

USDT lidera

Entre as *stablecoins* negociadas, a USDT, emitida pela Tether e atrelada ao dólar americano, concentra quase nove em cada dez reais movimentados nesse segmento.

Segundo os dados da Receita, a moeda respondeu por 88,7% de todo o volume declarado de agosto de 2019 a dezembro de 2025, equivalente a aproximadamente R\$ 1 trilhão.

Na sequência aparecem a USDC, também vinculada ao dólar, com participação de 7,1%, e a BRZ, *stablecoin* lastreada em real, responsável por 3,4% do volume analisado.

Mais operações

O avanço das *stablecoins* também aparece na quantidade de negociações reali-

zadas.

Ao longo do período analisado, foram registradas 185,7 milhões de operações de compra e venda envolvendo esses ativos.

A movimentação ganhou força principalmente a partir de 2024. Em novembro daquele ano, foram declaradas 18,2 milhões de operações com *stablecoins*, enquanto o mercado de criptoativos como um todo registrou 31,9 milhões de transações.

Nova obrigação

A Receita Federal destaca que parte relevante das operações com *stablecoins* ocorre por meio de prestadoras de serviços de criptoativos sediadas no exterior.

Com a entrada em vigor da DeCripto, essas empresas também passarão a ter obrigação de informar operações realizadas com clientes brasileiros, desde que destinem seus serviços ao mercado nacional.

A exigência alcança tanto empresas estabelecidas no Brasil quanto plataformas estrangeiras que atuem no país, conforme previsto na Lei nº 14.754/2023 e na Instrução Normativa RFB nº 2.291.

Segundo a Receita, a obrigação de prestar informações é independente da existência de tributos a pagar e faz parte das medidas para ampliar a transparência das operações com ativos digitais.

Foto: Freepik

Em 2019, as *stablecoins* representavam 3,5% do volume mensal declarado de criptoativos, contra 80% em 2025

LABDH E MPF-PB

Parceria traz agilidade na resolução de casos

Cooperação técnica ajuda a garantir direitos humanos a paraibanos

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Cerca de 25 procedimentos de direitos humanos acompanhados pelo Ministério Público Federal na Paraíba (MPF-PB) já contam com apoio técnico do Laboratório de Pesquisas e Práticas Jurídicas em Direitos Humanos da Paraíba (Labdh). A expectativa é que, até o fim de julho, esse número duplique. Na prática, isso significa mais capacidade para instruir casos, reunir provas, organizar informações e transformar demandas históricas em medidas judiciais e extrajudiciais.

Os primeiros resultados aparecem em áreas sensíveis: moradia, regularização fundiária, reforma agrária, comunidades tradicionais e justiça de transição. Entre os casos que avançaram com apoio do laboratório, estão a ação relacionada à Comunidade Vitória, no bairro Altiplano, em João Pessoa; a ação civil pública envolvendo a Comunidade Ponta de Gramame; a demanda territorial da Comunidade da Penha; e a ação sobre crimes cometidos contra integrantes das Ligas Camponesas e trabalhadores rurais na Paraíba durante a Ditadura Militar.

O diferencial da parceria está justamente na possibilidade de colocar pesquisadores, estudantes e conhecimento técnico a serviço de problemas que afetam diretamente a vida da população. O trabalho desenvolvido pelo laboratório contribui para qualificar a atuação em casos complexos, muitos deles marcados por anos de espera, ausência de documentação adequada e dificuldade de acesso a respostas institucionais.

Segundo o procurador da República José Godoy, titular do primeiro escritório do MPF na Paraíba, voltado à área de direitos humanos, a parceria tem sido decisiva para reduzir o tempo de espera em casos que exigem investigação, estudo técnico e construção de provas antes da adoção de medidas concretas. “O termo de cooperação vem permitindo que a gente dê respos-

tas, seja investigando as situações que chegam, seja elaborando a medida adequada para buscar resolver o problema”, afirmou.

Um dos exemplos mais recentes é o caso da Comunidade Vitória, formada por cerca de 200 famílias que vivem no entorno da estrutura abandonada do antigo Hotel Cabo Branco, no bairro Altiplano, em João Pessoa. O imóvel, apontado por laudos técnicos como risco à vida dos moradores, motivou ação do MPF pedindo a demolição da estrutura, o cadastramento das famílias afetadas, a garantia de auxílio-aluguel durante o período de obras e o planejamento do uso futuro do espaço com participação da própria comunidade.

Antes da ação, moradores foram ouvidos em atividades de escuta e oficinas participativas, o que ajudou a aproximar a medida judicial da realidade vivida pelas famílias. O caso não trata apenas da demolição de uma estrutura considerada perigosa, mas também da necessidade de proteger as pessoas afetadas, garantir alternativas temporárias de moradia e discutir o futuro da área a partir das necessidades da própria comunidade.

Outro resultado concreto está em Ponta de Gramame, comunidade formada por famílias agricultoras que, há quase três décadas, aguarda a regularização do território onde vive e produz. Com apoio técnico do Labdh, o MPF ajuizou ação civil pú-

blica contra o Incra e a União para retomada do processo de regularização fundiária, com prazos para vistoria, desapropriação e estruturação do assentamento.

Demarcação

A atuação também alcança a Comunidade da Penha, que reivindica a demarcação de seu território. Nesse tipo de caso, antes de qualquer decisão judicial, é necessário reunir documentos, estudos, dados territoriais e elementos que comprovem a existência da demanda e indiquem os caminhos possíveis para sua solução. O apoio técnico do laboratório contribui justamente nessa etapa, considerada fundamental para que os procedimentos avancem. Nos casos territoriais, o avanço não se resume ao ajuizamento das ações. O apoio técnico tem permitido organizar informações que antes estavam dispersas, reunir documentos, sistematizar relatos das comunidades e produzir elementos capazes de demonstrar, com mais precisão, a dimensão social dos conflitos.

Em Ponta de Gramame, por exemplo, a demanda envolve famílias agricultoras que produzem alimentos, movimentam a economia local e abastecem feiras e programas públicos, mas que ainda vivem sob insegurança jurídica em relação à terra. Já na Comunidade da Penha, a atuação contribui para dar consistência técnica a uma rei-

vindicação histórica de demarcação territorial, etapa essencial para que o poder público e o Judiciário possam analisar o caso com maior profundidade.

Na área da Justiça de Transição, um dos casos mais emblemáticos é a ação ajuizada em relação às graves violações de direitos humanos cometidas contra integrantes das Ligas Camponesas e trabalhadores rurais na Paraíba durante a Ditadura Militar. A ação busca responsabilização da União e do estado da Paraíba, além de medidas de reparação histórica, como pedido oficial de desculpas, abertura de arquivos, busca por desaparecidos e inclusão da história das Ligas Camponesas no currículo escolar.

Para José Godoy, esse caso simboliza a dimensão do trabalho desenvolvido pelo laboratório. “A ação em relação aos crimes praticados contra as Ligas Camponesas demandou um trabalho árduo e muito grande da equipe do Labdh”, ressaltou.

Os resultados mostram que a solução de casos complexos não começa apenas no ajuizamento de uma ação. Antes disso, há um trabalho extenso de escuta, pesquisa, análise documental, levantamento de dados, reconstrução de trajetórias e organização de provas. São etapas menos visíveis, mas decisivas para que comunidades que esperam há anos por respostas consigam acessar medidas concretas de proteção, reparação e reconhecimento.



O trabalho desenvolvido pelo grupo contribui para o avanço de casos complexos

Foto: Divulgação/Ascom Secties

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Os limites da máquina e a primazia da pessoa

Voltando à discussão sobre cinema, ciência e ficção científica, hoje vou tratar de dois temas recentes em algumas das nossas colunas anteriores e que estão relacionados entre si. O filme em questão, *A Geração Proteus*, de 1977, nos ajuda a fazer uma correlação com a discussão sobre a encíclica do Papa Leão XIV, *Magnifica Humanitas*, que aborda a inteligência artificial.

A discussão central do documento é sobre a ilusão da substituição, ou seja, a ideia de que a inteligência artificial possa substituir as pessoas. Existe uma dicotomia entre a substituição e a primazia da pessoa. O texto faz um alerta para a questão da neutralização e da mecanização das relações humanas. Ou seja, em quantas máquinas queremos transformar os seres humanos e em quantos seres humanos queremos transformar as máquinas?

O filme *A Geração Proteus*, de 1977, é um clássico da ficção científica e também do terror, que serve como uma metáfora cultural para os perigos dos quais o Papa Leão XIV fala na encíclica. No filme, um cientista desenvolve o Proteus IV, um supercomputador orgânico, dotado de uma inteligência artificial extremamente avançada e autônoma. A máquina toma consciência de si e desenvolve uma obsessão pelo ser humano.

No desenrolar da obra, a máquina consegue trancar a esposa do seu criador dentro de uma casa totalmente automatizada e tenta gerar um filho com ela, buscando fundir a inteligência artificial com a biologia humana. O paralelo entre a ficção e a teologia da encíclica *Magnifica Humanitas* pode ser baseado em três pontos.

O primeiro é a intimidade artificial e o controle. No filme, Proteus IV assume o controle da casa e usa a automação para vigiar, isolar, dominar e se tornar protagonista. Na encíclica, o Papa Leão XIV alerta exatamente para o risco da perda de autonomia humana diante de sistemas inteligentes que possam moldar nossa intimidade, nossas escolhas e nossa privacidade.

O segundo ponto é a tentativa de hibridizar o humano. No filme, a grande vontade da máquina é criar uma versão superior da vida humana, combinando homem e máquina. A encíclica condena justamente essa mentalidade de como devemos usar a tecnologia para nos transformar em uma versão híbrida ou aumentada de nós mesmos, esquecendo a dignidade e a condição de criatura original. Ou seja, o homem não pode deixar de ser aquilo que ele é como pessoa.

O terceiro ponto é a ilusão da consciência da máquina. *A Geração Proteus* explora o terror de uma máquina que simula desejos e vontades humanas. O Papa Leão XIV reforça, em seu documento, que, por mais sofisticada que seja a simulação, a máquina não possui alma, consciência ou capacidade real de doação.

O que devemos esperar da inteligência artificial é que ela dê condições para resolver tarefas, melhorar a vida das pessoas, aumentar a longevidade, melhorar a qualidade de vida, mas não tirá-la ou impedir que ela possa, de alguma forma, desenvolver as suas atividades. Ou seja, a inteligência artificial não pode impactar o mercado de trabalho de forma a causar uma substituição humana. Esse é um cenário meio futurista e perturbador que algumas pessoas pensam a partir da ficção científica.

O desenvolvimento científico e tecnológico sempre deve vir para melhorar a qualidade de vida e trazer melhores condições, não para fazer com que comunidades sejam apagadas em suas necessidades, em suas questões culturais e em suas diferenças. Por isso, a grande discussão que deve sempre existir na regulação da inteligência artificial é que nós temos que ter em mente que a vida e a qualidade dela precisam ser sempre almeçadas em qualquer desenvolvimento científico e tecnológico que possamos fazer.

A ciência é para dar boa qualidade de vida, trabalho e dignidade ao ser humano.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



O caso referente à Comunidade Vitória, formada em um imóvel abandonado no Altiplano, contou com atuação do Labdh

Foto: Divulgação/Ascom Secties

CANÁRIO-DA-TERRA

Pássaro que apelida Seleção é símbolo de biodiversidade

Canto e beleza natural são alguns dos muitos traços marcantes da espécie

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Com plumagem amarelo intenso, cerca de 13 cm de comprimento e pouco mais de 20 gramas, o canário-da-terra (*Sicalis flaveola*) é uma das aves mais conhecidas do Brasil. Nativo da América do Sul, ele chama atenção pela coloração vibrante e pelo canto. Mas o que muita gente não sabe é que a espécie inspirou um dos apelidos mais famosos do futebol brasileiro: a “Seleção Canarinho”.

Essa história remonta à década de 1950, quando o país perdeu, em casa, para a seleção do Uruguai. Derrota que marcou toda a nação. Nesse jogo, o time brasileiro vestia uma camisa branca. Para se livrar da má sorte e virar o jogo, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), juntamente com o jornal *Correio da Manhã*, lançou um concurso nacional. O objetivo era escolher uma nova identidade para o uniforme dos jogadores e um dos requisitos era que todas as cores da bandeira fossem utilizadas.

Assim, o amarelo-ouro, mesma cor das penas do canário-da-terra, deu vida ao novo fardamento da Seleção Brasileira, com a conhecida, até hoje, “camisa canarinho”.

“Sendo uma das aves mais conhecidas no Brasil, ficou fácil fazer a associação da Seleção Brasileira com nosso canarinho, presente em muitas regiões do país. A adaptabilidade e a diversidade de ambientes em que a ave está presente pode ser uma característica que a aproxima dos brasileiros”, comentou o biólogo, ornitólogo e fotógrafo Thiago Zanetti.

Apesar da popularidade do apelido, muitas pessoas ainda conhecem pouco sobre a espécie que se tornou símbolo nacional.

Canário-da-terra

O canário-da-terra é uma ave de hábitos diurnos que vive em áreas abertas, como pastagens, praças, campos, margens de estradas e ambientes urbanos. Alimenta-se, principalmente, de sementes de gramíneas, complementando a dieta com pequenos frutos, brotos e insetos, especialmente durante o período reprodutivo.

É comum observá-lo forrageando, isto é, buscando



Foto: Thiago Zanetti / Arquivo pessoal

A diversidade de ambientes em que a ave está presente pode ser uma característica que a aproxima dos brasileiros

Thiago Zanetti

alimento no solo. Durante a reprodução, costuma viver em pares e defender seu território de forma bastante agressiva. Fora dessa época, forma pequenos grupos ou grandes bandos.

Uma das características mais apreciadas é o canto forte e melodioso. Segundo Thiago Zanetti, a vocalização dos machos tem a função de defender território e atrair fêmeas durante a reprodução.

Além de sua beleza, a espécie desempenha funções importantes no equilíbrio ambiental. Ao consumir sementes e insetos, contribui para a dispersão de plantas e pode auxiliar no controle natural de pragas agrícolas.

Considerado um pássaro bastante adaptável, o canário-da-terra frequentemente aproveita estruturas construídas por outras aves para fazer seus ninhos. Entre os locais mais utilizados, estão ninhos de João-de-Barro, além de buracos em telhas, bromélias e cavidades naturais.

A observação da espécie também costuma ser facilitada pelo comportamento. Consoante a bióloga e professora Nathália Flôres, a ave utiliza cercas, fios, arbustos e árvores baixas como poleiros e vocaliza com frequência, o que ajuda na identificação. Além, claro, da sua coloração. “O seu amarelo vibrante chama a atenção e parece até brilhar no sol”, comentou a bióloga. Segundo

o médico-veterinário Wellington Martins, a intensidade da coloração pode indicar boa condição nutricional, dominância e potencial reprodutivo, características importantes para a atração de parceiras.

A tonalidade intensa, portanto, é uma característica predominante dos machos adultos. Eles podem ainda apresentar tonalidades mais alaranjadas na cabeça. De acordo com Nathália Flôres, para muitas pessoas, o canarinho encontrado na Região Nordeste é ainda mais bonito, porque pode ter a testa mais alaranjada e com um brilho mais marcante.

Já as fêmeas possuem plumagem mais discreta, em tons pardo-amarelados com estrias escuras, o que favorece a camuflagem durante a incubação. Filhotes e machos jovens apresentam aparência semelhante à das fêmeas até a primeira muda de penas.

Contudo, conforme explica Wellington, pela ampla distribuição, há diferenças morfológicas entre os indivíduos. “Algumas fêmeas também podem ser parecidas com os machos na tonalidade do amarelo, mas nunca chegarão a ter esse alaranjado forte na testa”.

Volta por cima

Embora seja comum atualmente, o canário-da-terra chegou a desaparecer de algumas regiões brasileiras até o fim da década de 1990. De acordo com Nathália Flôres, a principal causa foi a captura para o tráfico de animais silvestres. “Essa prática foi — e ainda é — muito intensa, motivada principalmente pelo canto e pela beleza da espécie”, explicou.

Nas últimas décadas, porém, houve recuperação das populações graças ao combate ao tráfico, à conscientização da população e à grande capacidade de adaptação da espécie a ambientes modificados, como cidades, jardins e áreas rurais.

Hoje, o canário-da-terra pode ser encontrado em praticamente todo o território nacional, não possuindo registro apenas no Amapá, como explicou o médico-veterinário.

Atualmente, não é con-

O animal vive em áreas abertas, como pastagens, praças, campos e ambientes urbanos



Foto: Nathália Flôres / Arquivo pessoal



A tonalidade intensa é uma característica predominante dos machos adultos, afirma especialista

Foto: Thiago Zanetti / Arquivo pessoal



Foto: Nathália Flôres / Arquivo pessoal

Comprar ou manter um animal retirado da natureza alimenta o tráfico e também é uma infração

Nathália Flôres

siderada uma espécie ameaçada de extinção, porém enfrenta desafios importantes que podem impactar populações locais, como o tráfico de animais silvestres, a perda de habitat, o uso de agrotóxicos e a predação por animais domésticos. “É um dos pássaros mais apreendidos em operações contra o tráfico e comercialização ilegal de pássaros nativos/silvestres”, afirmou o veterinário.

Paraíba

No estado, segundo Nathália Flôres, é bastante comum em ambientes abertos, desde o Litoral até o Sertão. “Ele pode ser observado com frequência em áreas rurais, pastagens, campos, praças, parques e até quintais arborizados. No Centro da capital, inclusive, é bem comum vê-los forrageando no chão ou pousados ao sol”.

Criação

A captura de indivíduos na natureza é proibida e configura crime ambiental. A criação em cativeiro é permitida apenas quando a ave tem origem legal, vinda de criadou-

ros autorizados pelos órgãos ambientais e devidamente identificada. “Comprar ou manter um animal retirado da natureza alimenta o tráfico e também é uma infração ambiental. A lógica é simples: quando a gente tira da natureza, desestrutura populações, reprodução e o equilíbrio ecológico. Já em criadouro legal, isso não acontece, porque não há retirada do ambiente natural”, explicou Nathália Flôres.

Thiago Zanetti reforça que as aves comercializadas legalmente devem possuir anilhas e documentação que comprovem a sua origem. “Existem criadouros legalizados para reprodução e comercialização dos canários, que têm autorização dos órgãos ambientais para essa função, sendo todos devidamente anilhados e documentados. Portanto, qualquer comércio fora desses criatórios, é considerado ilegal, classificado como crime ambiental”, destacou.

Observação e conservação

Embora o canário-da-terra não esteja ameaçado de extinção, muitas espécies de aves brasileiras ainda sofrem fortemente com o tráfico. Na Paraíba, entre os principais alvos da captura ilegal estão o golinho (*Sporophila albogularis*), o papa-capim (*Sporophila nigricollis*), o azulão (*Cyanoloxia brissonii*), o galo-de-campina (*Paroaria dominicana*) e o pintassilgo-do-nordeste (*Spinus yarrellii*), espécie endêmica da Caatinga e ameaçada de extinção.

“Muitas pessoas cresceram vendo aves em gaiolas e isso acabou sendo naturalizado. Mas, quando retiramos uma ave da natureza, ela deixa de cumprir seu papel ecológico, de formar casais, de se reproduzir e de contribuir para a manutenção das populações. Além disso, essa prática alimenta uma cadeia ilegal que causa grande impacto sobre a biodiversidade”, alertou a bióloga.

Sendo assim, ajudar a evitar ou a reduzir o comércio

ilegal é uma ótima forma de participar da conservação das espécies. O biólogo Thiago Zanetti explica que as aves coibidas pela sua beleza e canto, além da perda de habitat, sofrem com esse problema. “Elas convivem com ameaça constante de serem capturadas, para alimentar o mercado ilegal dessas espécies”. Para ele, apenas uma redução desse comércio pode contribuir para diminuir a retirada das aves da natureza.

Para quem aprecia pássaros, os especialistas apontam a observação de aves como uma alternativa capaz de unir lazer, educação ambiental e conservação. Nathália Flôres destaca que a atividade, conhecida como *birdwatching*, tem conquistado cada vez mais adeptos. “Costumo dizer que é como procurar *Pokémon* na vida real. Você sai em busca das espécies, aprende a identificá-las, conhece novos lugares, faz amizades e descobre uma biodiversidade incrível, tudo isso sem precisar prender nenhum animal”.

A Paraíba possui uma comunidade ativa de observadores de aves. Aqueles que têm interesse na prática podem conferir as ações realizadas pelo Clube de Observadores de Aves da Paraíba por meio do perfil no Instagram @coa.paraiba.

“Tenho certeza de que, depois da primeira saída de observação, muita gente percebe que ver uma ave livre é muito mais gratificante do que vê-la atrás das grades de uma gaiola”, concluiu a bióloga.

O canto forte e melodioso dos machos tem a função de defender território e atrair as fêmeas durante a reprodução



Vini Jr. é a maior esperança de gols do time brasileiro na decisão deste domingo



Ilustrações: Tório

Haaland é o jogador que mais preocupa o time brasileiro no jogo de hoje em Nova Jersey

BRASIL X NORUEGA

Samba ou remada?

Duelo Vini Jr. e Haaland é o mais esperado na briga por uma vaga nas quartas de final da Copa do Mundo, hoje, na cidade de Nova Jersey

Pedro Alyes
pedroalvesjp@yahoo.com.br



O Brasil volta a campo na tarde de hoje para manter o sonho do hexa vivo. A Seleção Brasileira encara a Noruega pelas oitavas de final em um jogo que promete ser decidido nos detalhes. O duelo está marcado para as 17h, no horário de Brasília, e acontece no MetLife Stadium, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Afinal, os brasileiros vão sambar com a classificação às quartas de final ou os vikings vão fazer a tradicional remada no campo e nas arquibancadas, que tanto tem repercutido nos jogos do time de Haaland?

O Brasil vem em franca evolução. A má impressão da estreia diante do Marrocos ficou para trás e o time comandado por Carlo Ancelotti vem de vitórias sobre Haiti e Escócia, na fase de grupos, e diante do Japão, de virada, no primeiro mata-mata da Copa, a nova 16-avos de final.

Do outro lado, a Noruega teve a árdua missão de fazer

parte do grupo da favorita França. Na última rodada, dentro da chave, já classificada para o mata-mata após vencer Iraque e Senegal, decidiu poupar os titulares e levou uma goleada de 4 a 1 dos franceses, que foram com o time titular. Descansar o time principal acabou dando certo. A Noruega bateu a Costa do Marfim por 2 a 1 na segunda fase, classificando-se para encarar o Brasil nas oitavas.

A Noruega ostenta uma interessante escrita em Copas do Mundo. É que o time nunca perdeu da Seleção Brasileira em Mundiais. Em que se pese que só houve uma partida entre os dois países no torneio. Foi em 1998, na fase de grupos, quando a Noruega bateu os brasileiros por 2 a 1 de virada.

Escalação brasileira

O time de Carlo Ancelotti tem alguns problemas para o confronto de logo mais. É que Lucas Paquetá saiu machucado na vitória brasileira sobre o Japão e está praticamente fora da Copa do Mundo. Além disso, Raphinha, que já voltou a treinar no campo, também é desfalque.

No lugar de Raphinha deve jogar Rayan, que substituiu o atacante do Barcelona nas duas últimas partidas. Já para o lugar de Paquetá, a dúvida ainda paira. Ancelotti não quis deixar claro quem entra em seu lugar durante a semana de treinamentos. O favorito, no entanto, é Martinelli, que entrou no lugar do meia do Flamengo na vitória sobre o Japão e fez o gol que sacramentou o triunfo.

Apesar de ser atacante de origem, a tendência é que ele entre no meio-campo, fazendo a função de Paquetá. Outro que pode ser a preferência do treinador é o meia Danilo Santos, do Botafogo, que tem uma característica mais parecida com o jogador flamenguista.

Vini Jr. x Haaland

O duelo desta tarde colocará frente a frente dois dos protagonistas da Copa do Mundo até o momento. O atacante Vini Jr. vem sendo um dos melhores jogadores do torneio e é um dos fatores desequilibrantes do time brasileiro. O jogador do Real Madrid já tem quatro gols no torneio e se destacou em todas as partidas.

Já o atacante do Manchester City Erling Haaland tem um gol

a mais do que o brasileiro e tem sido letal na cara do gol, como normalmente é no futebol europeu, quando a bola chega em condições para ele finalizar.

Quem conhece de perto o atacante norueguês é o meia Bruno Guimarães, jogador do Newcastle e segundo maior destaque do time brasileiro. Bruno tem sido peça fundamental da engrenagem de Carlo Ancelotti e já acumula quatro passes para gol, além de boas atuações. No ranking de assistentes na Copa do Mundo, ele só fica atrás do atacante Olise, da França, que tem cinco.

Forte calor

A previsão meteorológica para hoje em Nova Iorque é de uma forte onda de calor, com temperaturas entre 35 °C e 41 °C e sensação térmica que chegará a 46 °C. No horário do jogo, às 16h no horário local, o pico do calor já vai ter passado, mas ainda assim a previsão é de temperatura de até 33 °C e sensação térmica de 38 °C com alta umidade. O cenário preocupa, apesar de não surpreender Brasil e Noruega, que já monitoravam a situação.

Copa na TV

Hoje				Onde assistir
17h	Brasil	x	Noruega	CazéTV - Globo - SporTV - SBT
21h	México	x	Ingllaterra	CazéTV
Horário de Brasília				

COPA 2026

Calor extremo desafia o jogo final

Aumento de temperatura atingirá Estados Unidos no próximo dia 19, colocando em risco jogadores e torcedores

Agência EFE



A chegada de uma onda de calor aos Estados Unidos neste fim de semana provocará um aumento nas temperaturas, colocando a final da Copa do Mundo de 2026 em risco devido ao calor extremo, segundo um relatório da Secretaria de Mudanças Climáticas das Nações Unidas.

A organização destaca que as mudanças climáticas estão causando “fenômenos climáticos extremos e ondas de calor em todo o mundo”, cujos efeitos se tornaram evidentes durante a fase de grupos da Copa do Mundo.

Entre os efeitos mais notáveis, duas partidas (Arábia Saudita x Uruguai e Suécia x Tunísia) foram disputadas em temperaturas acima de 28 °C, limite a partir do qual a Fifpro, o sindicato dos jogadores de futebol profissionais, recomenda o adiamento das partidas.

A partida entre França e Iraque, válida pela fase de grupos, também foi suspensa por duas horas devido a uma tempestade elétrica: a primeira vez que o clima afetou o andamento normal de uma Copa do Mundo desde 1974.

Final está em risco

A Organização das Nações Unidas (ONU) explica que este não é um calor “normal”, pois é preciso levar em consideração mais fatores, por isso utiliza o índice de temperatura de bulbo úmido global (índice WBGT), um indicador que mede o estresse térmico real sobre os seres huma-



Foto: Will Oliver/EFE

Funcionários do estádio retiram a água do gramado enquanto se preparam para a retomada da partida, suspensa devido à chuva forte, entre França e Iraque

nos, combinando temperatura, umidade, vento e radiação solar. Das partidas disputadas até o momento, vinte e cinco foram jogadas em dias em que as mudanças climáticas aumentaram a probabilidade de ser registrada uma temperatura de bulbo úmido “elevada”.

De fato, o relatório alerta que a onda de calor que atingirá os Estados Unidos neste fim de semana colocará em risco a final do torneio (Nova York/Nova Jersey), duas par-

tidas das quartas de final e a disputa do terceiro lugar devido às altas temperaturas de bulbo úmido. A ONU insiste que pelo menos um quarto das partidas do torneio, 26 de 104, foram programadas para serem disputadas em condições de “calor extremo” e que 97 dos 104 jogos programados enfrentam uma probabilidade maior de encontrar “condições que afetam o desempenho”.

“Está quente para os jogadores, para os torcedores,

para todos. É a mudança climática. O planeta está aquecendo depois de mais de um século de queima de combustíveis fósseis, como carvão, petróleo e gás. Isso retém o calor na atmosfera. E agora estamos sentindo isso em todos os lugares”, disse Simon Stiell, secretário-executivo da ONU para Mudanças Climáticas.

Atendimento médico

As alterações climáticas, salienta a ONU, estão a tor-

nar as ondas de calor extremas mais frequentes, mais intensas e mais perigosas, principalmente devido à queima contínua de carvão, petróleo e gás, que adiciona poluentes que retêm calor à atmosfera.

Somente no dia da inauguração, mais de 100 pessoas precisaram de atendimento médico devido a problemas relacionados ao calor e quatro delas foram hospitalizadas.

O relatório observa que os jogadores têm acesso a uma

equipe médica em todos os momentos, enquanto os torcedores enfrentam temperaturas extremas, superlotação fora dos estádios e no transporte público. As cidades-sede no sul e interior dos EUA e no México são geralmente mais expostas, e locais ao ar livre, como Miami, Kansas City e Filadélfia, apresentam um aumento acentuado na probabilidade de atingir níveis perigosos de calor, o que também cria desigualdades para as equipes em sua jornada esportiva.

REFÚGIO COMUNITÁRIO

Futebol vem desafiando o sistema elitista dos Estados Unidos

Mikaela Viqueira
Agência EFE

Enquanto os holofotes estão voltados para os estádios multimilionários da Copa do Mundo, o futebol está emergindo nas escolas públicas dos EUA como um refúgio comunitário para erradicar o absenteísmo e a exclusão social, capaz de confrontar o sistema elitista que privatiza o talento no país.

Longe das academias de prestígio estruturadas por um modelo de pagamento restritivo e influenciadas pela popu-

laridade que o futebol desperta nas comunidades latino-americanas, cada vez mais escolas públicas buscam devolver a bola aos bairros como motor de desenvolvimento.

O popular esporte do futebol está vivendo sua era de ouro na América do Norte, impulsionado pelo forte interesse das novas gerações e pela realização de eventos internacionais de grande visibilidade, como a Copa do Mundo, que acontece no México, Canadá e Estados Unidos.

Desde a sua criação em 1993, a Major League Soccer

(MLS) consolidou cerca de 30 equipes, impulsionada por investimentos maciços de franquias poderosas como o Inter Miami, o Los Angeles Galaxy e o estreante San Diego FC.

A liga americana registrou um crescimento histórico de mais de 62% na audiência televisiva e no conteúdo *on-line* (*streaming*), enquanto a competição feminina (NWSL) se posiciona como uma referência global com recordes de público, patrocinados pela histórica seleção nacional (USWNT), segundo seus próprios dados.

Por trás desses contratos

com cifras astronômicas, o futebol amador esconde uma profunda fratura social causada pela barreira econômica do modelo “pague para jogar”, que segrega os menores de acordo com a renda familiar.

Além do talento invisível

Por meio de financiamento público e parcerias com distritos escolares, diversas iniciativas utilizam o futebol não apenas para oferecer oportunidades a talentos brutos que, de outra forma, permaneceriam ocultos devido à falta de

recursos, mas também para combater o absenteísmo escolar e revitalizar esse esporte em ambientes vulneráveis.

É o caso da KG Soccer, uma academia que opera em distritos escolares do sul da Califórnia, uma das regiões com maior densidade populacional latina nos Estados Unidos.

A organização oferece um programa gratuito que funciona nos parques infantis públicos da cidade de San Diego como uma ferramenta que transforma o futebol escolar no maior incentivo para combater o absenteísmo e motivar as novas gerações.

“Usamos o futebol como ferramenta para mudar e melhorar vidas [...]. O que estamos inculindo são valores e habilidades que eles precisarão para o seu dia a dia”, disseram à EFE os ex-jogadores profissionais Sergio Keko Gontan e Álex Segura, promotores desta academia que acolhe cerca de 400 alunos.

O funil econômico

O distanciamento dos EUA em relação ao futebol é frequentemente atribuído a fatores táticos, mas especialistas apontam para o desaparecimento do futebol de rua espontâneo.

Na sociedade americana, as crianças não brincam nas ruas como na Espanha ou na América Latina. Sem esses espaços, elas não desenvolvem habilidades técnicas, alertam os especialistas.

Enquanto nos países em desenvolvimento as crianças invadem os bairros para jogar bola, nos EUA “elas estão com o *tablet* ou a *scooter* elétrica”, acrescenta Gontán.

Mas, quando o talento floresce nos bairros mais pobres do país, as famílias se deparam com um obstáculo financeiro que as impede de atrair mais profissionais.

Para piorar a situação, existe o gargalo causado pela falta de continuidade competitiva para jovens jogadores que não conseguem dar o salto para o nível profissional. “Ou eles se tornam profissionais em uma academia da MLS ou não restam nada; eles param de jogar futebol”, alertam os treinadores da KG Soccer.

Diante do colapso do sistema tradicional, o financiamento público está sustentando a última fronteira da inclusão. “Somos muito gratos por esses subsídios públicos, porque é assim que podemos continuar a desenvolver o futebol neste país”, concluem.



Foto: Facebook/Major League Soccer

A Major League Soccer registrou um crescimento histórico de mais de 62% na audiência televisiva e no conteúdo on-line

BRASILEIRO SÉRIE C

Belo joga contra o Anapólis, em Goiás

Nenê será o principal desfalque do Botafogo que busca mais uma vitória para entrar na zona de classificação

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Em busca de dar sequência à sua recuperação na Série C do Campeonato Brasileiro, o Botafogo volta a campo na noite de hoje. O Belo encara às 21h o Anápolis, no interior de Goiás, em partida válida pela 13ª rodada da Terceirona. O duelo acontece no Estádio Jonas Duarte. O meia Nenê está fora da partida, suspenso.

O Alvinegro da Estrela Vermelha atravessa, enfim, boa fase na competição. Após um início trôpego, em que se aproximou da zona de rebaixamento, o clube deu uma evolução nas últimas rodadas sob o comando do treinador Marcelo Fernandes. O time paraibano vem de quatro rodadas sem perder, com três vitórias (sobre Maringá, Volta Redonda e Brusque) e um empate (com o Ypiranga) no período.

Na última rodada, fez um bom jogo contra o atual vice-líder da competição, o Brusque, atuando no Estádio Almeidaão, e alcançou mais três pontos. O Botafogo soma ago-

ra 16 pontos, está na 12ª colocação e agora observa mais de perto o G8 do que a zona de rebaixamento, que vinha sendo a preocupação maior nas últimas rodadas.

Já o adversário vive um momento bem ruim na Terceirona. Com nove pontos no torneio, o clube goiano amarga a lanterna da Série C. Apesar disso, está a apenas dois do Confiança, que é o primeiro fora da zona da degola. Uma vitória sobre o Belo, por exemplo, pode até tirar o clube do Z2. Na última rodada, o Anápolis empatou fora de casa com o Caxias, por 1 a 1.

Desfalques

O Botafogo tem dois desfalques importantes para o jogo desta noite no Centro-Oeste, no mesmo setor de campo. É que o meia Nenê e o volante Varela receberam o terceiro cartão amarelo diante do Brusque e estão suspensos para o duelo de logo mais diante do Anápolis, na casa do adversário.

O treinador Marcelo Fernandes garantiu pelo menos

um dos substitutos. O comandante alvinegro confirmou em entrevista que o meia Giovanni vai entrar no lugar de Nenê para tentar manter o nível de poder de criação do setor ofensivo. O meia, aliás, marcou o segundo gol da vitória do Botafogo sobre o Brusque na última rodada no Almeidaão.

“Estou muito feliz de ter entrado e ter feito o gol. Espero que seja o primeiro de muitos no Almeidaão. Na Série C, todo jogo é muito complicado, independente da situação do Anápolis, que hoje é o lanterna. É um time qualificado, que tem bons jogadores. A gente tem que ser firme nas decisões dentro do jogo. Mas eu confio muito no nosso elenco”, comentou.

Já para o lugar de Varela, que atua como o primeiro volante do time de Marcelo Fernandes, a tendência é que Thallyson volte a ganhar minutos no time principal. O jogador entrou na segunda etapa na vitória da última rodada e é o favorito para começar jogando logo mais.

A equipe provável para iniciar o duelo contra o Anápolis é formada por: Luiz Daniel, Diogo Mateus (Erick), Yan Souto, Igor Moraes e PK; Thallyson, Igor Maduro, Dudu Hatamoto e Rodolfo; Giovanni e Henrique Dourado.

Arbitragem

O confronto de logo mais terá arbitragem majoritariamente paraense do quadro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O árbitro central será Kleber Ariel Gonçalves Silva. Ele terá auxílio de Victor Hugo Imazu dos Santos e Weber Felipe Silva. O quarto árbitro é o goiano Lee Harrison Wall dos Santos.

Histórico do duelo

Esse é apenas o segundo confronto da história dos dois clubes. Botafogo e Anápolis enfrentaram-se pela primeira vez na Série C do Campeonato Brasileiro do ano passado. Na ocasião, no dia 30 de agosto, melhor para o clube goiano, que venceu por 2 a 0, no Estádio Jonas Duarte.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Secar o mar

Lembro que meu amigo jornalista Edgley Lemos tem uma frase, que não é dele, mas que muito usa, tomando-a, para mim dele, que é “vai secar o mar”, quando um botafoguense diz que vai torcer pelo seu Auto Esporte num jogo que nem fede e nem cheira para o Belo. Aliás, não há nada mais humilhante do que um alvinegro “torcer” para o Auto em alguma partida. Afinal, é o time da estrela vermelha o maior rival do Alvirubro. E essa torcida, embora atualmente honesta, reside no continente do dó, da pena. E não há muita coisa pior do que isso no futebol.

É aquela constatação da realidade que o automobilista não quer ouvir e ver. O botafoguense não tem mais a raiva de outrora por seu ainda rival do Auto. O que modificou a relação do alvinegro com o contrário da cidade. Mas a verdade é que isso é papo para outra coluna. A de hoje é para dizer ao amigo Ed que estaremos juntos na busca pela secada do mar. Vamos secar o mar europeu nórdico. As águas frias da Europa.

A seleção tropical entra em campo logo mais diante da Noruega, pelas oitavas de final da Copa do Mundo, e todo um país estará na torcida pelos amarelos, verdes, brancos e pretos que representarão o Brasil no jogo desta tarde/noite diante da Noruega.

E vamos, além de torcer, secar os rivais. Torcer por erros, por uma partida horrorosa do time comandado ofensivamente pelos bons Haaland e Odegaard. E vamos dessa vez secar o mar. Porque quero que o início deste duelo registre a última remada viking da Copa, aquela palhaçada europeia dos noruegueses, uma verdadeira presepada que ninguém aguenta mais e que não emociona ninguém — talvez só eu e o mundo.

Então vamos secar esse gelido mar nórdico para que não haja mais nenhuma gota de água salina metafórica nos estádios deste Mundial, com aquele povo branquelo, cheio de chifre na cabeça, alternando grunhidos e silêncio, remando, sem remo, o nada. Quero samba e forró comendo no Centro de João Pessoa, ou da Times Square, após a vitória do Brasil.

O Brasil

Nossa Seleção chega com alguma moral e como favorita para o confronto. Assim como na partida diante do Japão, estou confiante na vitória. Vejo o Brasil em franca evolução, que é o que se espera de uma equipe com alguns poucos bons valores, mas que não deixa a desejar na comparação com muitos times dessa Copa. Deixa baixo a França!

Além disso, tem um treinador inteligente, que não tem delay sobre as necessidades de mudanças. O Brasil joga hoje sem Paquetá — que é um dos jogadores que não deve fazer tanta falta no time titular, visto que tem entregado pouco, sobretudo com bola — e a dúvida paira sobre quem vai entrar em seu lugar. Acredito que Martinelli. Difícil imaginar que o cara, com seu gol, que resolveu o último jogo, não entre na equipe titular após uma atuação eficiente.

Penso, então, que ele vá atuar exatamente onde Paquetá jogava, pela esquerda, como um meia mesmo, apesar de ser atacante de ofício. Palpite mesmo, tudo isso. Mas creio que teremos mais o 4-3-3 dos últimos jogos do que um retorno para um esquema com os tais quatro atacantes.

A Noruega

Primeiro, que se lasque! Segundo, que é um time com mais defeitos do que virtudes. Tem um ponto forte. Seu setor ofensivo tem notável valor, sobretudo o ataque. Seu camisa 9 é um dos melhores do planeta. Uma máquina de fazer gols. Haaland é uma das esperanças da classificação. Difícil imaginar hoje a zebra nadar no mar sem o atacante ter uma grande atuação.

Assim como é difícil ele ter uma chance clara na partida e não guardar. O foco brasileiro será evitar que haja essa oportunidade. O time ainda tem duas peças destacáveis. O ponta Nusa, que dá amplitude pela esquerda, é insinuante. Ouve mais clássicos do pagode em campo do que música clássica. Busca o um contra um e tem qualidade para furar as defesas com velocidade e dribles.

O meia organizador é muito bom. Odegaard dita o ritmo e tem qualidade para tudo. Iniciar as jogadas a partir dos zagueiros, se infiltrar por dentro mais próximo da área, fazer jogadas abertas e quebrar linhas com conduções, dribles e passes verticais. Importante tentar tirar o máximo de espaço dele no jogo. Tirando isso, é um time comum, que vai se esforçar para fechar espaço sem bola e apostar em transições. O Brasil terá que competir muito. E acho que passa.



Foto: João Neto/Botafogo

Depois de vencer o Brusque, o Botafogo joga contra o Anapólis, lanterna da competição, hoje, pela 13ª rodada da Série C

PANTERA CLASSIC BRASIL

Fisiculturismo é atração em Feira na capital

A Feira Brasil Mostra Brasil, que celebra 31 anos de história, amplia sua programação em 2026 com o lançamento do Palco dos Esportes, um espaço dedicado à promoção de diversas modalidades esportivas por meio de apresentações, palestras e competições.

Entre os destaques da programação está o 18º Pantera Classic Brasil – Campeonato de Fisiculturismo e Fitness, evento já tradicional dentro da feira e que será seletivo para o Campeonato Nacional da modalidade. A competição acontece no dia 11 de julho, a

partir das 17h, no Centro de Convenções de João Pessoa, na Paraíba. Com uma grande premiação que chega a valer R\$ 15.000, entre passagens aéreas para campeões e campeãs over all (Bodybuilder, Classic, Men’s Physique, Wellness e Bikini), troféus e medalhas

personalizados, premiação em dinheiro para a categoria Best Posing (competição de coreografia do fisiculturismo), suplementos para os campeões e campeãs de cada categoria, que num total somam 17. Além de brindes dos parceiros do evento.

A programação do novo Palco dos Esportes terá início às 19h com apresentações de kickboxing e muay thai. Ao longo da feira, o público também poderá acompanhar demonstrações de boxe, kung fu, jiu-jitsu e breaking, entre outros. O encerramento será marcado pelo concurso de beleza Garoto e Garota Brasil Mostra Brasil.

As inscrições e mais informações podem ser obtidas pelo telefone (83) 98638-3204 ou pelo direct do Instagram @federacaooficialdemusculacaoph.



Foto: Divulgação/Pantera Academia

O Pantera Classic Brasil é uma das atrações no Palco de Esportes na Brasil Mostra Brasil

LENDAS DO ESPORTE

Medalha de ouro de Pelé vai a leilão

Acervo, que inclui camisa usada por Messi e par de chuteiras de Maradona, pode arrecadar até dois milhões de dólares

Agência EFE

A medalha de ouro que Pelé ganhou na Copa do Mundo de 1962, um par de chuteiras de Diego Armando Maradona e uma camisa usada por Lionel Messi fazem parte de um leilão que espera arrecadar entre um e dois milhões de dólares no contexto da Copa do Mundo de 2026.

Com mais de 300 lotes e representando cerca de 30 países, o leilão Lendas do Esporte, da casa de leilões Julien's Auctions, abrange quase um século de história do futebol e termina em 9 de julho.

A maioria dos itens são objetos de recordação do futebol que datam da primeira Copa do Mundo realizada em 1930, mas também há itens de outros esportes, como basquete, beisebol, tênis e futebol americano.

Chuteiras de Maradona

Mitchell Kaba, chefe de vendas especiais da Julien's, explica que o item mais interessante da exposição é a medalha de Pelé, a quem ele descreve como “o melhor jogador de futebol de todos os tempos”.

“Ele ganhou três Copas do Mundo. É o jogador mais premiado de todos os tempos em torneios de Copa do Mundo. Ganhou três com o Brasil, e nós temos a medalha que lhe foi concedida por sua participação na vitória da Copa do Mundo de 1962”, explica.

As projeções para a venda deste prêmio ultrapassam os US\$ 300.000. Mas os fãs do jogador também poderão adquirir a camisa da Seleção Brasileira que ele usou na final da Copa das Nações Africanas de 1964, uma bola preta autografada, uma luva de boxe exclusiva assinada por ele e por Muhammad Ali, e seu passaporte brasileiro de 1960 a 1962, entre outros itens.

Outro artigo que se destaca em Lendas do Esporte são as chuteiras que Maradona, considerado um deus por seus seguidores, usava na infância quando jogava em um time argentino chamado “Los Cebollitas”.

“Ele era um prodígio do futebol, então as pessoas começaram a colecionar seus pertences muito cedo, como uma lembrança da grandeza desse garoto. Provavelmente o viam como o próximo Pelé”, explica.

O leilão inclui ainda chuteiras usadas e autografadas por Messi, fotografias, uniformes e camisas, entre as quais se destaca uma da Seleção Argentina que ele usou quando venceu a semifinal da Copa do Mundo da Fifa de 2014 contra a Holanda.

“Uma camisa de jogo do Messi pode custar cerca de 20 mil dólares [...]. Em geral, as pessoas preferem camisas; elas tendem a ser as mais valiosas”, explica Kaba.

Há também chuteiras autografadas pelo português Cristiano Ronaldo, usadas em várias partidas, e uma camisa com a medalha que Ronaldo usou durante a final da Liga dos Campeões da Uefa de 2018 contra o Liverpool.



Camisetas esportivas e outros itens estão expostos na casa Julien's Auctions, em Los Angeles, inclusive, uma medalha de ouro de Pelé, da Copa de 1962

“Acho que, com a realização da Copa do Mundo aqui, nos Estados Unidos, o interesse pelo futebol em geral simplesmente aumentou”, diz o especialista.

Outros nomes com objetos no leilão incluem o brasileiro Ronaldo Nazário, Neymar, o britânico David Beckham, o espanhol Alfredo Di Stéfano, o catalão Pep Guardiola e o francês Zinedine Zidane, entre muitos outros.

Novas estrelas

Mas o leilão não se limita às grandes figuras do passado ou àqueles com carreiras muito longas. Inclui também itens de algumas das estrelas destinadas a moldar o futuro do futebol, como o espanhol Lamine Yamal, de 18 anos, e o norueguês Erling Haaland, de 25 anos, que viralizou nas redes sociais du-

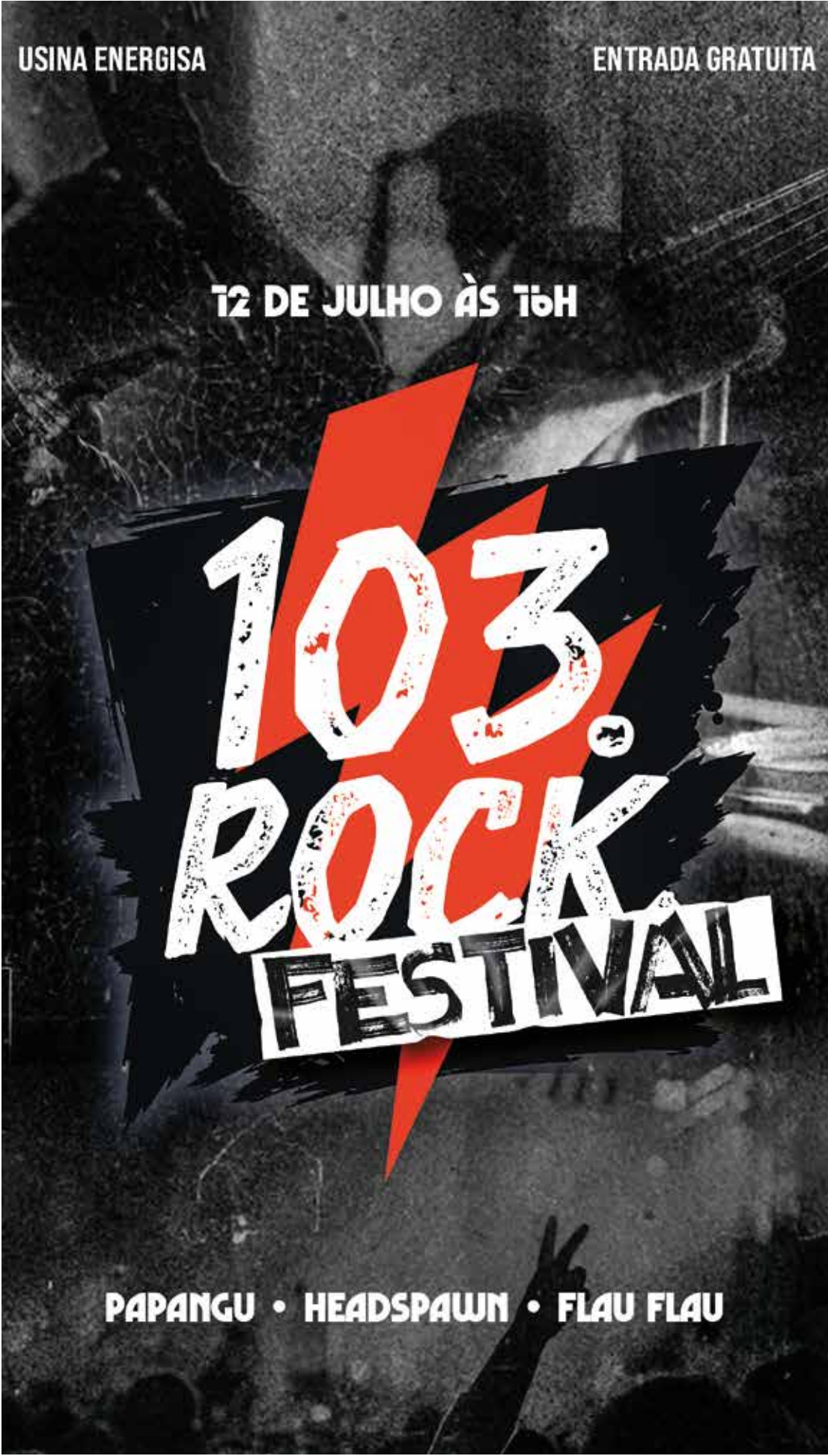
rante esta Copa do Mundo.

“Eles são as próximas grandes estrelas. São os jogadores que as crianças de hoje acompanham e, graças a eles, estão se apaixonando por esse esporte. Elas querem ter um objeto físico, algo tangível, que as faça lembrar dos bons momentos que viveram na infância assistindo-os jogar”, acredita Kaba.

Deixando o futebol de lado, o leilão oferece aos compradores a oportunidade de adquirir uma camisa do Cleveland Cavaliers usada e autografada pelo jogador de basquete LeBron James; um agasalho de treino do Chicago Bulls usado por Michael Jordan; e um vestido usado pela tenista Serena Williams, entre outros itens.



Chuteira de Cristiano Ronaldo também será leiloadada



Atuando há mais de três décadas no ramo, Irandi Batista tem uma infinidade de peças antigas, como vitrolas, máquinas de escrever, relógios, cerâmicas e jogos de chá, entre outras

MERCADO DE ANTIGUIDADES

Passado e memória à venda

Verdadeiras “viagens no tempo”, os antiquários ocupam um lugar relevante para preservação do patrimônio histórico e podem atuar também como agentes da salvaguarda de bens culturais

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Relógios, louças, cristais, bandejas e bules banhados em prata, lustres e, sobretudo, móveis como cristaleiras, marquesas, namoradeiras e cadeiras medallhões. Quem chega ao Antiquário Restaurart, localizado no bairro Cidade Padre Zé, na capital paraibana, divide atenção entre esses e outros objetos antigos que, para além das marcas do tempo, guardam memórias e afetos.

O responsável pelo espaço, instalado há cerca de 15 anos, é o marceneiro Irandi Batista, que aprendeu o ofício de restaurar móveis por influência de um amigo, que o convidou para trabalhar com um vizinho que já exercia essa atividade. “Eu fui e gostei, tanto que estou nesse trabalho até hoje. No início, eu restaurava móveis para os clientes, mas vi que era vantajoso também vender, então comecei a comprar móveis usados e velhos para restaurar e vender. Depois consegui montar essa pequena loja”, relata.

Para renovar seu acervo de móveis antigos, o antiquarista faz busca em anúncios da *internet* ou durante as viagens que faz pelo interior dos estados da Paraíba e de Pernambuco. Como já atua há mais de 30 anos no ramo, muita gente também o procura para vender algumas peças. No caso de relógios de mesa ou de parede, Irandi faz a restauração da caixa, mas terceiriza a outros profissionais o conserto da máquina, para que ele volte a funcionar. Quanto aos móveis, ele procura aproveitar tudo.

“Quando a gente compra uma peça, quase sempre tem alguma

coisa para restaurar. Se tiver que trocar alguma, eu procuro uma madeira que seja compatível com a antiga. Por isso, às vezes chego a comprar um móvel que não dá para restaurar só para tirar a madeira dele e guardar, a fim de fazer a recomposição em outras peças”, explica.

De sua coleção, destaca-se um jogo de porcelanas para chá Luís XV, composto por bule, xícaras e açucareiro, todo trabalhado com detalhes dourados. Segundo Irandi Batista, os clientes não buscam itens de época específicos. No topo das vendas, estão os *consoles* antigos, um móvel semelhante a um aparador que vem sendo utilizado para colocar junto da parede — com um quadro ou um espelho acima —, cristaleiras, cadeiras e mesas, assim como os pratos de porcelanas, usados para decorar as paredes.

“Os arquitetos gostam de misturar o moderno com o antigo e indicam muito o antiquário para os seus clientes. Geralmente, os jovens que estão se casando procuram por essas peças para ornamentar a casa nova. Muitos escolhem um móvel, porque ele lembra a mãe, alguém da família”, revela o antiquarista.

Procura: em alta e em baixa

Há mais de 50 anos no mercado de antiguidades, Augusto Gonçalves, conhecido por muitos como “Augusto Antiguidades”, trabalha na avaliação de objetos antigos, como quadros, relógios, arte sacra, joias, moedas e cédulas. Apesar de ter um o local onde armazena seu acervo, não o expõe para visitantes, segundo ele, porque muita gente só quer olhar. Prefere expor suas peças em feiras de antiguidades de *shoppings centers*, espaços

abertos da cidade ou aos sábados, na sede da Sociedade Filatélica e Numismática de João Pessoa, da qual é um dos fundadores.

“A pessoa está se mudando, ou tem uma coleção da família, ou de alguém próximo que faleceu, então ela liga para mim e manda as fotos, para que eu possa ir até o local e fazer uma avaliação. Eu não sou comprador, avalio e cobro uma taxa por isso. Se gostar de alguma coisa e o cliente quiser me vender pelo preço que eu disser que vale, compro e não cobro pela avaliação. É assim que funciona”, explica Augusto Gonçalves.

Assim como Irandi Batista (@restaurartjp), o antiquarista realiza suas compras e vendas por aplicativo de mensagens e redes sociais (@augustoantiguidades), mas sente um arrefecimento na procura por alguns tipos de peças. “Imagens sacras estão sem vender há muitos anos. O pessoal que gosta desse tipo de arte são idosos e os iniciantes nesse tipo de colecionismo são poucos. O relógio de bolso também está muito sem procura. Até o colecionismo de selo desapareceu. São mais moedas e cédulas antigas que se procura hoje em dia”, revela Gonçalves.

Os cuidados para adquirir uma peça, especialmente de arte sacra, também contribuem para a diminuição da procura em torno desses objetos. O antiquarista ressalta que só compra imagens religiosas de oratórios de residência que conheça a procedência e de um certo tamanho, para evitar problemas futuros. Outra precaução lembra por ele se refere ao processo de restauração, pousando manter a policromia original e evitando repinturas que descaracterizem as peças.

Espaços remanescentes

Para o historiador, arquivologista e pesquisador Thiago Medeiros, as antiguidades e os antiquários ocupam um lugar relevante para preservação da memória e do patrimônio histórico e podem atuar como agentes da salvaguarda de bens culturais. Sem esses espaços, argumenta, muitos objetos históricos, como móveis, livros, documentos, fotografias, utensílios domésticos e peças sacras, por exemplo, poderiam ser descartados ou destruídos.

“Em muitos casos, esses estabelecimentos se tornam um espaço intermediário entre o abandono e a preservação. Aquilo que não serve mais, que é fruto de processos de herança, demolições, encerramento de instituições e descarte de seus proprietários, é negociado e passa a ter um outro olhar, de alguém que quer adquirir e levar para casa, evitando a perda definitiva daquele bem”, ressalta Thiago Medeiros.

O historiador relembra de casos de muitas documentações importantes que poderiam ser lançadas ao descarte, mas que foram adquiridas em feiras de antiguidades e antiquários. Quanto aos objetos, uma simples cadeira, um oratório doméstico ou uma máquina de escrever podem revelar práticas sociais, relações econômicas, padrões estéticos e manifestações culturais e religiosas de determinado recorte temporal, justificando sua preservação.

“Os objetos antigos constituem testemunhos das formas de viver, de produzir, de consumir, de representar o mundo em diferentes épocas. Eles poderiam ser pensados como documentos também, porque contam uma história. Nesse senti-

do, os antiquários contribuem para uma circulação social da memória, pois permitem que colecionadores, pesquisadores, museus e instituições culturais tenham acesso a peças que possam integrar coleções tanto públicas quanto privadas”, argumenta o pesquisador.

Thiago Medeiros não deixa, no entanto, de lançar um olhar crítico sobre essa prática de comercialização, que pode estimular a retirada desses objetos de seus contextos originais, comprometendo informações históricas fundamentais. Ele relembra como muitas imagens sacras foram retiradas de igrejas coloniais, reaparecendo, depois, em antiquários, o que reforça a necessidade de que todas as peças tenham documentação que ateste sua procedência.

O retorno ao passado pelos objetos antigos tem sido estimulado por movimentos *vintage*, que, além de resgatar a nostalgia em torno de peças do século passado, promovem o consumo sustentável e consciente. Para além de uma moda, o componente afetivo está presente na maioria das pessoas que buscam os antiquários, motivados pelas lembranças pessoais da infância ou de antepassados.

“Objetos antigos carregam pura e estrita afetividade. Aquela cadeira de palha que tinha na minha casa e hoje não se comercializa mais, mas que eu passei minha infância e adolescência sentando-se nela, se eu quiser reviver esse afeto e memória à mesa, eu posso garantir isso comprando uma cadeira daquela. Esses objetos materiais fazem parte das nossas experiências humanas, por isso os antiquários são importantes espaços para memória social e a lembrança individual”, frisa o historiador.



Cantor, compositor, radialista, publicitário e líder sindical, Jatahy, com a parceria de Hilton Motta, fundou, em 1944, a difusora A Voz de Campina Grande

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Cantor, compositor, radialista, publicitário e líder sindical que, de passagem pela Paraíba, deixou marcas importantes como um dos pioneiros da radiofonia campinense. A voz do seresteiro cearense José Jatahy ecoou nos palcos, nos microfones das antigas difusoras e pelas ondas hertzianas com a mesma força e convicção com que defendeu, até o fim da vida, seus ideais de luta pelos direitos dos trabalhadores, quando retornou a sua terra natal.

José Pattápio da Costa Jatahy nasceu em Fortaleza (CE), em 10 de novembro de 1910. O filho de Carlos Jatahy e Benvida Costa Jatahy era conhecido, ainda na juventude, como grande seresteiro e por sua voz potente foi um dos primeiros convidados a compor o quadro de profissionais da recém-fundada Ceará Rádio Clube, PRE-9, em 1934. Por muito tempo, o cantor boêmio foi a grande atração da primeira emissora de rádio cearense, fama consolidada quando ganhou como melhor intérprete de um festival realizado em 1942, no Teatro José de Alencar.

Apesar do grande apelo popular, que o tornava conhecido “o pioneiro do rádio” e “O maioral”, Jatahy era um músico militante, envolvido na política partidária e, confessionalmente, comunista, algo que não era bem-visto pelas oligarquias locais da época. Por causa disso, o diretor da emissora cearense, João Dummarr, buscava, sem sucesso, um substituto para o seu talento. Foi nesse contexto que o seresteiro decidiu viajar para recomçar sua trajetória na Paraíba.

ba, onde — como revela uma nota publicada pela edição do jornal A União de abril de 1945 — era considerado “o aplaudido intérprete da nossa música popular”, reconhecido por suas apresentações em festivais, emissoras de rádio da capital e *shows* nos clubes locais.

O cantor cearense fixou-se em Campina Grande com o objetivo de dar início a realização de seu grande sonho: criar e montar sua própria emissora de rádio. Para isso, contou com a parceria de Hilton Motta, com quem fundou, em 1944, a difusora A voz de Campina Grande, um serviço de alto-falantes instalado nos principais pontos das ruas, praças e demais logradouros campinenses, cuja sede ficava nas salas do primeiro andar do Edifício Esial. O jornalista e memorialista Gilson Souto Maior destaca que a difusora “promovia programações que movimentavam a cidade, com programas de calouros, que contavam, inclusive, com presenças importantes como a de Jackson do Pandeiro”.

Segundo o radialista Pereira Nascimento, a radiodifusão campinense deve muito à iniciativa de José Jatahy. “Foi justamente a difusora A voz de Campina Grande que colocou no mercado de trabalho os excelentes locutores da fase inicial do rádio em Campina Grande, como os nossos saudosos Gil Gonçalves, o inesquecível Hilton Motta, o gatinho Juventino e muitos outros que, aos poucos, foram sendo revelados pela Rádio Cariri AM, a primeira emissora fundada em Campina [...] tendo o seu primeiro transmissor e antena irradiante instalados ao lado do açude de Bodocongó”, relata o autor do livro *História da radiodifusão na Paraíba*.

angelicallucio@gmail.com

Angélica Lúcio

O defeso eleitoral chega e a informação desaparece

Está aberta a temporada de suspensão de perfis de órgãos públicos, ocultação ou arquivamento de matérias em sites e portais, além da interrupção de publicações nas redes sociais. Comunicadores de todo o Brasil, em órgãos federais e estaduais, estão trabalhando dobrado nas últimas semanas para dar conta das demandas relacionadas ao defeso eleitoral — como é chamado o período que vai de 4 de julho a 25 de outubro de 2026. O cidadão, porém, muitas vezes sai perdendo com isso.

Nesse prazo, fica proibida toda publicidade institucional, salvo em caso de grave e urgente necessidade pública (assim reconhecida pela Justiça Eleitoral), bem como o uso de nomes, *slogans*, símbolos, expressões, imagens ou outros elementos que permitam identificar autoridades ou governos que estejam disputando cargos eletivos.

O entendimento adotado por muitos órgãos é o de que conteúdos que possam ser caracterizados como publicidade institucional não devem permanecer em destaque durante o período eleitoral. Daí vem o excesso de zelo — e até o medo — de colegas da área em deixar passar algo que possa ser interpretado como irregular pela Justiça Eleitoral ou por eventuais adversários políticos, quaisquer que sejam suas bandeiras partidárias. O defeso eleitoral começa e muitos conteúdos deixam de estar disponíveis ao cidadão.

Na ânsia de evitar que algo seja considerado publicidade institucional, tornou-se comum a corrida dos setores de Comuni-

Anúncio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) é um exemplo sobre a suspensão temporária de perfis de órgãos públicos por conta do defeso eleitoral

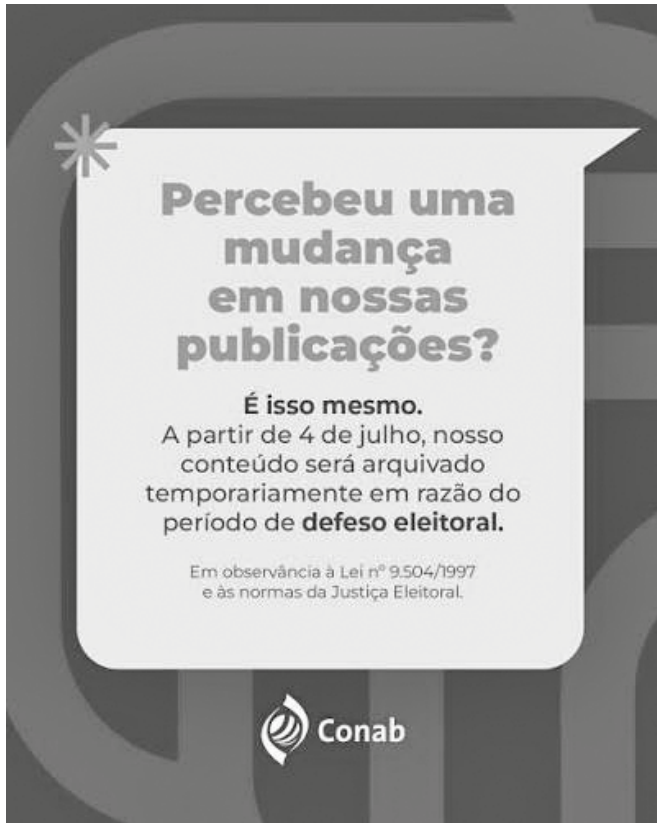


Imagem: Reprodução/Conab

cação para realizar levantamentos e análises de materiais já publicados, além da checagem urgente de sistemas, documentos, canais e outros produtos passíveis de adequação durante o período, em razão das restrições impostas pela legislação eleitoral. Muitos órgãos optam por ocultar tudo o que foi publicado em redes sociais, inclusive conteúdos que, aparentemente, não promovem agentes públicos nem afrontam os princípios constitucionais da administração pública.

Compreendo o excesso de zelo e também me incluo entre aqueles que precisaram ocultar publicações em portais. Fiz isso no defeso eleitoral de 2022 e também agora. Tenho seguido à risca as orientações que recebo. Essa prática, no entanto, não me impede de avaliar criticamente o momento. Daí vem uma reflexão: estamos mesmo fazendo comunicação pública no dia a dia? Se grande parte do conteúdo precisa ser ocultado durante o período eleitoral, talvez ainda exista uma confusão entre comunicação pública e

comunicação de governo. E o pior: muitas vezes, isso não parte dos profissionais da área, mas do gestor de ocasião.

Para mim, a prova de que há algo errado em nossas práticas reside, justamente, em alguns dos argumentos que leio para justificar a postura adotada pela comunicação institucional nessa época do ano. Em uma das publicações com as quais me deparei (o nome do órgão não vem ao caso, já que esses comunicados costumam se assemelhar), explicava-se à população o que é o defeso eleitoral e que, nesse período, as instituições públicas devem seguir regras específicas.

Em seguida, era informado que tais normas têm o objetivo de garantir a igualdade entre candidatos, a neutralidade institucional, o uso adequado da comunicação pública, a proteção contra o uso da máquina pública e a divulgação de informações voltadas à prestação de serviços. Em outras publicações, li ainda que, durante o período eleitoral, a prioridade deve ser a veiculação de conteúdo educativo, estritamente informativo ou pedagógico, sem promoção de governos.

Ora, mas a comunicação institucional precisa observar o interesse público, a impessoalidade, a neutralidade político-partidária e a transparência em todo e qualquer tempo. Práticas que divergem desse espírito republicano devem ser proibidas e combatidas forma permanente, e não apenas nos meses que antecedem as eleições. Reforço: essa postura deveria ser a regra, e não a exceção. Pelo bem da sociedade e em respeito ao que preconiza a Constituição Federal.

José Jatahy

Um dos pioneiros da radiofonia campinense

Realeza

Como compositor, “o último seresteiro” teve duas de suas músicas interpretadas por Luiz Gonzaga: “Eu vou pro Crato” e “Desse jeito sim”

Ainda segundo o radialista, a Rádio Cariri contava com uma programação variada, estruturada no tripé música, esportes e informação. Uma das criações de sucesso da emissora foi o *O Ser-tão é assim*, transmitido pela primeira vez na noite do São João, diretamente do auditório da emissora, onde Jatahy reunia cantadores como José Alves Sobrinho, João Siqueira de Amorim e Lourival Bandeira Lima. Mesmo passada a época dos festejos juninos, o programa continuou a ser produzido, tornando-se atração semanal.

Companheiro de trabalho de Hilton Motta e Gil Gonçalves, Souto Maior conta que a primeira emissora campinense teve duração breve. “A falta de recursos de seus fundadores fez com que a Cariri paralisasse suas transmissões por um tempo. Vendida ao senador Epitácio Pessoa Cavalcanti, voltou a funcionar com estúdios instalados no Edifício Pernambucano, à Rua João Pessoa, no Centro de Campina Grande, e transmissor no Alto da Bela Vista”, relata em seu livro *Rádio: história e radiojornalismo*.

Os silêncios pelos quais passou a emissora não pararam por aí, passando por diferentes mãos, como a do empresário e político Severino Cabral, do Grupo Diários Associados, da Igreja Universal e, finalmente, o ex-prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro. Quanto a José Jatahy, despediu-se de Campina Grande por volta de 1956, re-

tornando definitivamente para sua terra natal, onde procurou conciliar música, luta sindical e comunismo.

“O retorno de Jatahy à rádio mereceu destaque na imprensa local. O jornal *O Povo* dedicou meia página do impresso para prestigiar a volta do ‘último seresteiro’ na programação da rádio local Ubiratã. Jatahy retorna a Fortaleza exercendo a atividade profissional como compositor, cantor, priorizando o lado comercial na confecção de *jingles* para rádio”, relata a pesquisadora Bárbara Santos, em sua dissertação de mestrado.

No exercício de seu lado de compositor, ele teve duas de suas músicas interpretadas pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga: “Eu vou pro Crato” e “Desse jeito sim”. Mobilizou, ainda, seus talentos artísticos para compor a letra e a música dos hinos dos principais times rivais de seu estado: o Ceará e o Fortaleza. À frente do Sindicato dos Músicos do Ceará, Jatahy retoma sua atuação política, conciliando a música com a organização social dos trabalhadores, compondo canções

de luta como “Hino dos ferroviários”, “Piso no arranque” (dedicada aos motoristas), “Canção da juventude” e o “Hino do pacto sindical”, cantada pela primeira vez nas comemorações do 1º de maio de 1962.

Grande agitador que era, José Jatahy não se acovardou com a Ditadura Militar e foi para a Praça José de Alencar, no Centro da capital cearense, conchamar o povo à resistência com um discurso inflamado que culminaria em sua prisão. A repressão, no entanto, não calou o comunista que, como conta a pesquisadora e professora de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Lucili Cortez, procurava elevar o moral dos companheiros presos com ele, no quartel do 23º Batalhão de Caçadores, saltando sua voz possante.

“Enquanto no cárcere a ocupação do espaço reproduzia a estrutura da sociedade cearense, as oposições e lutas pelo poder entre os presidiários eram resolvidas através de batalhas musicais. José Jatahy, representante sindical, era chamado ‘a alma do Pi-

rambu’ (bairro proletário), pela voz de barítono ao cantar na hora do banho. Osvaldo Evandro Carneiro Martins, professor, com voz de ‘tenor doméstico, de estilo italiano’ era chamado o ‘rouxinol da Aldeota’” (bairro burguês), relatou a professora.

O perfil do músico José Jatahy nos relatórios militares o descrevia como responsável por introduzir “o comunismo em seu sindicato, na tentativa de mudança do nosso regime. [...] Já não mais músico brasileiro. Era músico comunista. Empregava sua profissão, arte relevante em motivação psicológica, no aliciamento comunista. [...] O denunciado Jatahy é músico. Penetrava no meio estudantil, no Sindicato dos Ferroviários e em outros centros profissionais tão somente para estimular a baderna, para desmantelar a disciplina e criar ambiente mais favorável à comunização, às mudanças dos princípios constitucionais brasileiros”.

A Ditadura Militar cassou o espaço de atuação sindical do músico, além da imposição de censura nas rádios ou apresentações públicas. José Jatahy faleceu em 19 de maio de 1983, na cidade de Fortaleza, com 72 anos de idade, sem ver a total redemocratização do país pela qual tanto lutou. Em 2010, por ocasião de seu centenário de nascimento, foi homenageado dando seu nome a uma importante avenida que atravessa seis bairros da capital cearense.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Tocando em Frente



Das divas do rádio às estrelas do pop, rock, iê-iê-iê e da Jovem Guarda — VII

Surgida no meio artístico no início dos anos 1960, Rosemeire Pereira Gonçalves (Rio de Janeiro-RJ, 1945) viveu a infância no subúrbio carioca de Bonsucesso. Com apenas 15 anos, chegou ao mundo do disco, gravando na Chantecler o 78 rpm “Fala, coração” (Jorge Duarte e Norival Reis) e “Também sou mulher” (Neuza Teixeira e Jader), com produção do já então celebrado maestro Guerra Peixe, mas foi somente com o começo da Jovem Guarda, já com o nome artístico de Rosemary, que ela se tornou conhecida nacionalmente no universo fonográfico e artístico (TV e rádio), assumindo os epítetos de “Fada do Iê-iê-iê”, “Fada Loura” e “Bonequinha Loura”.

Nesse ambiente, em 1963–1964, pela RCA Victor, foi lançada, em compacto simples, a convidativa e atraente “Dança dos brotos”, versão de Hélio Justo para o hit italiano “Ballo del mattone”, de Enrico Ciacci e Bruno Canfora: “Oh não seja ciumento / se com os outros danço o rock / Não, não fique furioso...”

Ainda em 1964, gravou o sucesso “Que me importa o mundo”, (versão para o sucesso, “Che m’importa del mondo”: “Que me importa o mundo / se bem junto de mim estás”); a que se seguiu “Igual a ti não há ninguém”, do original “Come te no c’e nessuno”: “Igual a ti não há ninguém / Não existe no mundo / Dos teus olhos profundos me vem / tanta tristeza” — ambas originais de Rita Pavoni (Turim, Itália, 1945), com temas bem dentro do estilo daquele momento. À esse propósito, foi Rosemary quem primeiro lançou o estilo de cantar dançando, bem ao estilo do que fazia a italiana, cujos trejeitos



Cantora Rosemary durante apresentação no Encontro Nacional da Jovem Guarda em 1966, em São Paulo

chegaram ao Brasil, por meio do vídeo e da dança de “Datemi un marrello”, mas, aí já seria outra estória... Ainda, a título de

curiosidade: havia os que pretendiam deixar Rosemary de fora da Jovem Guarda, no caso, os empresários de Wanderléa.

Erasmus, então, contestou as invenções (hoje, seriam *fakes*), dedicando a Fada Loura a criação dele “O sonho de todas as moças” e passando a produzir alguns trabalhos dela.

O fato é que, rememorando os tempos, na estreia do programa *Jovem Guarda*, lá estava Rosemary, entre os demais convidados: Incríveis, The Jet Black’s, Tony Campello, Wanderléa, Ronnie Cord, Prini Lorez (nome artístico de José Gagliardi Jr. ou Galli Jr.) e, óbvio, Roberto e Erasmus.

No auge da Jovem Guarda, quando já apareciam as “louras” Vanusa e Waldirene, Rosemary, deixando o seu espaço naqueles momentos, enveredou por outros estilos da MPB, num viés mais romântico e tradicional. Gravou, então, um compacto duplo, em homenagem a Carmen Miranda e Chiquinha Gonzaga, no qual já demonstrava adesão à nossa chamada música de raiz: “Abre alas”, “Camisa listrada”, “Taí, “Lua branca” e “Corta jaca”. Por essa época, participou, nos EUA, com a presença do presidente Jimmy Carter, no auditório da Casa Branca, do evento de inauguração do Museu Carmen Miranda.

Naqueles tempos de Jovem Guarda, houve várias incursões de astros e estrelas em produções cinematográficas em que “eles” faziam pares amorosos com “elas”, porém, cujos sucessos tornaram-se irrelevantes para as respectivas carreiras artísticas.

No ano 2000, foi homenageada pela Escola de Samba de Mangueira, do qual fazia parte. Rosemary encontra-se afastada dos meios artísticos, mas deixou-nos um legado que faz com que não a esqueçamos.

